



Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes | Grupo Lusófona

**Projecto de Reabilitação
de Edifícios Rurais em Xisto, No Parque Natural de Montesinho:
O Caso de Quintanilha**

Dissertação Para Obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Avançados de Arquitectura do Mestrado Integrado em Arquitectura

Discente: João Pedro Vasques Leopoldo
Numero: 20092141

Orientador: Professor Doutor Luíz Filipe Pires da Conceição

Portimão

30 de Setembro de 2015

JOÃO PEDRO VASQUES LEOPOLDO

**PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS RURAIS
EM XISTO, NO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO:
O CASO DE QUINTANILHA.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 16/11/2015 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 19/2015, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Mostafa Zekri

Vogais:

Prof. Doutor Hugo Philipe H. da Nazareth
Fernandes de Cerqueira (Arguente)

Orientador:

Prof. Doutor Luiz Filipe Pires Conceição

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2015

Projecto de Reabilitação de Edifícios Rurais em Xisto,
No Parque Natural de Montesinho:
O Caso de Quintanilha

Agradecimentos

Aos meus Pais e Irmã, pelos valores que sempre souberam transmitir, pelo apoio incondicional, pela compreensão e por tudo aquilo que sempre fizeram e continuam a fazer por mim.

Aos meus colegas e amigos, pela paciência, disponibilidade pelas noites perdidas, pelo companheirismo, mas acima de tudo pela amizade.

Ao Professor Doutor Luiz Filipe Pires da Conceição, por todo um processo de orientação, não só na presente Dissertação, mas também ao longo de todo o percurso académico.

Ao Professor Doutor Hugo Nazareth Fernandes, pela amizade, por toda a ajuda e tempo disponibilizados e por todos os concelhos.

Ao Professor Rui Sambado, pela amizade e por toda a disponibilidade ao longo de todo o percurso académico.

Ao Corpo Docente do ISMAT que directa ou indirectamente contribuiu para a minha formação enquanto pessoa e futuro profissional.

Ao Ex.mo Vice-Presidente da Câmara Municipal de Bragança, Paulo Jorge Almendra Xavier, pelo disponibilizar de toda a informação requerida para consulta e pelo interesse e apoio demonstrados ao longo do processo de execução deste trabalho.

Resumo

Entende-se que a riqueza natural e paisagística do maciço Montanhoso Transmontano Português e os valiosos elementos culturais das comunidades humanas que ali se estabelecem justificam que urgentemente se iniciem acções com vista à salvaguarda do património e à animação sócio-cultural das populações.

A presente Dissertação tem como principal problemática a reabilitação de edifícios em Pedra Xisto no espaço Rural do Nordeste Transmontano de Portugal, pretendendo-se assim produzir matéria capaz levar á melhoria dos processos de construção e de reabilitação destes espaços, cujo estado de conservação é, em grande parte dos casos, preocupante, e tudo devido ao seu estado de degradação ou a más intervenções de reabilitação sofridas.

Sendo o autor da presente Dissertação natural da cidade de Bragança e com fortes ligações à aldeia de Quintanilha, surgiu como foco de preocupação principal a escolha de um tema de projecto que se identificasse com o próprio e com as suas raízes, e que servisse em simultâneo de exemplo para intervenções futuras por parte de outros em casos de reabilitações em aldeias de xisto em Portugal.

Assim sendo e para efeitos de estudo e execução de projecto, foi escolhida a aldeia de Quintanilha situada no conselho de Bragança, Nordeste Transmontano Português, inserida no Parque Natural de Montesinho.

Procura-se assim, enaltecer as características e técnicas construtivas deste tipo de arquitectura vernacular, procurando contribuir para a salvaguarda das mesmas e por meio da proposta de projecto, a criação de espaços destinados a Turismo de habitação e de Albergue, espaços que visam dinamizar e melhorar a qualidade de acolhimento a todos aqueles que procuram pelas mais variadas razões visitar a aldeia de Quintanilha.

Palavras Chave: Reabilitação; Conservação; Arquitectura Vernacular; Técnicas Construtivas; Aldeias de Xisto; Turismo de habitação; Aldeia de Quintanilha.

Abstract

It is understood that the natural and rich Portuguese landscape of massive mountainous Tramontane and valuable cultural elements of human communities that are established there, justify that the actions to safeguard the heritage and the socio-cultural activities of the population will be urgently initiated.

The main problematic issue of this dissertation is the rehabilitation of buildings in Schist Stone in the Rural area of the northeastern Tramontane of Portugal, intending thus to produce matter that is capable to bring the improvement in the construction processes and rehabilitation of these areas, whose condition is in most cases, a matter quite concerning, and all because of its poor state of repair or the bad rehabilitation interventions it undergone.

Being the author of these dissertation and also being native from the city of Bragança and with strong bonds to the Village of Quintanilha, it became as the focus of major concern to choose a project theme that is identified with itself and with its roots, and simultaneously serving as an example for future interventions by others in cases of rehabilitation in shale villages in Portugal.

Therefore and for the purpose of study and project management, the village of Quintanilha located on the council of Bragança was chosen, Northeast Tramontane Portuguese, inserted in the Natural Park of Montesinho.

Thus looking to extol the construction features and techniques of this type of vernacular architecture, seeking to contribute to the protection thereof and through the project proposal, create spaces for Tourism housing an Hostel, spaces that aim to streamline and improve the quality of hosting to all those looking for a variety of reasons to visit the village of Quintanilha.

Key Words: Rehabilitation; Conservation; Vernacular Architecture; Construction Techniques; Villages of Shale; Housing Tourism; Quintanilha Village.

Índice

Índice	6
Introdução	13
Tema Objecto	14
Localização	14
Objectivos	15
Objectivos Gerais	15
Objectivos Particulares	15
Estado da Arte	17
Metodologia	17
Estrutura	17
Capítulo 1º Genius Loci	18
1.1 O Porquê	19
1.2. Caracterização	20
1.2.1 Localização	20
1.2.2. Caracterização da Área de Intervenção	24
1.3 O Local	30
1.3.1 O Quarteirão	30
1.3.2 O Logradouro	36
Capítulo 2º Programa	39
2.1 Programas de Apoio Ao Programa	40
2.1.1 Introdução	40
2.1.2. Programa das Aldeias Históricas (PAH)	42
2.1.3. Programa das Aldeias de Xisto (PAX)	43
2.1.4. Conclusão face aos Programas apresentados	44
2.2 Programa	45
Capítulo 3º PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS RURAIS EM	

XISTO, NO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO: O Caso de Quintanilha

	49
3.1. Memória justificativa do conceito	50
3.1.1 Introdução	50
3.1.2 Princípios e Critérios de Conservação, Reabilitação e Restauro de Edifícios Históricos	50
3.1.3 A arquitectura Local	51
3.1.4 Objectivos do projecto arquitectónico	61
3.1.5 Conceito e princípios gerais de intervenção da proposta	61
3.1.7 Pontos Gerais da Intervenção de Reabilitação Arquitectónica	63
3.2 Projecto	65
3.2.1 Conjunto habitacional para turismo de habitação	65
3.2.2 Albergue	67
3.2.3 Recepção	69
3.2.4 Loja do Xisto	72
3.2.5 Adega	74
3.2.6 Café/Bar	76
3.2.7 Logradouro	77
Notas Finais	81
Bibliografia	82
Apêndices	85

Índice de Imagens

Fig. 1. Enquadramento da área de intervenção face á Aldeia de Quintanilha Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha	14
Fig. 2. Enquadramento da Aldeia de Quintanilha face à cidade de Bragança. Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha	20
Fig. 3. Enquadramento da Aldeia de Quintanilha face ao Parque Natural de Montesinho. Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha	21
Fig. 4. Vista aérea da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha	22
Fig. 5. Vista Oste da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	23
Fig. 6. Esquisso Vista Sul da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	23
Fig. 7. Enquadramento da Área de Intervenção face à Aldeia de Quintanilha. Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&show=/32847585/pt/Área-de-Intervenção&search=quintanilha	24
Fig. 8. Área de Intervenção, Alçado Norte. Fonte: Autor	25
Fig. 9. Área de Intervenção, Alçado Oeste. Fonte: Autor	25
Fig. 10. Levantamento Planimétrico do Edificado Original (Anterior ao Século XVIII). Fonte: Autor	26
Fig. 11. Levantamento Planimétrico do Edificado Existente. Fonte: Autor	26
Fig. 12. Levantamento do Edificado Original Fachada Norte (Anterior ao séc XVIII). Fonte: Autor	27
Fig. 13. Levantamento do Edificado Original Fachada Oeste (Anterior ao séc XVIII). Fonte: Autor	27
Fig. 14. Levantamento do Edificado Original Fachada Sul (Anterior ao séc XVIII). Fonte: Autor	27
Fig. 15. Levantamento do Edificado Existente Fachada Norte. Fonte: Autor	28
Fig. 16. Levantamento do Edificado Existente Fachada Oeste. Fonte: Autor	28

Fig. 17. Levantamento do Edificado Existente Fachada Sul. Fonte: Autor	28
Fig. 18. Esquisto de Levantamento do Edificado Existente Fachada Sul. Fonte: Autor	29
Fig. 19. Esquisto de Levantamento do Edificado Existente Fachada Oeste. Fonte: Autor	29
Fig. 20. Esquisto Panorâmico da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	30
Fig. 21. Esquisto Panorâmico com Respectivos Quarteirões (Momentos Construtivos e Praças) da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	31
Fig. 22. Esquisto Planimétrico com Respectivos Quarteirões (Momentos Construtivos e Praças) da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	31
Fig. 23. Esquisto Planimétrico do Quarteirão a Intervir na Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	32
Fig. 24. Esquisto Planimétrico do Quarteirão a Intervir na Aldeia de Quintanilha Com Identificação Cronológica do Edificado. Fonte: Autor	32
Fig. 25. Esquisto Panorâmico com Identificação das Principais Vias da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	33
Fig. 26. Esquisto Planimétrico das Vias Principais da Aldeia de Quintanilha Com Interpretação de Orientações Cardeais e de Acordo com o Cardo e o Decúmano Romano. Fonte: Autor	33
Fig. 27. Esquisto Planimétrico das Vias Principais da Aldeia de Quintanilha Com Indicação dos Sentidos de Deslocação. Fonte: Autor	34
Fig. 28. Esquisto Panorâmico da Localização das Principais Praças da Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	35
Fig. 29. Esquisto em Vista Aérea da Proposta para a Área de Intervenção Com Destaque ao Logradouro. Fonte: Autor	36
Fig. 30. Esquisto Planimétrico da Localização e Relação Entre os Conjuntos Habitacionais e a integração dos Respectivos Logradouros na Aldeia de Quintanilha. Fonte: Autor	37
Fig. 31. Esquisto Logradouro vista Sul. Fonte: Autor	38
Fig. 32. Esquema de relações entre Programas Projecto Fonte: Autor	44

Fig. 33 Divisão por cor e por lote dos diferentes usos a atribuir na área de intervenção (Esquerda: Planta piso 0, Direita: Planta piso 1)	
Fonte: Autor	45
Fig. 34 Marcação das áreas projectadas para Turismo de habitação (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).	
Fonte: Autor	45
Fig. 35 Marcação das áreas projectadas para Albergue (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).	
Fonte: Autor	46
Fig. 36 Marcação das áreas projectadas para Zona de Recepção (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).	
Fonte: Autor	46
Fig. 37 Marcação da área projectada para Adega (Planta piso 0).	
Fonte: Autor	47
Fig. 38 Marcação da área projectada para Loja do Xisto (Planta piso 0).	
Fonte: Autor	47
Fig. 39 Marcação da área projectada para Café Bar (Planta piso 0).	
Fonte: Autor	48
Fig. 40 Marcação da área referente ao Logradouro (Planta piso 0).	
Fonte: Autor	48
Fig. 41. Pormenor construtivo em corte de Fundação Directa	53
Fonte: Autor	53
Fig. 42. Levantamento de vãos típicos (portas) realizado no local por meio de esquisso.	
Fonte: Autor	55
Fig. 43. Esquisso em corte de Cobertura em Lousa de acordo com as técnicas e materiais actuais.	
Fonte: Autor	57
Fig. 44. Pormenor construtivo de Cobertura em Lousa de acordo com as técnicas e materiais actuais.	
Fonte: Autor	57
Fig. 45. Esquisso representativo de encastramento, realizado no local.	
Fonte: Autor	58
Fig. 46. Pormenor construtivo de encastramento de acordo com as técnicas e materiais actuais.	
Fonte: Autor	59
Fig. 47. Vista lateral de uma escada em com degraus em laje de xisto assentes em alvenaria de pedra maciça.	
Fonte: Autor	59
Fig. 48. Vista frontal de uma escada em com degraus em laje de xisto assentes em alvenaria de pedra maciça.	
Fonte: Autor	60

Fig. 49. Marcação das áreas projectadas para Turismo de habitação (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).

Fonte: Autor 65

Fig. 50. Proposta de projecto para Turismo de habitação referente ao lote A1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 1).

Fonte: Autor 65

Fig. 51. Proposta de projecto para Turismo de habitação referente ao lote A3 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)

Fonte: Autor 66

Fig. 52. Proposta de projecto para Turismo de habitação referente ao lote A4 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)

Fonte: Autor 66

Fig. 53. Marcação das áreas projectadas para Albergue (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)

Fonte: Autor 67

Fig. 54. Proposta de projecto para Albergue referente ao lote B1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)

Fonte: Autor 67

Fig. 55. Proposta de projecto para Albergue referente ao lote B1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 1)

Fonte: Autor 68

Fig. 56. Marcação das áreas projectadas para Recepção (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)

Fonte: Autor 69

Fig. 57. Esquisso de estudo de fachada e de secção

Fonte: Autor 69

Fig. 58. Proposta de projecto para Recepção referente ao lote A2 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)

Fonte: Autor 70

Fig. 59. Proposta de projecto para Recepção referente ao lote A2 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 1)

Fonte: Autor 71

Fig. 60. Marcação da área projectada para Loja do Xisto (Planta piso 0)

Fonte: Autor 72

Fig. 61. Esquisso de estudo de fachada

Fonte: Autor 72

Fig. 62. Proposta de projecto para Loja do Xisto referente ao lote A1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)

Fonte: Autor 73

Fig. 63. Marcação da área projectada para Adega (Planta piso 0)

Fonte: Autor

Fig. 64. Esquissos de estudos referentes á Adega

Fonte: Autor

Fig. 65. Proposta de projecto para Adega referente a parte do lote B1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)

Fonte: Autor

Fig. 66. Marcação da área projectada para Café|Bar (Planta piso 0)

Fonte: Autor

Fig. 67. Proposta de projecto para Café|bar referente ao do lote C1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)

Fonte: Autor 76

Fig. 68. Marcação da área referente ao Logradouro (Planta piso 0)

Fonte: Autor 77

Fig. 69. Esquisso em Vista Aérea da Proposta para a Área de Intervenção Com Destaque ao Logradouro

Fonte: Autor 77

Fig. 70. Esquisso da Vista Noroeste do conjunto edificado face ao Logradouro

Fonte: Autor 78

Fig. 71. Esquisso da Fachada Este face ao Logradouro

Fonte: Autor 78

Fig. 72. Esquisso Logradouro Vista Sul

Fonte: Autor 79

Fig. 73. Esquema de relações entre o Conjunto Edificado, (piso 0), e o Logradouro

Fonte: Autor 79

Fig. 74. Esquema de relações entre o Conjunto Edificado, (piso 1), e o Logradouro

Fonte: Autor 80

Introdução

Tema | Objecto

O Tema da presente dissertação de mestrado desenvolvida trata de uma Intervenção arquitectónica em espaço rural de caris vernacular, mais precisamente, um conjunto habitacional direccionado para turismo de habitação, apoiado por, Albergue, Adega, Recepção, Café/bar, Loja de Xisto e Logradouro.

Localização

O espaço de intervenção situa-se na Aldeia e Freguesia de Quintanilha, pertencente ao Concelho de Bragança, com uma população 216 habitantes composta por 202 edifícios de habitação, de acordo com dados dos censos 2011, e com 24,887 Km² de área, apresenta uma densidade habitacional de 10,6 hab/km². Dista 17,5 km da sede de Concelho e está situada na margem da Ribeira de Mação. A aldeia de Quintanilha encontra-se ainda inserida no Parque Natural de Montesinho.

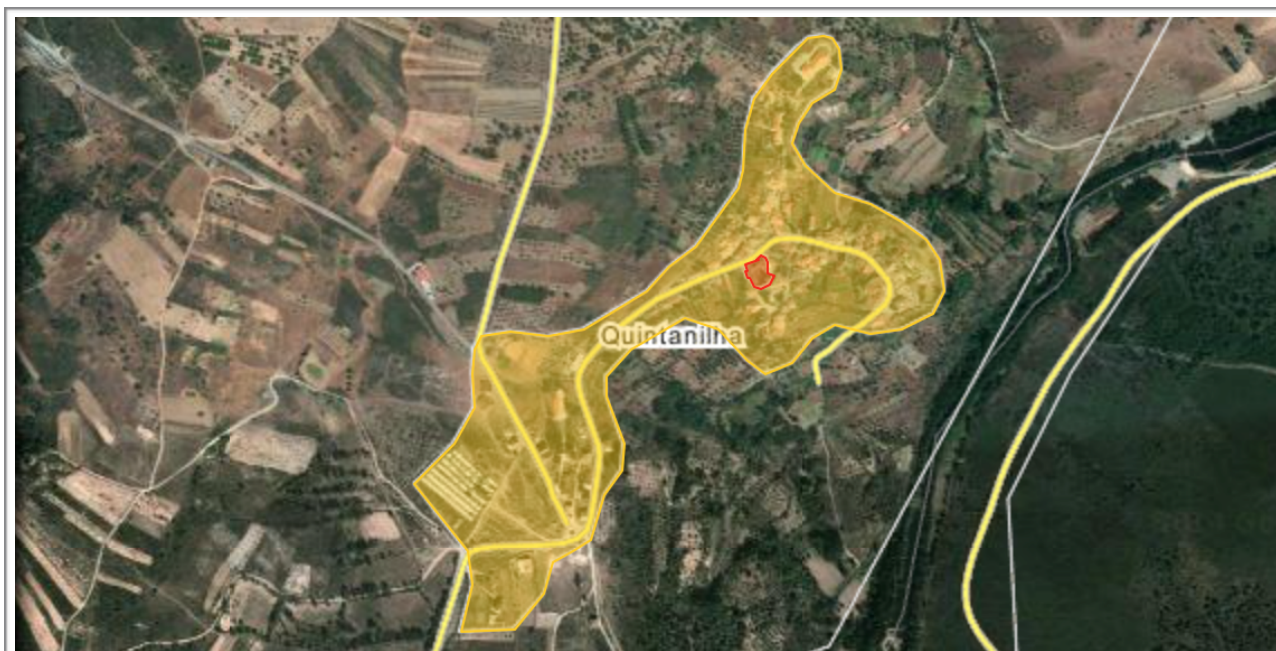


Fig. 1. Enquadramento da área de intervenção face à Aldeia de Quintanilha
Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha>

Objectivos

Objectivos Gerais

Tendo como base de estudo a Aldeia de Quintanilha, pretende-se, por meio da reabilitação e criação de um conjunto habitacional para turismo de habitação, de um albergue, de uma loja do Xisto, de uma Adega e um Café/Bar que procurarão funcionar como impulsionadores de atracção e desenvolvimento da aldeia, sendo que todos os espaços se encontram ligados por uma área de recepção e não menos importante, pelo logradouro.

Este objectivo procura conduzir à compreensão de como a recuperação e reabilitação seguindo as regras construtivas vernaculares do local, que de acordo com o programa proposto pelo autor da presente dissertação podem ser elementos propulsores da aldeia de Quintanilha, obtendo-se essa percepção pela caracterização do modo de vida, as características da arquitectura, a materialidade, a organização do conjunto habitacional, a capacidade e potencialidade de trazer uma nova vida à aldeia, tendo para tal em conta as necessidades contemporâneas do habitar e a forte vontade de atrair uma população jovem capacitada de dinamizar a área!

Objectivos Particulares

Pretende-se enaltecer a memória da Aldeia Quintanilha, através do evidenciar, do reconhecimento e da aplicação das técnicas construtivas inerentes à arquitectura vernacular praticada na região nordeste de Portugal.

O autor procura por meio da intervenção proposta criar uma forma de dinamização para a aldeia de Quintanilha, tentando salvaguarda-la do esquecimento.

Tendo para o efeito abordado objectos de estudo que se consideram pontos guias para a presente dissertação, tais como:

- O aprofundar em relação ao conhecimento sobre os materiais e técnicas de construção tradicionais;
- A recuperação da memória do local de intervenção, Quintanilha, por meio da recuperação de fachadas e coberturas através de uma intervenção cuidada dentro dos parâmetros da reabilitação;
- O recuperar das vivências no quarteirão por meio da requalificação do conjunto e do Logradouro;
- O adaptar da traça original e do trabalho de fachadas tradicionais da Aldeia de Quintanilha a uma nova organização espacial interior, no sentido de adaptar a habitação tradicional ao contexto contemporâneo;

- O conjugar, quando necessário, das alvenarias de Xisto com materiais e técnicas contemporâneas, no sentido de criar condições de habitabilidade de acordo com as exigências estruturais;
- O remontar e conjugar das coberturas típicas em ardósia com materiais isolantes contemporâneos, com a finalidade de corresponder às exigências térmicas e isolantes;
- O organizar dos espaços interiores através do melhoramento e apuro formal, sem que se percam as raízes que estabelecem contacto com o local, não desvirtuando assim os princípios que traduzem a sua força e autenticidade;
- Estabelecer a relação de continuidade entre o interior e o exterior dos diferenciados espaços, tendo em conta as diferentes realidades vividas no interior de cada um deles, sendo que a complexidade surge no estabelecer dessas mesmas relações;
- O pensar da relação do conjunto arquitectónico para com o logradouro, e vice-versa, que no seguimento do projecto surge como local de excelência e ferramenta de consolidação e de relações pessoais no âmbito do Projecto de arquitectura.

Estado da Arte

Nas últimas décadas, em Portugal, veio-se verificar uma crescente preocupação na requalificação e recuperação das aldeias pertencentes ao mundo rural e de carácter vernacular. Espaços esses repletos de histórias e riquezas, com muito para oferecer, são espaços que valorizam e promovem a estratégia de desenvolvimento das áreas rurais envolventes.

Foram, nos últimos anos, lançados alguns programas que visam a recuperação de diversas aldeias, como o PAH (Programa das Aldeias Históricas de Portugal) e o PAX (Programa das Aldeias de Xisto). Estes programas têm como objetivo, funcionar como um impulsionador e como forma de ação em contextos sócio-económicos deprimidos cujas comunidades rurais se encontram frágeis e com dificuldades de afirmação. Procura-se assim valorizar os lugares e a memória a eles inerente, bem como o imenso património edificado, potencializar os seus recursos naturais e culturais, reanimar as suas atividades e tradições e divulgar locais esquecidos, locais esses cuja marca perdura no território.

Metodologia

A abordagem ao projecto passa por um conhecimento prévio do local, das suas necessidades, das suas falhas e das suas potencialidades.

Sendo que se encontra previsto para a respectiva área, o Programa de Reabilitação do Parque Natural de Montesinho, tomamos conhecimento da necessidade de aplicar os materiais originários da região e as técnicas construtivas da região de Quintanilha, abordando para isso vertentes distintas:

Vertente Técnica: compatibilidade entre materiais;

Vertente Estética: conjugar materiais tradicionais e materiais contemporâneos

Vertente Funcional: a adaptação do conjunto edificado de acordo com as necessidades exigidas pelo “habitar contemporâneo” e a sua interligação pelo Logradouro.

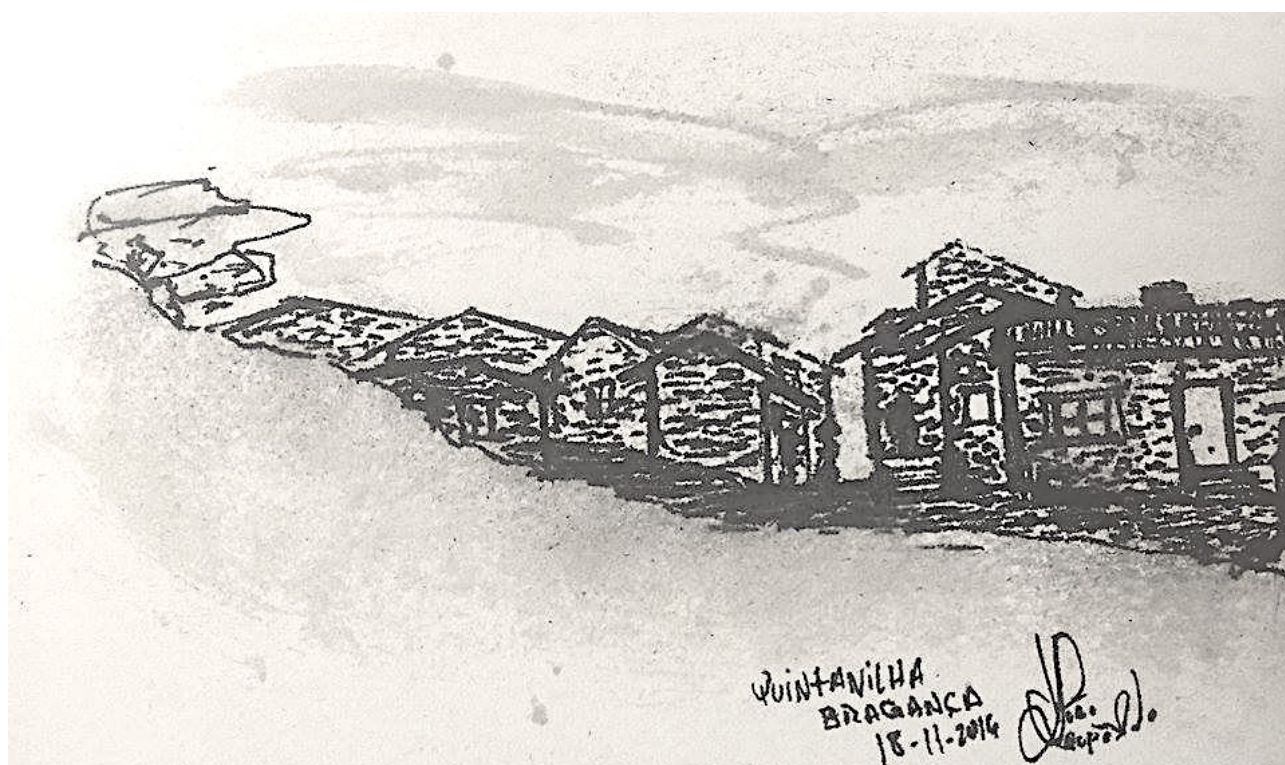
Estrutura

A presente dissertação encontra-se estruturada em três capítulos. O primeiro apresenta uma descrição e caracterização do local de intervenção de acordo com a análise do Genius Loci, explicando o porquê das escolhas específicas do local de intervenção.

No segundo capítulo, apresentam-se os programas de apoio, Programa das Aldeias Históricas (PAH) e o Programa das Aldeias de Xisto (PAX), e apresenta-se sucintamente o programa de intervenção proposto para a aldeia de Quintanilha, qual o seu âmbito e as suas justificações.

O terceiro e ultimo capítulo, centra-se no projecto, sendo que este apresenta primeiramente as características vernaculares da aldeia de Quintanilha e posteriormente das escolhas do âmbito da intervenção no projecto de reabilitação e de arquitectura, a descrição detalhada de cada um dos elementos do projecto sendo que num ultimo ponto são apresentadas as respectivas peças desenhadas.

Capítulo 1º | Genius Loci



1.1 O Porquê

O lugar só existe com a fusão e organização de vários aspectos. Mas dada a efemeridade destas configurações (memória colectiva, modismos da arquitectura e do urbanismo, etc.), a geografia física poderia ser o factor mais estável na definição da essência do lugar e o vector de interposição de certas categorias construtivas.

Assim sendo, a razão para a escolha do local de intervenção surge das origens e da vivência do autor desta dissertação, o conhecimento prévio do local de intervenção, das potencialidades e dos problemas inerentes ao lugar.

O território de Quintanilha, de carácter montanhoso e acidentado, abrange uma área extensa que se encontra delimitada pelo rio Maças (a leste, marcando a fronteira com o país vizinho). Faz parte integrante do Parque Natural de Montesinho, sendo esta área cativa pela sua paisagem agreste, são notáveis os exemplos de arquitectura vernacular, que utilizam os materiais característicos da região, maioritariamente a pedra xisto e as madeiras de Castanho e Carvalho. Exemplos esses resultaram da experiência de gerações que ao longo dos anos aperfeiçoaram e adaptaram as suas técnicas construtivas às exigências do meio ambiente do Nordeste Transmontano português.

1.2. Caracterização

1.2.1 Localização

A área de intervenção referida situa-se no Nordeste Transmontano, geograficamente inserido no Parque Natural de Montesinho, detém características muito próprias no que respeita à questão da paisagística.

A sua localização altimétrica, desenvolve-se entre as cotas 550 e 750, no sentido Sudeste / Noroeste, sendo que faz ainda parte da Meseta Central, (unidade de relevo mais antiga da Península Ibérica).

Inserida na orla nascente (e fronteira) do território concelhio, Quintanilha dista 31 quilómetros da Cidade de Bragança, unindo-se a esta através das Estradas Nacionais 218 e 218-1, sendo que recentemente foi inaugurado o troço, Bragança-Quintanilha, integrado no Itinerário Principal numero 4, (IP4), o que veio a encurtar a distância para 17,5 quilómetros. Quanto aos planos regentes de ordenamento territorial, Quintanilha insere-se na área de Reserva Ecológica Nacional, (REN) e na Área de Reserva Agrícola Nacional, (RAN), sendo que se rege pelo Plano de Ordenamento do Parque Natural de Montesinho.



Fig. 2. Enquadramento da Aldeia de Quintanilha face à cidade de Bragança.

Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha>

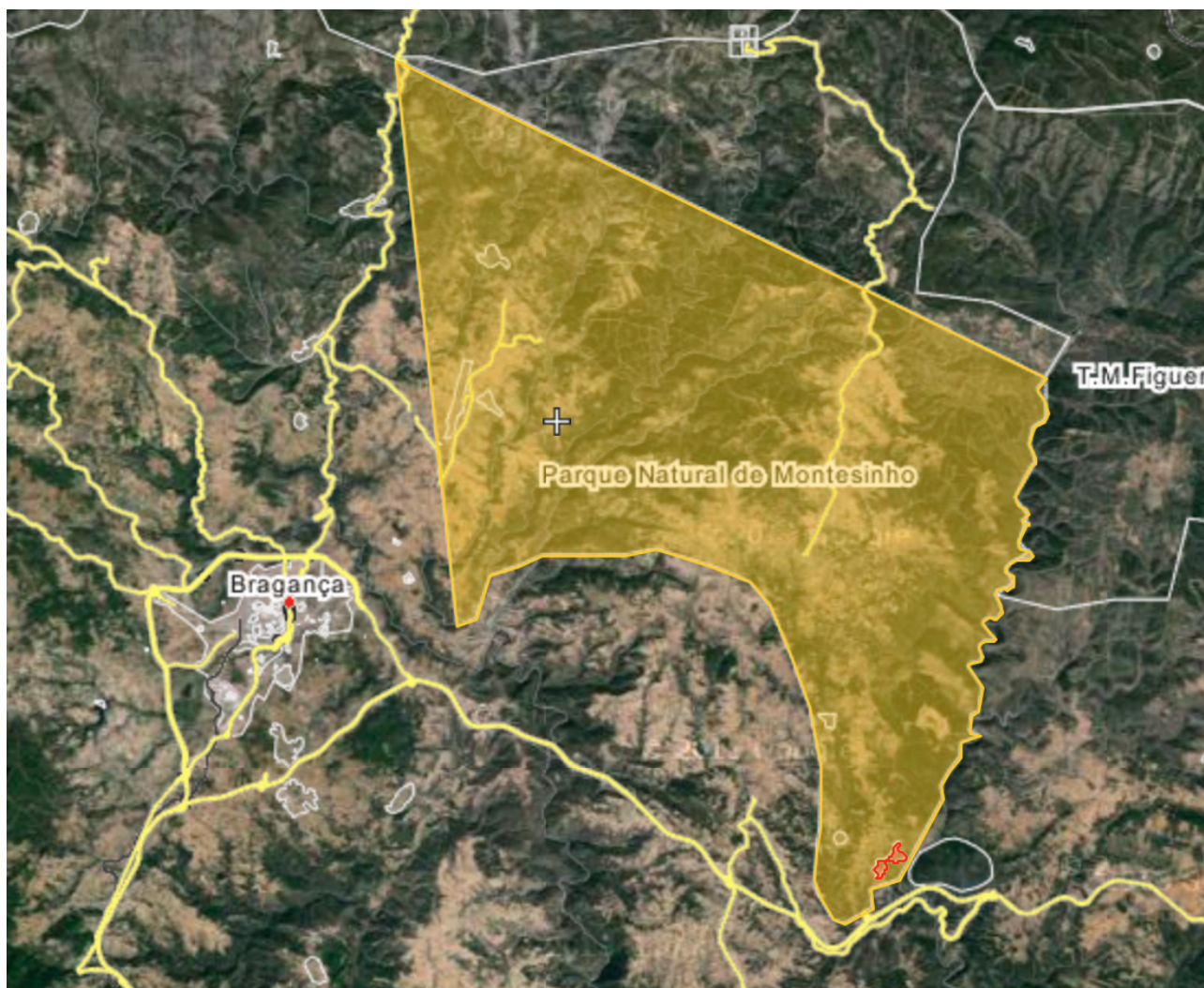


Fig. 3. Enquadramento da Aldeia de Quintanilha face ao Parque Natural de Montesinho.

Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha>



Fig. 4. Vista aérea da Aldeia de Quintanilha.

Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&search=quintanilha>



Fig. 5. Vista Oeste da Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

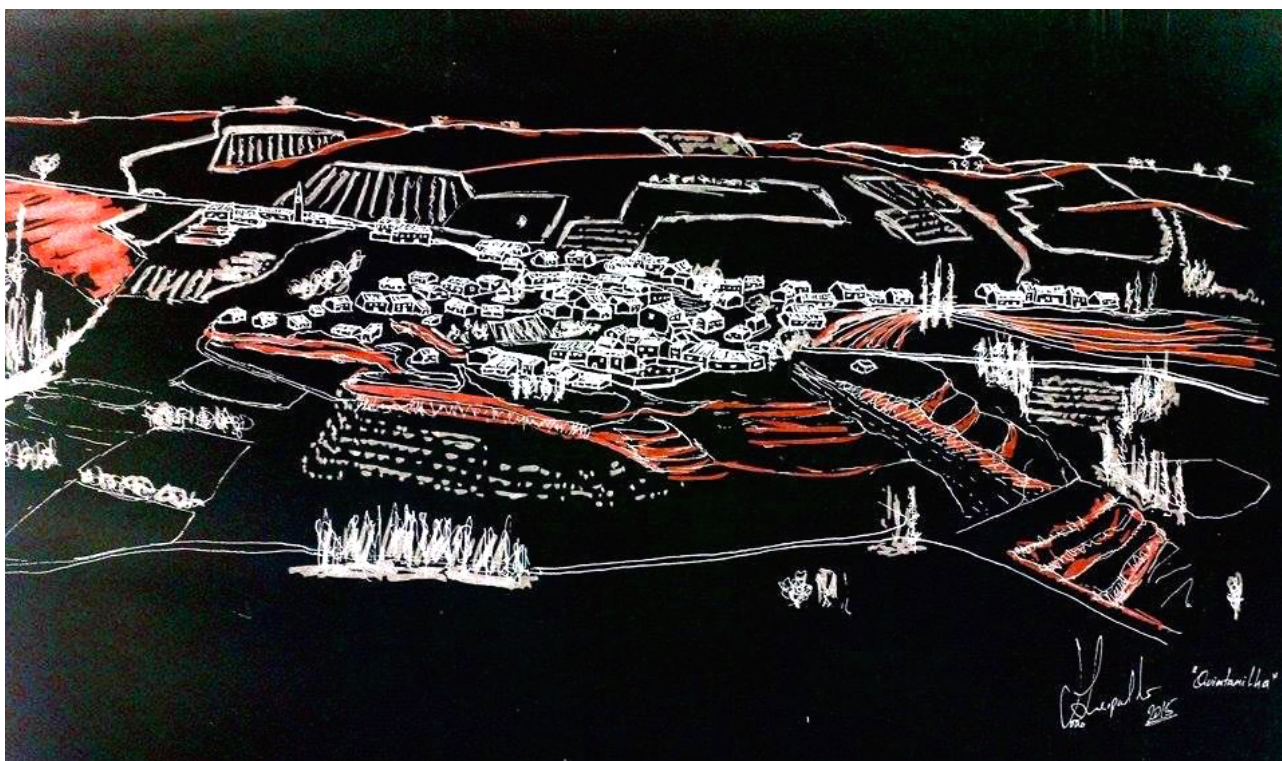


Fig. 6. Esquisso Vista Sul da Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

1.2.2. Caracterização da Área de Intervenção

Compõe-se por um aglomerado habitacional de seis edifícios, morfologicamente resultante da disposição dos edifícios em núcleos, formando assim um conjunto compacto de construções que se organizam entre si através de um imenso logradouro com orientação a sul, constituindo um todo homogêneo.

O Aglomerado habitacional referido representa um exemplo da casa rural tradicional transmontana de dois pisos, inserida na classificação de habitação tradicional, atribuída pela sua localização geográfica no Parque Natural de Montesinho e pela sua composição arquitectónica.



Fig. 7. Enquadramento da Área de Intervenção face à Aldeia de Quintanilha.

Fonte: Wikimapia. (2015). [Quintanilha, Bragança, Portugal] [Earth map]. Visualizado a partir de, <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=41.749800&lon=-6.572185&z=16&m=b&show=/32847585/pt/Área-de-Intervenção&search=quintanilha>

De configuração poligonal irregular, com uma área total de 1472m² e abrangendo duas vias de acesso o local de intervenção é composto por dois espaços físicos, área edificada, em “L”, (792,4m² + 53,4m²) e logradouro (597,6m²), sendo este circundado por um muro, também em alvenaria de Xisto (29,6m²).

Com a finalidade de facilitar o acesso à informação referente ao estado actual de cada uma das habitações/lotas do acima referido conjunto edificado criou-se um Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado, onde se identifica cada uma das habitações de modo alfanumérico (A1; A2, A3; A4; A5; B1), apresentadas em apêndice e onde se descreve de forma simples o actual estado do edificado, classificando-o de acordo com aquilo que seria uma intenção de modelo de Plano de Pormenor de Salvaguarda de Habitações Rurais em Xisto, a que o autor se propôs a criar.



Fig. 8. Área de Intervenção, Alçado Norte.
Fonte: Autor



Fig. 9. Área de Intervenção, Alçado Oeste.
Fonte: Autor

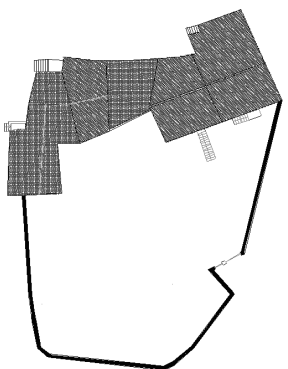
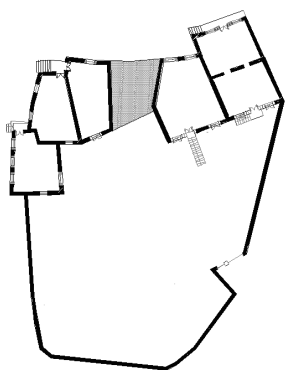
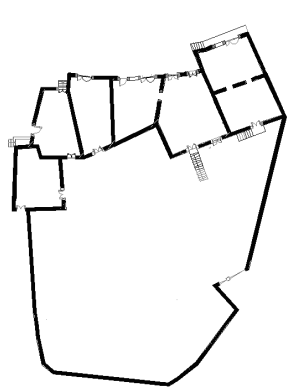


Fig. 10. Levantamento Planimétrico do Edificado Original (Anterior ao Século XVIII).
Fonte: Autor

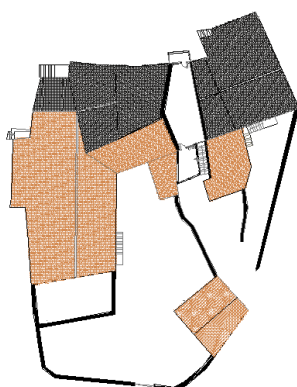
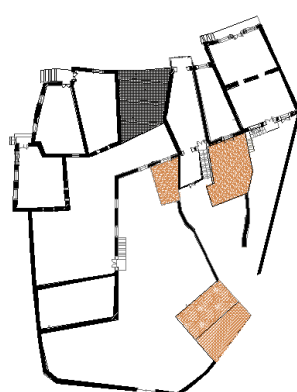
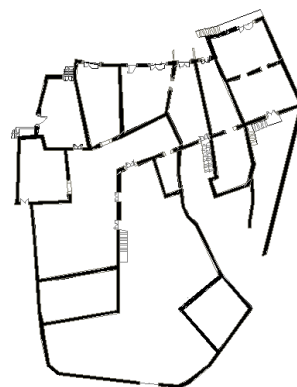


Fig. 11. Levantamento Planimétrico do Edificado Existente.
Fonte: Autor

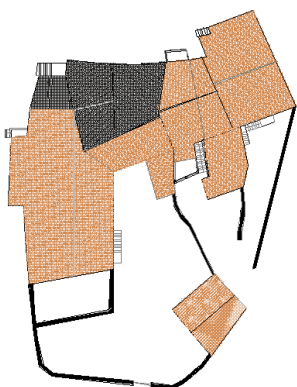




Fig. 12. Levantamento do Edificado Original Fachada Norte (Anterior ao séc XVIII).
Fonte: Autor

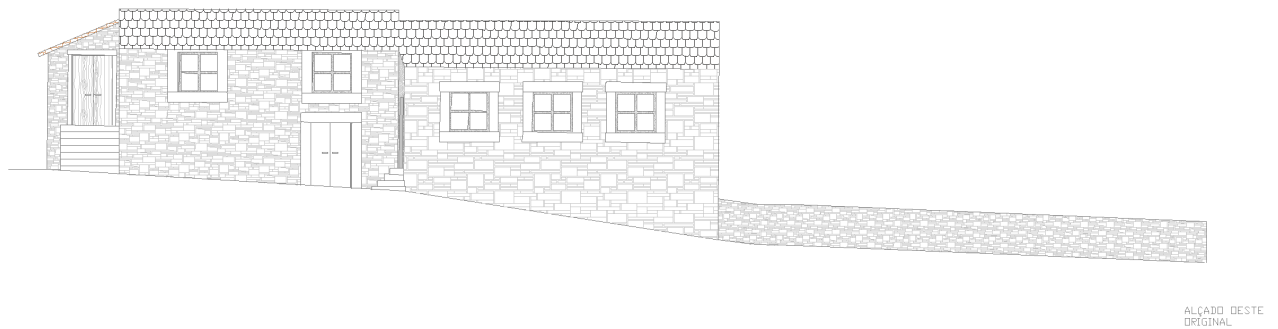


Fig. 13. Levantamento do Edificado Original Fachada Oeste (Anterior ao séc XVIII).
Fonte: Autor

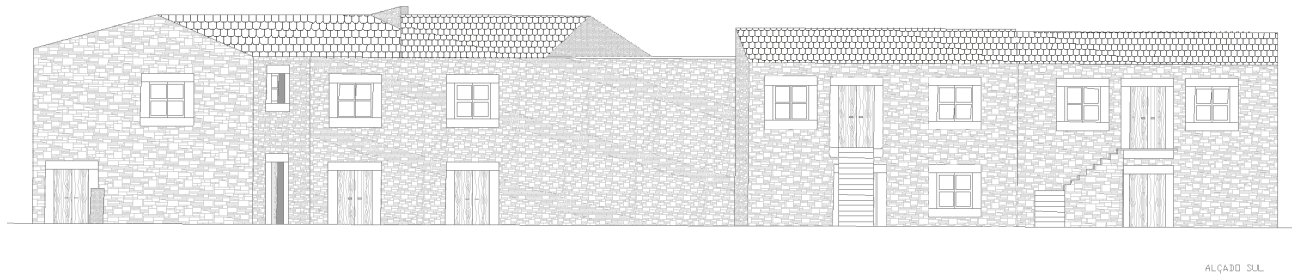
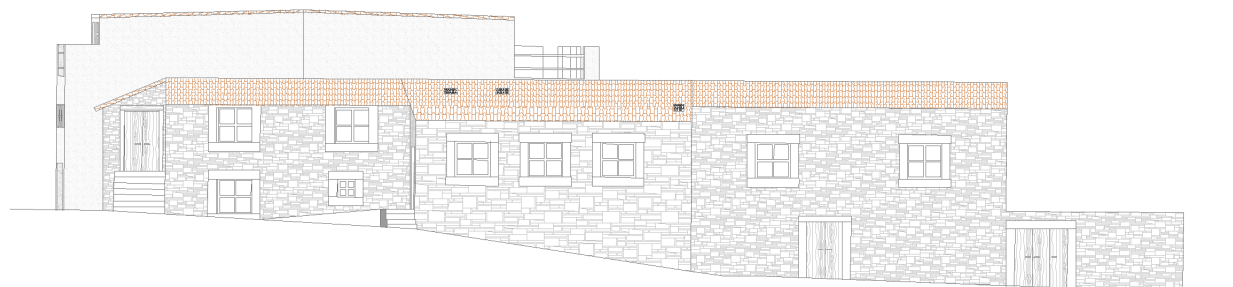


Fig. 14. Levantamento do Edificado Original Fachada Sul (Anterior ao séc XVIII).
Fonte: Autor



ALÇADO NORTE

Fig. 15. Levantamento do Edifício Existente Fachada Norte.
Fonte: Autor



ALÇADO OESTE

Fig. 16. Levantamento do Edifício Existente Fachada Oeste.
Fonte: Autor



ALÇADO SUL

Fig. 17. Levantamento do Edifício Existente Fachada Sul.
Fonte: Autor



Fig. 18. Esquisso de Levantamento do Edifício Existente Fachada Sul.
Fonte: Autor

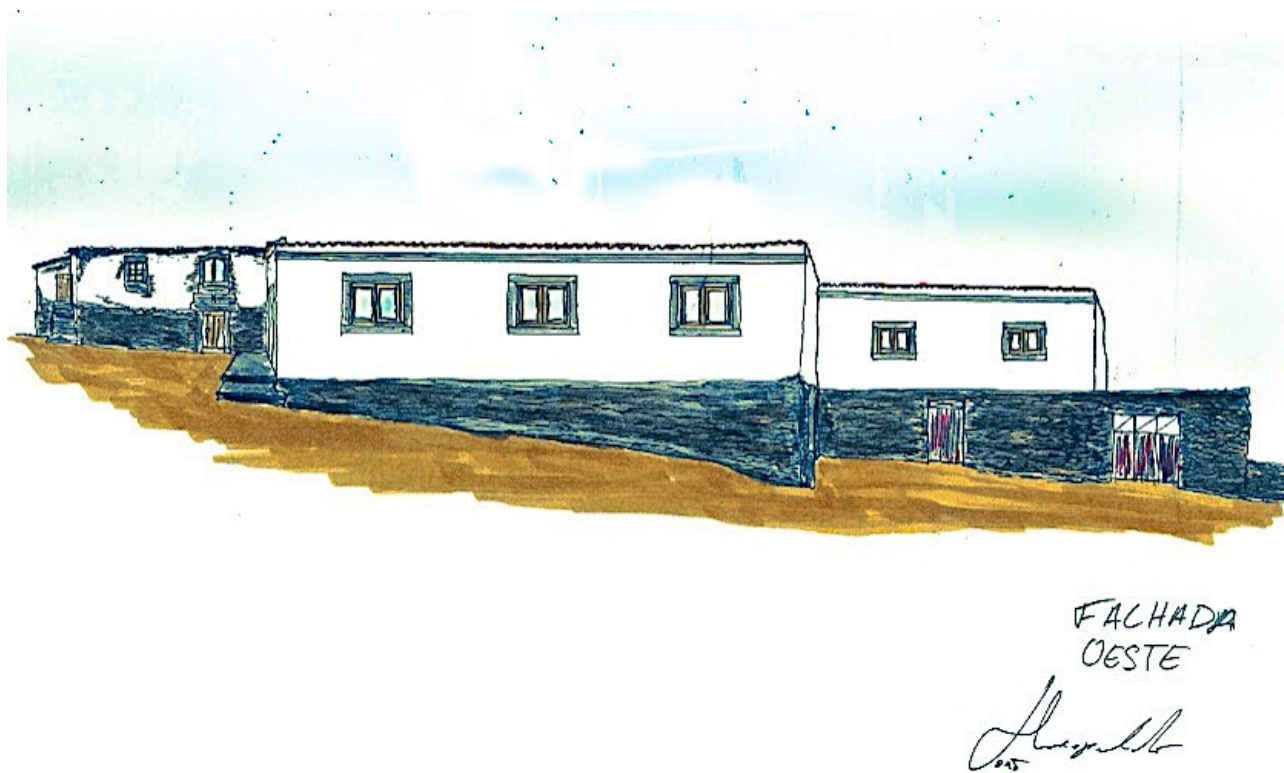


Fig. 19. Esquisso de Levantamento do Edifício Existente Fachada Oeste.
Fonte: Autor

1.3 O Local

1.3.1 O Quarteirão

A aldeia define-se a uma escala diferente quer da cidade quer da vila. Menor em dimensão e em concentração, regula-se por uma maior proximidade da natureza, da qual depende.

A agricultura é, geralmente, a base económica que fundamenta as formas dos aglomerados, quando agregada ao meio rural justifica por vezes as forças complexas constituintes da estrutura rural.

A habitação encontra-se naturalmente constituída por habitações isoladas, uni-familiares, com terreno envolvente, Logradouros, ou pátios que são utilizados como complemento à actividade agrícola de maior escala, ou por habitações em banda, ligadas entre si através das paredes meeiras, que são comuns a cada par de habitações, acompanhadas também dos consequentes logradouros que se subdividem consoante o numero de habitações existentes.



Fig. 20. Esquisso Panorâmico da Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

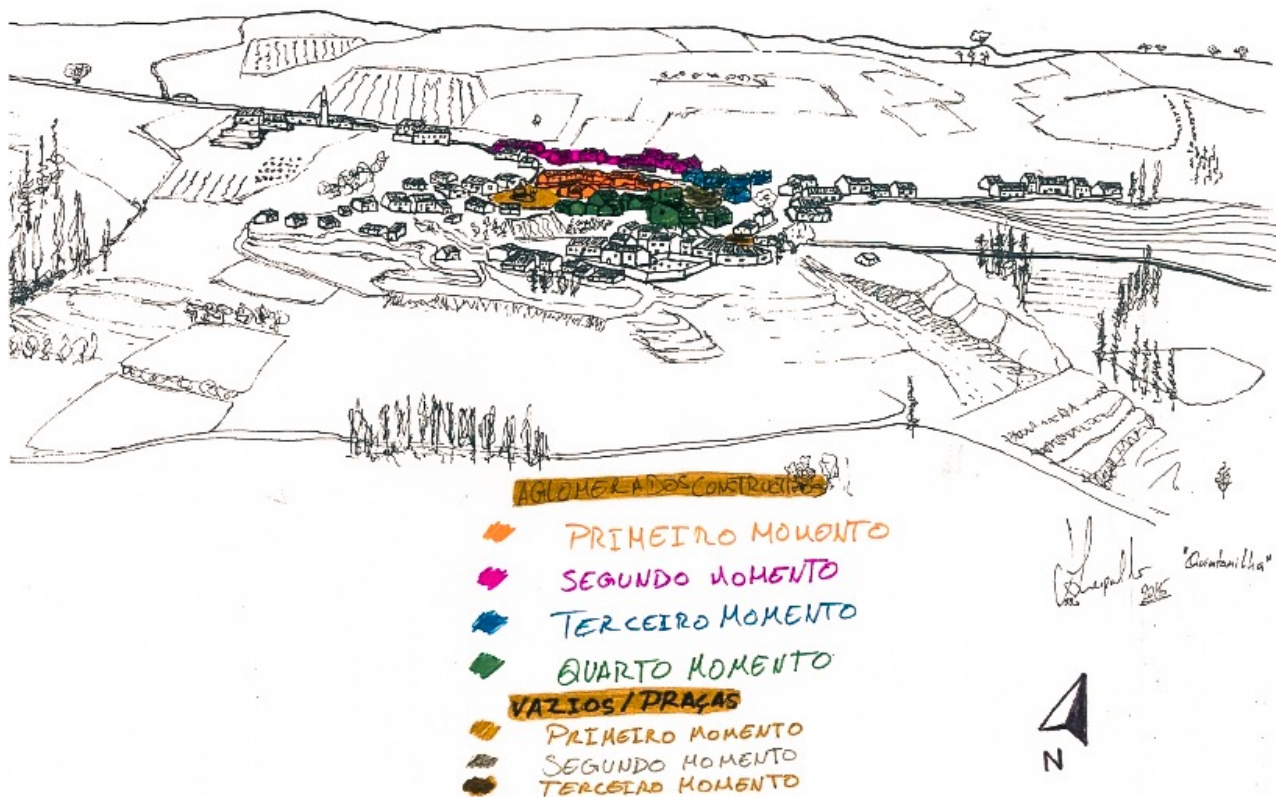


Fig. 21. Esquisso Panorâmico com Respetivos Quarteirões (Momentos Construtivos e Praças) da Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

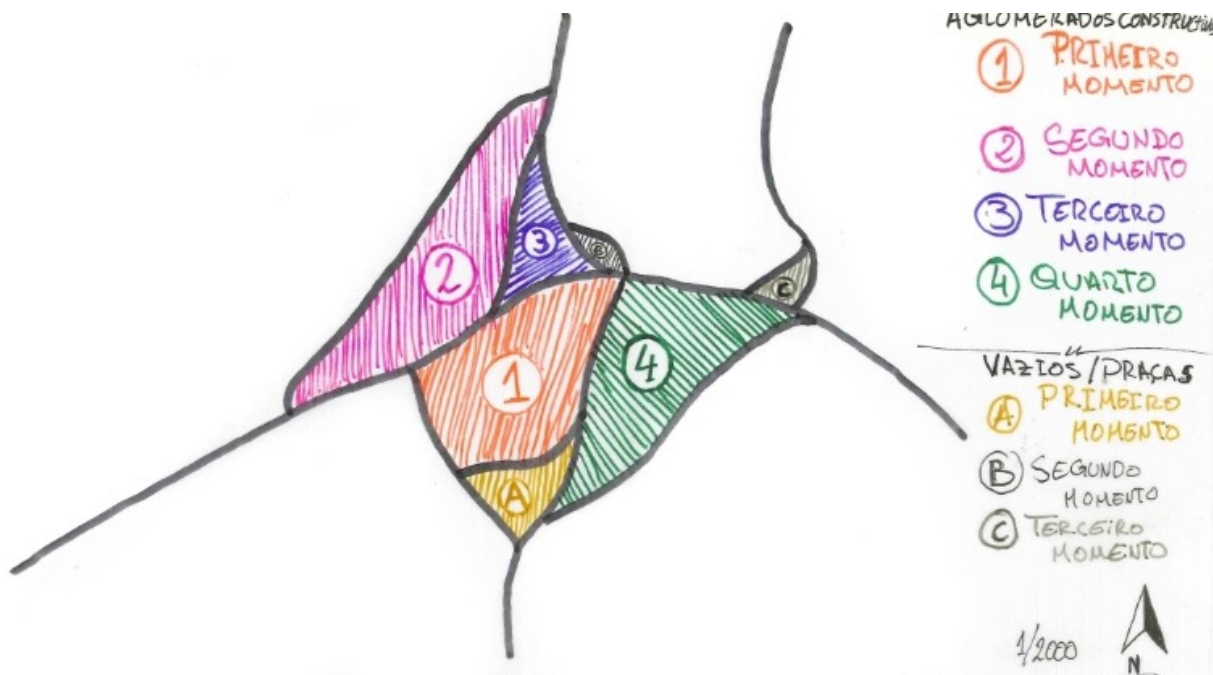


Fig. 22. Esquisso Planimétrico com Respetivos Quarteirões (Momentos Construtivos e Praças) da Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

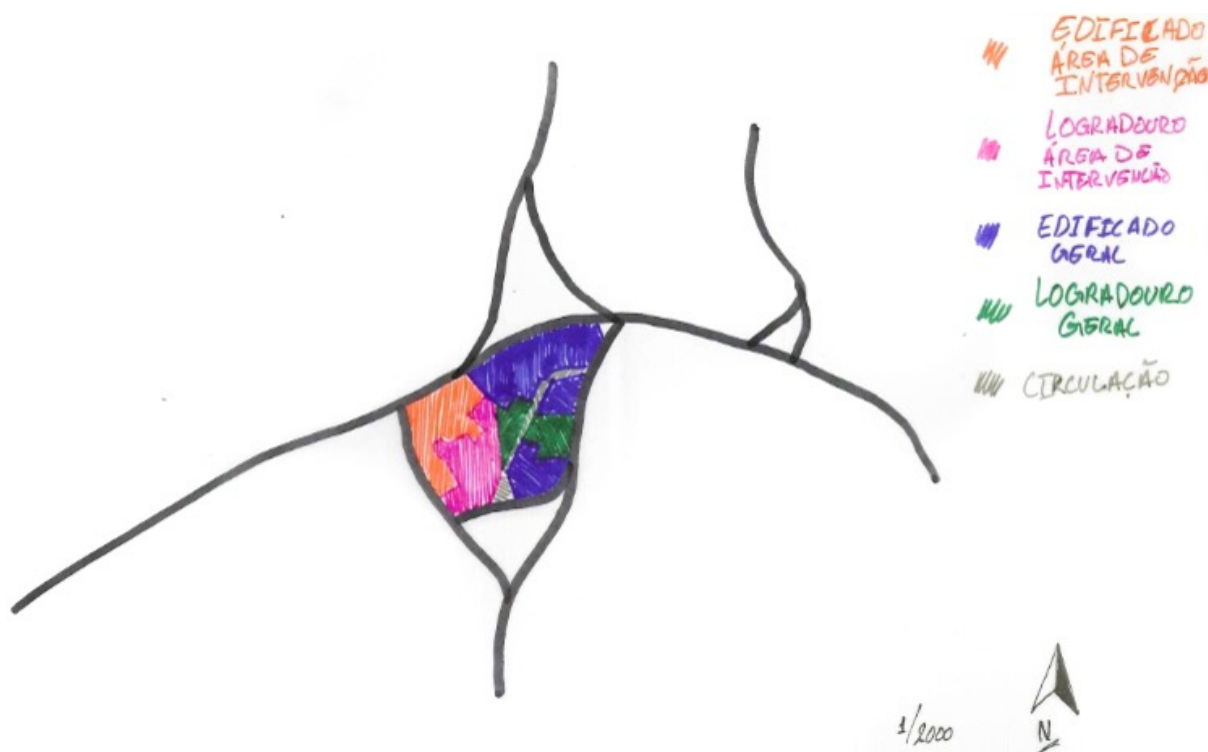


Fig. 23. Esquisso Planimétrico do Quarteirão a Intervir na Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

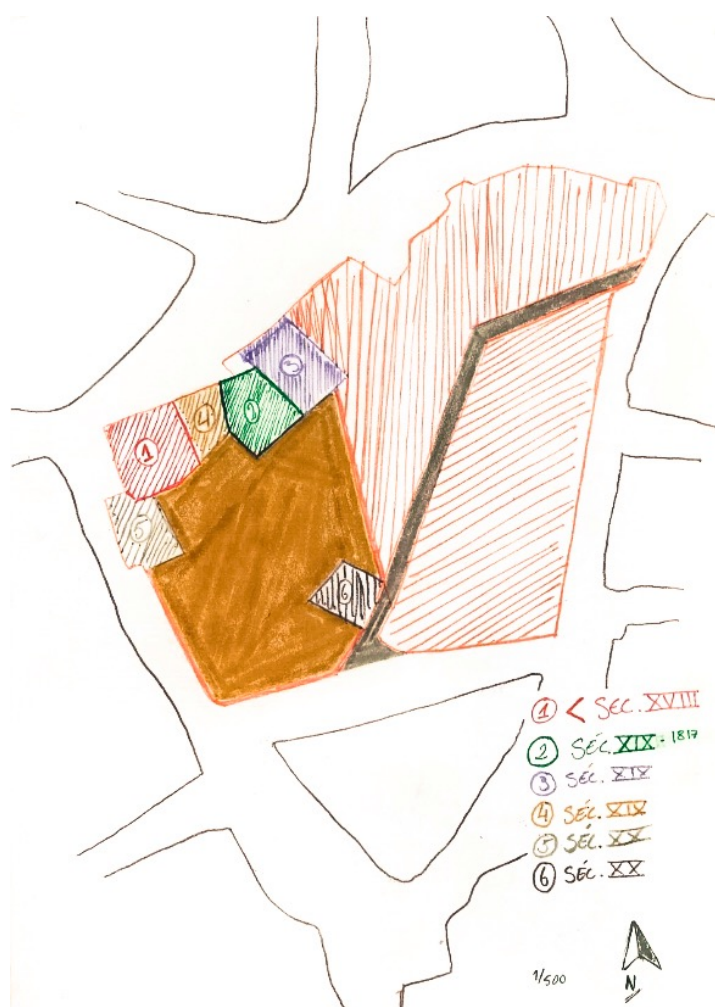


Fig. 24. Esquisso Planimétrico do Quarteirão a Intervir na Aldeia de Quintanilha Com Identificação Cronológica do Edificado.
Fonte: Autor

Falar de um conceito de malha rural poderá ser um pouco exagerado visto que a aldeia é definida pela articulação de eixos mais ou menos numerosos e complexos que correspondem aos espaços definidos pelos limites das propriedades.

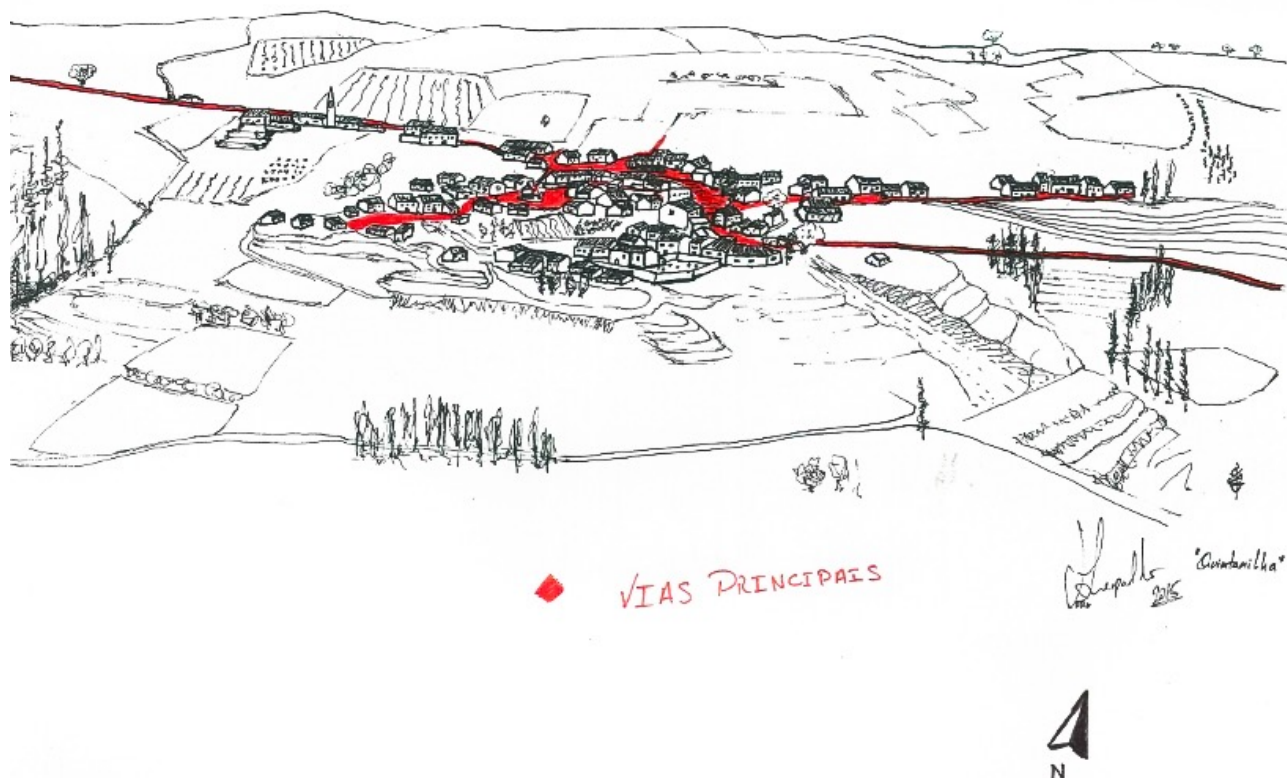


Fig. 25. Esquisso Panorâmico com Identificação das Principais Vias da Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

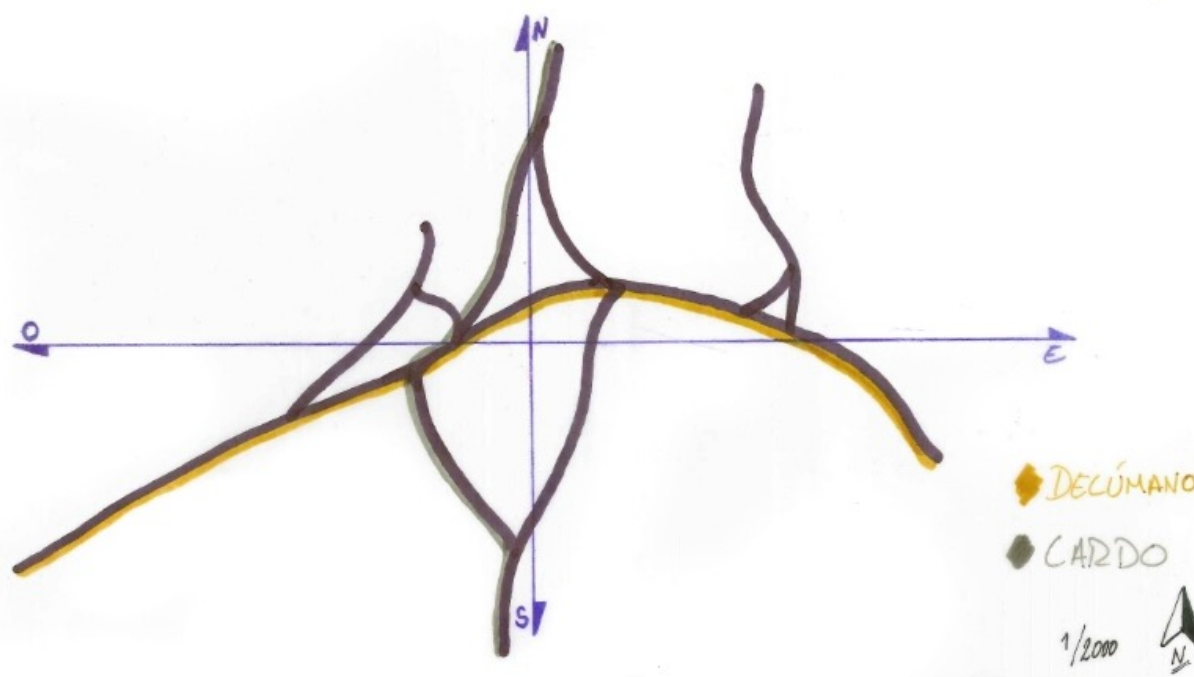


Fig. 26. Esquisso Planimétrico das Vias Principais da Aldeia de Quintanilha Com Interpretação de Orientações Cardeais e de Acordo com o Cardo e o Decumano Romano.
Fonte: Autor

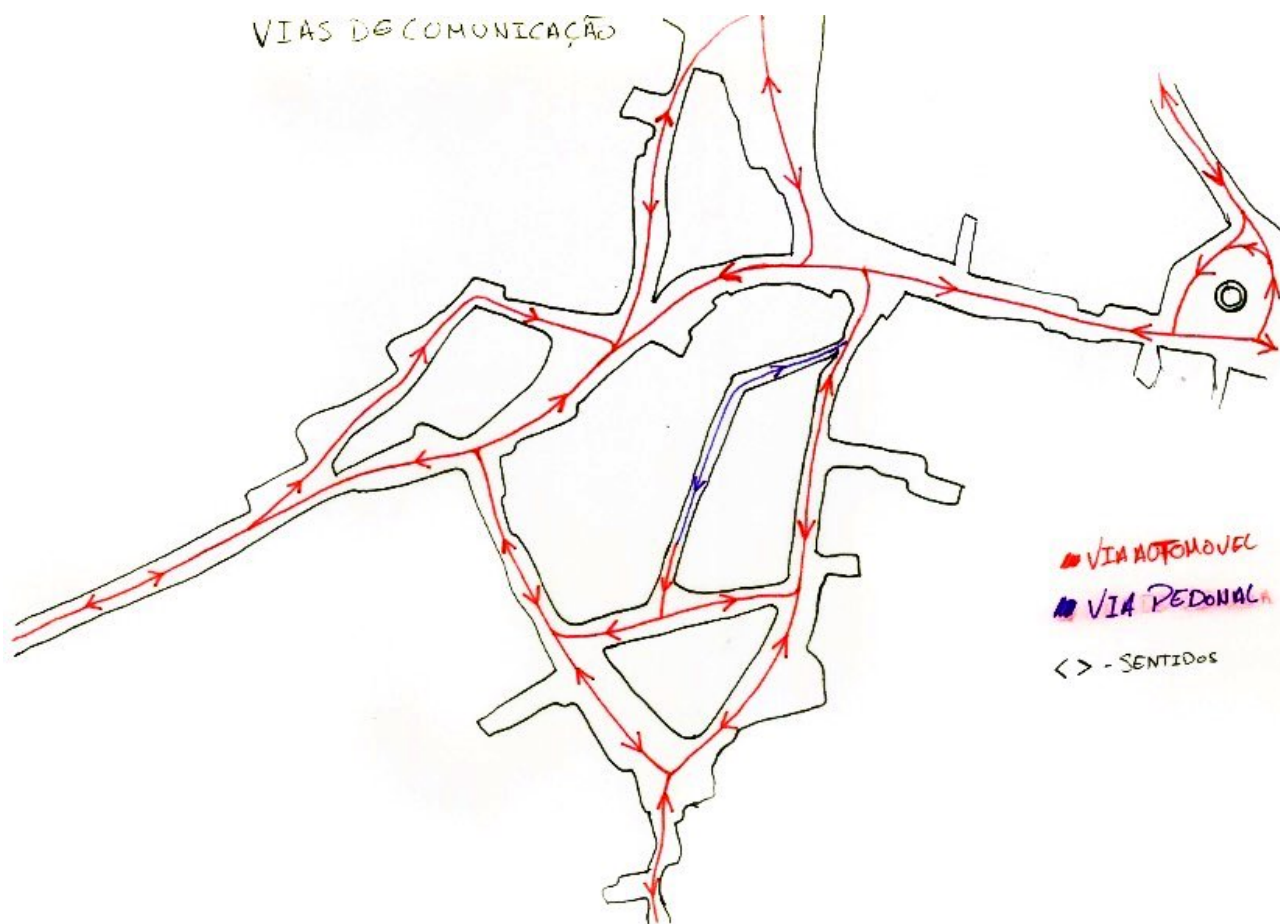


Fig. 27. Esquisso Planimétrico das Vias Principais da Aldeia de Quintanilha Com Indicação dos Sentidos de Deslocação.
Fonte: Autor

Contudo e em alguns casos pode-se observar uma distribuição e uma organização de acordo com alguns pontos como as coordenadas cardeais, Norte, Sul, Este Oeste, como é possível perceber pelo estudo efectuado.

Em meio rural, as praças são os lugares “sobrantes”, raramente definidos de forma regular, onde contrariamente ao que acontece em meio urbano, dificilmente são demarcadas como sendo excepções assinaláveis do conjunto ou pontos de relevância das mesmas.

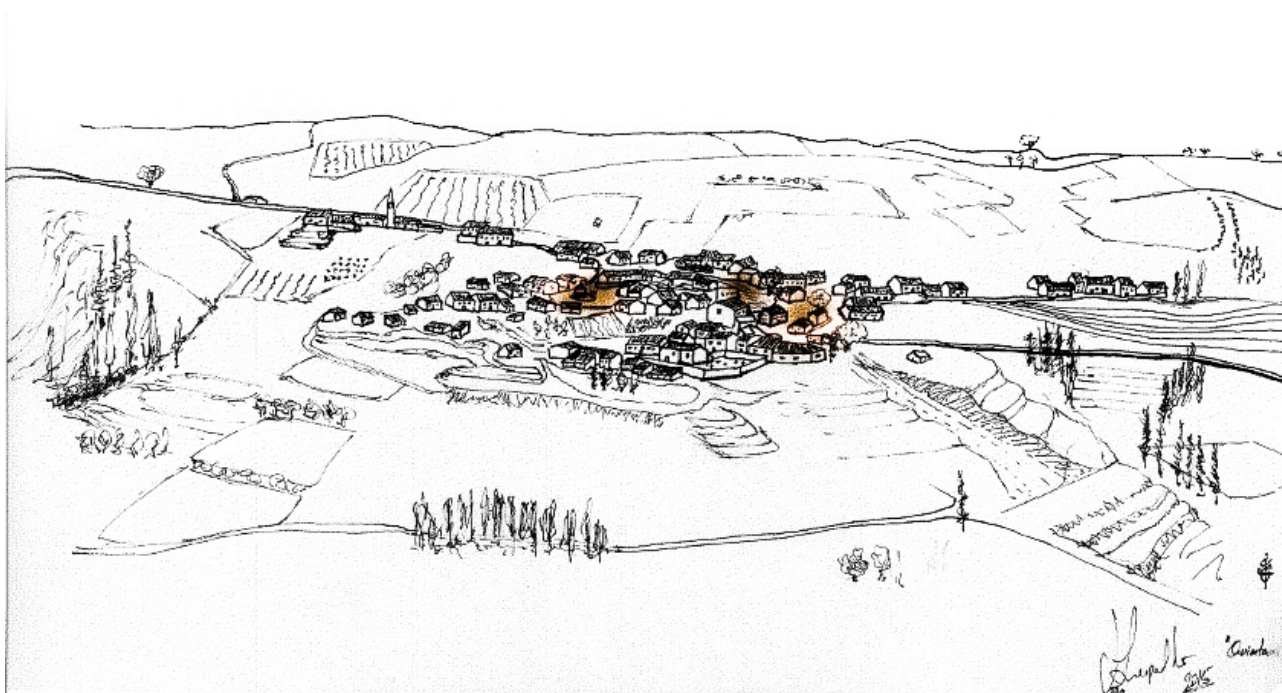


Fig. 28. Esquisso Panorâmico da Localização das Principais Praças da Aldeia de Quintanilha.
Fonte: Autor

Estas diferentes formas de estruturar a ocupação do espaço resultam de utilizações e de princípios diversos de agir no território. São vivências e maneiras de fazer características e singulares que definem então o espaço rural.

1.3.2 O Logradouro

“O pátio não é só um elemento principal na história da arquitectura, desde a antiguidade até à idade moderna, como todos sabemos; é também a base de um verdadeiro sistema de composição, o suporte de um modo de projetar tão universal como variado. [...] O pátio como modo de habitar, como sistema, pode definir-se como um tipo, se se quiser, ainda quando é algo mais que isso: é um arquétipo sistemático e versátil, capaz de albergar uma grande quantidade de usos, formas, tamanhos, estilos e características diferentes. [...] este arquétipo [...] foi, e é ainda, entendido como um sistema de composição, ou como um método de projecto, se se prefere dizer-lo assim”¹.



Fig. 29. Esquisso em Vista Aérea da Proposta para a Área de Intervenção Com Destaque ao Logradouro.
Fonte: Autor

1 CAPITEL, Antón. La Arquitectura Del Pátio, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 2005. P.6, tradução livre do autor

O Logradouro é tido no seguimento do projecto como local de excelência e ferramenta de consolidação no âmbito do Projecto de arquitectura.

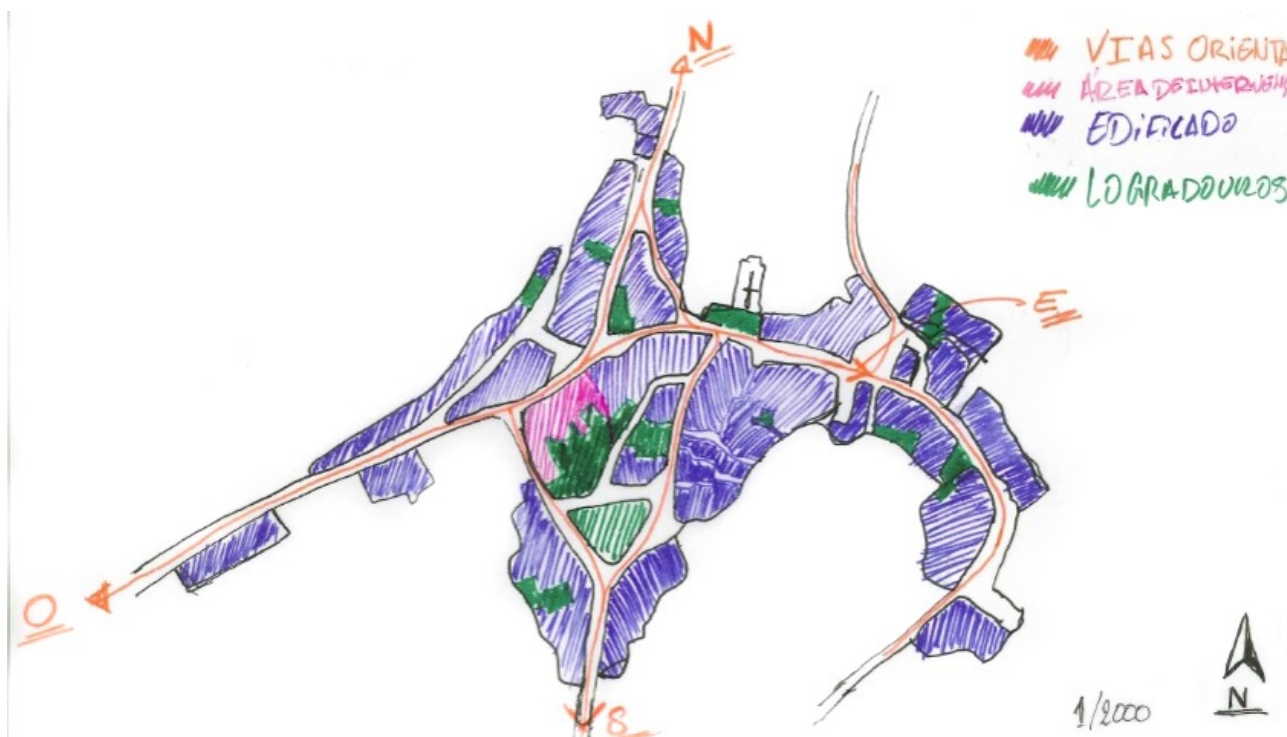


Fig. 30. Esquisso Planimétrico da Localização e Relação Entre os Conjuntos Habitacionais e a integração dos Respectivos Logradouros na Aldeia de Quintanilha.

Fonte: Autor

Os atos de expor, abrir e descobrir-se encontram-se presentes no espaço do logradouro, por este ser aberto, exposto, sugere a ideia de relacionamento, de interação com tudo o que o envolve.

Encontrando-se, através do seu enquadramento, acessível à chuva, ao sol, aos ventos, às pessoas, relaciona-se com o movimento, com o cheio, com o vazio, ou seja, apesar de ser o foco, encontra-se numa posição passiva relativamente aos acontecimentos.

Também assume essa mesma característica quando, aliado ao facto de se estender, de se abrir e de estar descoberto. Este abrir-se refere-se à acessibilidade, ao estar suscetível. O Logradouro é o lugar limitado, que se desvenda por si só. Quando existe, é o lugar de alguém, que intimamente é associado à ideia de casa e de espaço doméstico. É sempre um lugar acessível, nem que seja pelo caminho até à habitação à qual se encontra justaposto.

O Logradouro deve ser visto como um espaço de relevo a nível social relativamente ao tema da privacidade, espaço doméstico exterior e articulador de vizinhança.

Ao ponderar todos estes elementos podemos pensar o conjunto edificado como o todo repartido, unido entre si até agora apenas pela construção em banda sem qualquer outro tipo de relação. Executando a arquitectura do local, pensando o Logradouro como ferramenta de projecto, encontramos-nos capacitados de transformar um todo desprovido de quaisquer ligações, em um só espaço funcional, equilibrado e coeso.

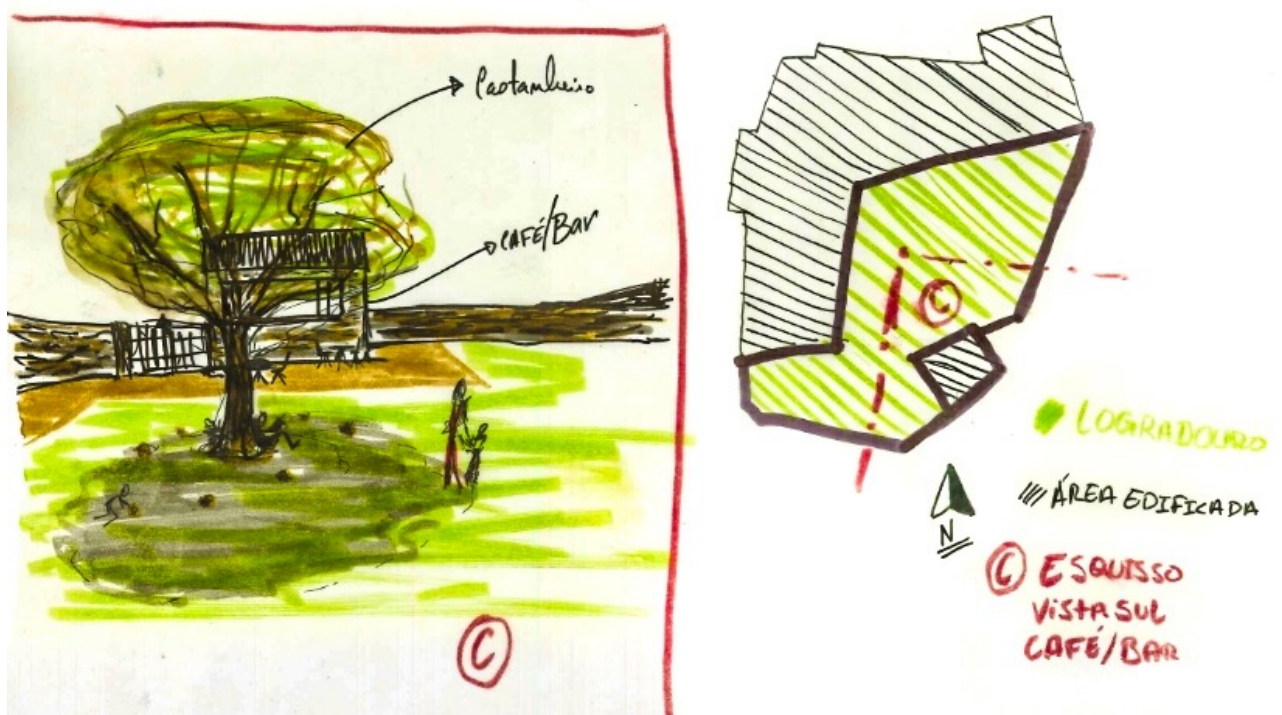
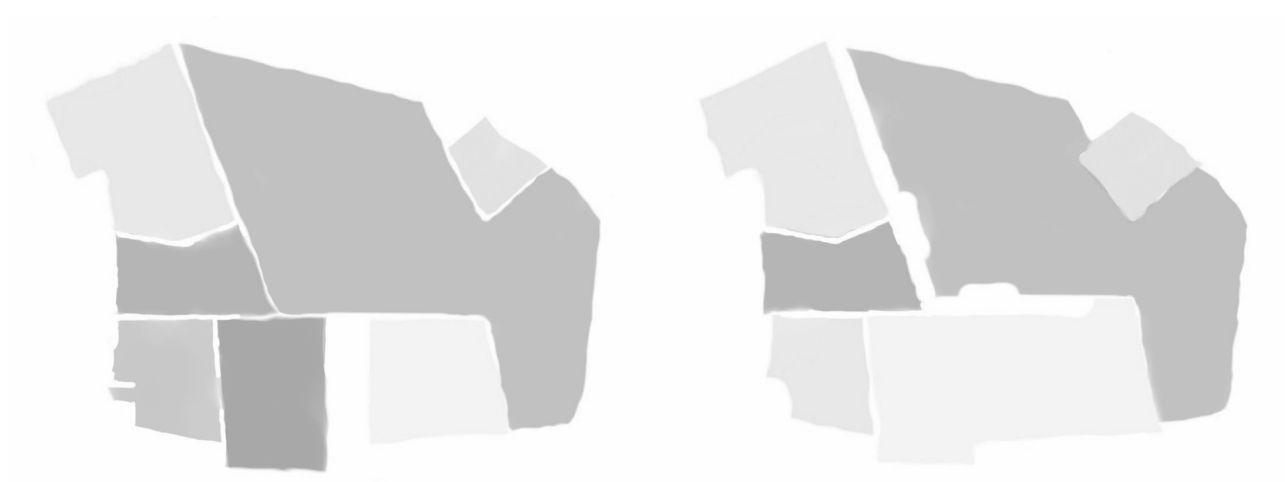


Fig. 31. Esquisso Logradouro vista Sul.
Fonte: Autor

Capítulo 2º | Programa



2.1 Programas de Apoio Ao Programa

2.1.1 Introdução

Nas últimas décadas, tem-se verificado em Portugal uma crescente preocupação com a requalificação e recuperação das aldeias pertencentes ao mundo rural. Aldeias ricas em história e com muito para oferecer, são objeto de valorização e promoção, tornando-se pontos cruciais na estratégia de desenvolvimento das áreas rurais envolventes.

Em face disto, foram lançados programas que visam a recuperação de diversas aldeias perdidas no tempo, no interior do país, como o PAH (Programa das Aldeias Históricas de Portugal) e o PAX (Programa das Aldeias de Xisto). Programas como estes têm como objetivo maior, funcionar como uma alavanca e uma forma de ação em contextos sócio-económicos deprimidos adoçados a comunidades rurais frágeis e com graves dificuldades de afirmação. Neste sentido, procura-se valorizar os lugares e a sua memória bem como o património construído, os seus recursos naturais e culturais, dar nova vida às suas atividades e tradições e divulgar os espaços esquecidos, cujas marcas perduram no território, tudo isto, com o envolvimento directo das suas gentes, numa perspetiva de dinâmica local, de promoção e de desenvolvimento destas áreas rurais.

Com a criação destes programas pretende-se desenvolver políticas de intervenção que permitam reverter a atual situação de decadência nos territórios cujos espaços se encontram mais debilitados e com dificuldades estruturais, devido a factores como o constante processo de abandono demográfico e consequentemente com o abandono das atividades tradicionais.

Estas políticas ligam-se à fixação da população, ao desenvolvimento económico dos territórios, à criação de emprego e à sustentabilidade destes territórios rurais, ou seja, através dos investimentos públicos no património, em infra-estruturas e equipamentos capazes de dinamizar o desenvolvimento turístico das aldeias e de aumentar a qualidade de vida das populações nelas residentes, através de investimentos privados que contribuam para a criação de emprego e para a dinamização da malha social e económica ou ainda através de outros investimentos, de carácter imaterial, que valorizem os recursos humanos e estimulem os recursos endógenos.

Esta atitude visa, com o envolvimento e a dinamização de parceiros locais, como as próprias populações, autarquias e respetivas associações de desenvolvimento e dos diversos setores da Administração Central/Regional, dinamizar os diversos ambientes diferenciados, tais como:

- A recuperação de infra-estruturas, do património construído;
- A requalificação urbanística, animação económica, cultural e social, no sentido de melhorar as condições de vida das populações;
- A expansão e valorização do turismo através dos recursos endógenos particulares de cada aldeia;
- A maximização de sinergias entre as diferentes aldeias fazendo-as funcionar em rede de forma a haver uma maior promoção e divulgação de um território mais amplo e diversificado de potencialidades.

Estes programas são coordenados pela CCDRC (Comissão Coordenadora e Desenvolvimento da Região Centro) e suportados financeiramente pelo FEADER, pelo Orçamento Geral do Estado, Orçamentos Municipais e através de investidores privados. Além da reabilitação patrimonial e urbanística, a estratégia passa também por identificar iniciativas e promotores capazes de dar sustentabilidade material e imaterial às referidas intervenções.²

Os referidos programas servem por isso de base para que se possa estruturar de forma consistente o programa de projecto a aplicar ao caso da Aldeia de Quintanilha.

² https://www.ccdrc.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=98&Itemid=53&lang=pt

2.1.2. Programa das Aldeias Históricas (PAH)

“Com este programa pretendia-se, sobretudo, contribuir para a valorização das características patrimoniais e dos elementos de interesse histórico- cultural específicos das aldeias e dos lugares turísticos, no sentido de melhorar os padrões de vida e modernizar os serviços de apoio económico e social, permitindo uma maior capacidade de fixar a população e incentivar novas atividades complementares nos ofícios tradicionais, reativando profissões em extinção.”³

Este programa tem como objetivo principal a valorização do património rural existente no interior do país que, pelo seu interesse patrimonial e paisagístico, se pretende revitalizar, através de intervenções tais como:

- Qualificação dos espaços públicos – pavimentação e arranjo das praças (pelourinhos), largos e ruas; colocação de mobiliário urbano adequado;
- Valorização do património – recuperação de muralhas (conservação e limpeza), de alguma arquitetura militar, do edificado (intervenção nas fachadas e telhados), conservação de solares ou casas de interesse, igrejas, etc.;
- Dinamização cultural – criação de espaços de museu e venda de artesanato;
- Dinamização turística – criação de postos de turismo e de alojamento, como a construção de pousadas ou a adaptação de edifícios para turismo de habitação rural;
- Melhoria das acessibilidades – melhoramentos das estradas de acesso, de forma a facilitar a chegada a estes locais por vezes muito isolados e, dentro das aldeias, criando constrangimentos à circulação viária;
- Dotação de infra-estruturas – remodelação de redes de abastecimento de águas, de esgotos domésticos e pluviais, enterramento das infra-estruturas elétricas e de comunicações, tornando assim as aldeias mais habitáveis.

³ Moreira, M., Camarinhas, C., Paulo, L. Património Rural em Portugal - Um contributo para o desenvolvimento sustentado do interior português. Projeto de Investigação, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Junho de 2004

2.1.3. Programa das Aldeias de Xisto (PAX)

A origem das Aldeias do Xisto provém da característica geológica comum entre elas, o xisto, que é o elemento identificador de todo um território, e as aldeias são os elementos representativos da organização sócio-económica desse mesmo território. Com isto, o principal objetivo do PAX era o da constituição de uma RAX (Rede de Aldeias do Xisto) capaz de criar e afirmar uma "marca" de identidade para o território que agregue os seus recursos endógenos, possibilitando assim um sentido de corpo entre as comunidades abrangidas e potencializando a sua articulação e o consequente efeito de escala.

Este programa de características ligadas ao património cultural, social e arquitectónico patente na região, tomou duas vertentes. A primeira, da requalificação física de edificado, espaços públicos e recuperação de imóveis públicos e privados (reabilitação de fachadas, coberturas, substituição de portas, janelas e respetivas caixilharias), bem como de infra-estruturação (abastecimento de água, saneamento, eletricidade, telefone) e a sinalização (de acesso, de informação, identificação), preservando sempre a autenticidade e a identidade dos lugares, sendo a segunda vertente ligada ao aspeto da formação, dando competências em áreas como o atendimento turístico, gastronomia, tecelagem, pedreiros de xisto, entre outras. O objetivo prende-se então com uma melhoria da qualidade de vida dos residentes, preservar das aldeias como patrimónios culturais e promover as suas atividades económicas. Como refere o documento elaborado pela CCDRC 2000/2006, tratava-se da:

“requalificação de um conjunto de aldeias serranas (recuperação de coberturas e fachadas, requalificação de espaços sociais, instalação de mobiliário urbano, recuperação de pavimentos de ruas e calçadas, infra-estruturação com redes básicas) que sustente uma rede de sítios de interesse turístico”.⁴

⁴ In Aldeias do Xisto, (2014). Disponível em <http://www.aldeiasdoxisto.pt/passeioaldeia/4/9/97/133/209/476>. Consultado em Setembro de 2014

2.1.4. Conclusão face aos Programas apresentados

Ambos os programas abordados, o PAH e o PAX, têm como objectivo o melhorar da situação actual vivida pelas populações rurais. Sendo que por vezes se repetem em alguns parâmetros ao nível da abordagem, o autor desta dissertação encontra a necessidade de expo-los sucintamente de forma a poder demonstrar que existem diferenças entre eles, para que possam ser utilizados em conformidade. São planos dinamizadores, não passando contudo de intenções e da disponibilização de meios, que ajudam em muito aquando da escolha programática e consequentemente na definição do projecto de arquitectura.

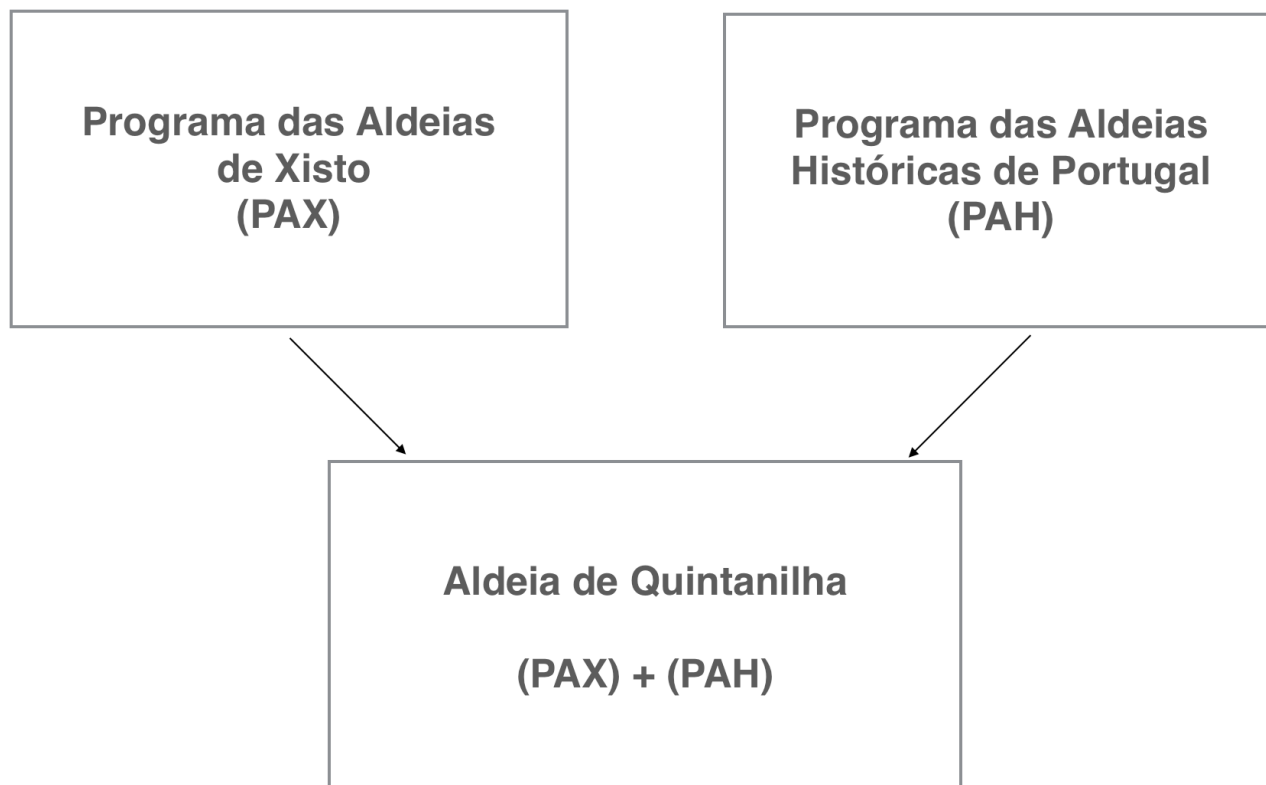


Fig. 32. Esquema de relações entre Programas | Projecto
Fonte: Autor

De acordo com os Programas acima referidos, PAH e PAX, e com todo o projecto de requalificação em meio rural executado com a orientação dos mesmos, entende-se que ambos os exemplos se relacionam directamente com os objectivos propostos a executar na presente dissertação, sendo que para isso se conjugam os dois de forma a que todo o conceito de intervenção e respectivamente todo o programa e projecto de arquitectura se encontrem o mais coesos possível, dentro daquela que é a abordagem ao tema da reabilitação e dinamização em meio Rural.

2.2 Programa

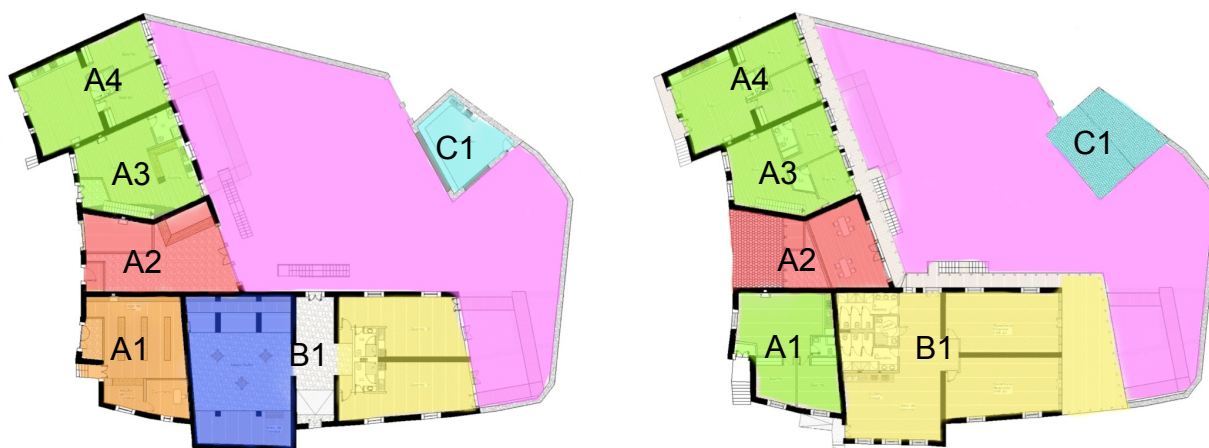


Fig. 33 Divisão por cor e por lote dos diferentes usos a atribuir na área de intervenção (Esquerda: Planta piso 0, Direita: Planta piso 1)
Fonte: Autor

Conjunto habitacional para turismo de habitação (Verde)

Os espaços foram pensados tendo em conta as relações de vivência que a população mantém na aldeia e o seu carácter vernacular, são pois uma re-interpretação das habitações outrora existentes, que procuram, assumindo a materialidade do espaço e da cinética do local, passar uma sensação de reminiscência dos mesmos. Aqueles que, ainda que temporariamente, ocuparem estas habitações terão a oportunidade de passar pela experiência de vivenciar um espaço de cariz vernacular em meio rural.

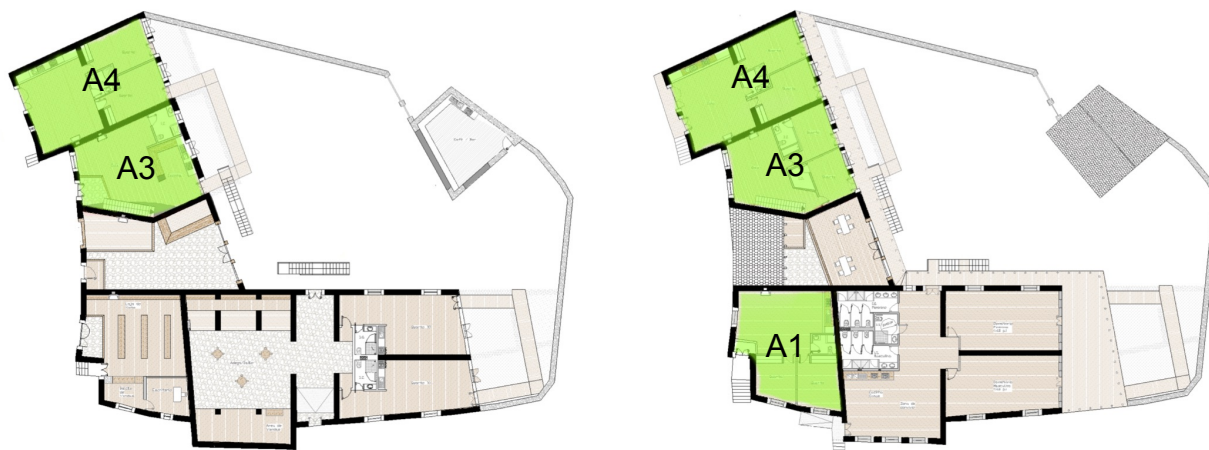


Fig. 34 Marcação das áreas projectadas para Turismo de habitação (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).
Fonte: Autor

Albergue (Amarelo)

Com a criação de um albergue capaz de responder às exigências dos dias correntes no que toca a conforto, acessibilidades, localização, bom funcionamento, etc, procura-se assim captar a atenção de um publico alvo mais jovem, de maneira a criar maior dinamismo e afluência de escalões etários mais jovens á aldeia. Reconhece-se então que um albergue é, para quem viaja, um espaço onde se geram relações, onde se travam conhecimentos e onde se partilham e experiências.

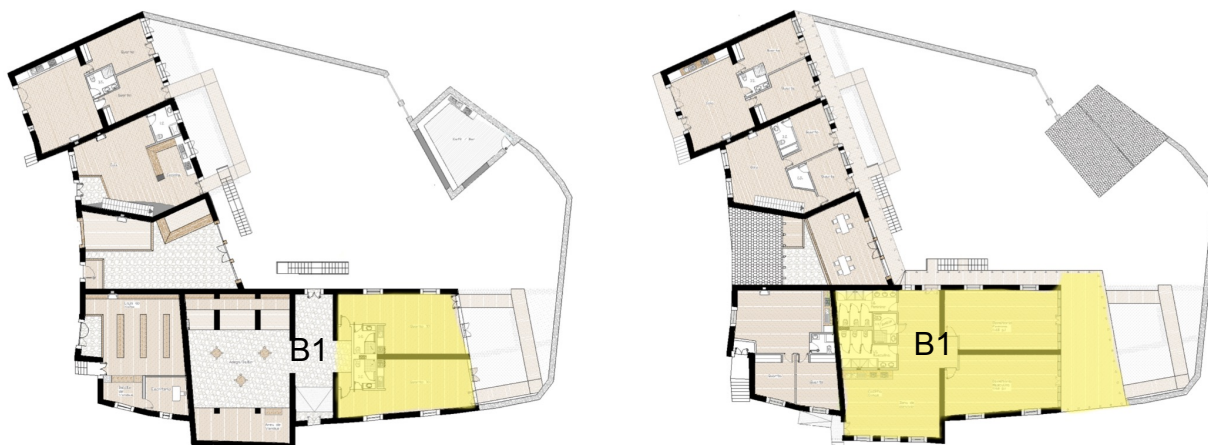


Fig. 35 Marcação das áreas projectadas para Albergue (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).
Fonte: Autor

Recepção (Vermelho)

O espaço de recepção procura demarcar a diferença ao nível do projecto e criar uma ligação entre o espaço público, (arruamento principal), e o espaço privado, (logradouro). Funciona como um convite, quase como que uma janela aberta para o interior de um espaço que para quem percepcione do exterior pense em primeira instância ser privado.

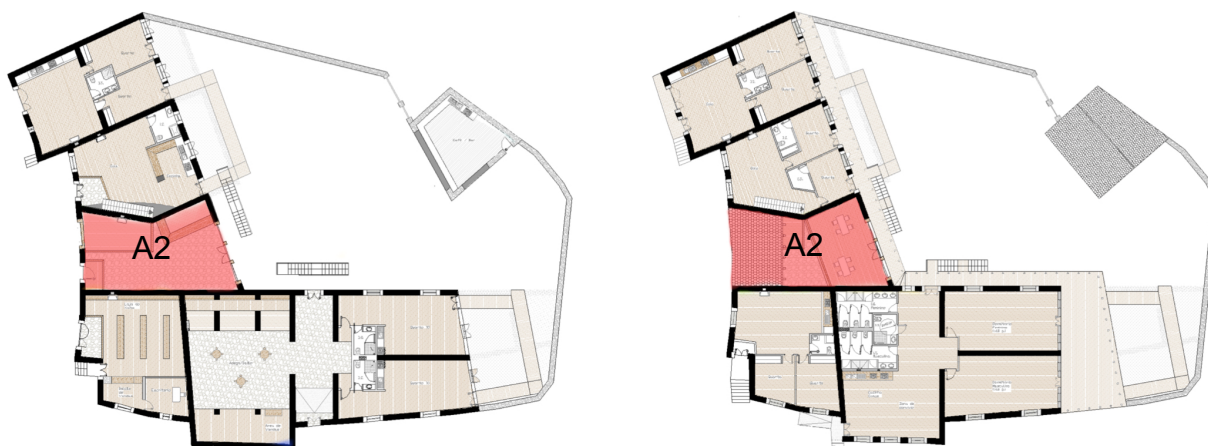


Fig. 36 Marcação das áreas projectadas para Zona de Recepção (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).
Fonte: Autor

Adega (Azul)

Espaço criado a pensar na venda de produtos vinícolas equipado com espaços de temperatura controlada para venda de determinados tipos de vinho, que combinado com o espaço de recepção serve também de área de lazer, encontro e troca de experiências, servindo ainda como espaço de exposições ,o que dota todo o programa de uma riqueza cultural.



Fig. 37 Marcação da área projectada para Adega (Planta piso 0).
Fonte: Autor

Loja do Xisto (Laranja)

Dentro daquilo que é o Programa das Aldeias de Xisto e dos métodos utilizados pelo mesmo, propõe-se a criação de uma loja que incentive a venda de materiais da região, procurando dar uma nova vida ao artesanato e aos bens provenientes dos cultivos locais fazendo assim com que o mercado renasça.

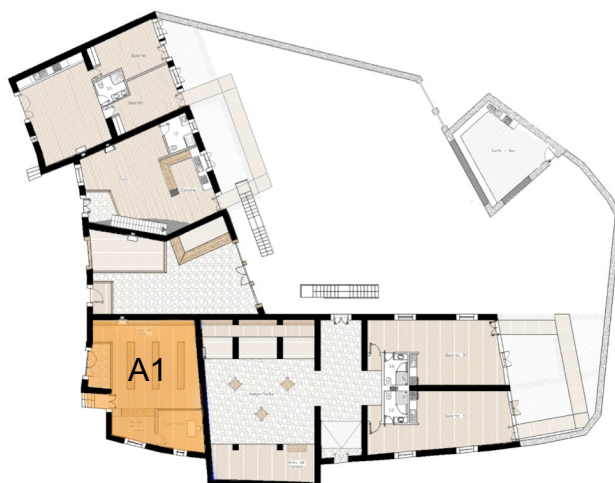


Fig. 38 Marcação da área projectada para Loja do Xisto (Planta piso 0).
Fonte: Autor

Café|Bar (Azul Ciano)

Integrado no Logradouro, procura-se criar um espaço de lazer e de interesse do público geral de forma a dinamizar a vivência da população geral da aldeia, seja a estadia desta permanente ou meramente temporária.

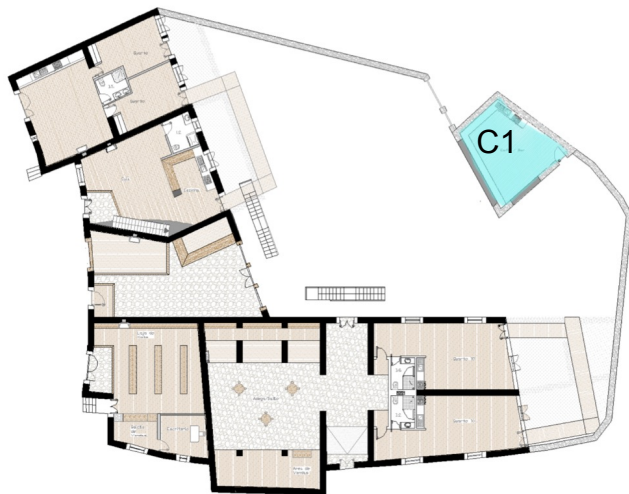


Fig. 39 Marcação da área projectada para Café|Bar (Planta piso 0).
Fonte: Autor

Logradouro (Rosa)

Espaço de união, reflexão e integração, o Logradouro é o local que por si só se encontra capacitado de criar as ligações entre todo o aglomerado habitacional, por mais díspar que seja a utilização tipo de cada um dos espaços.

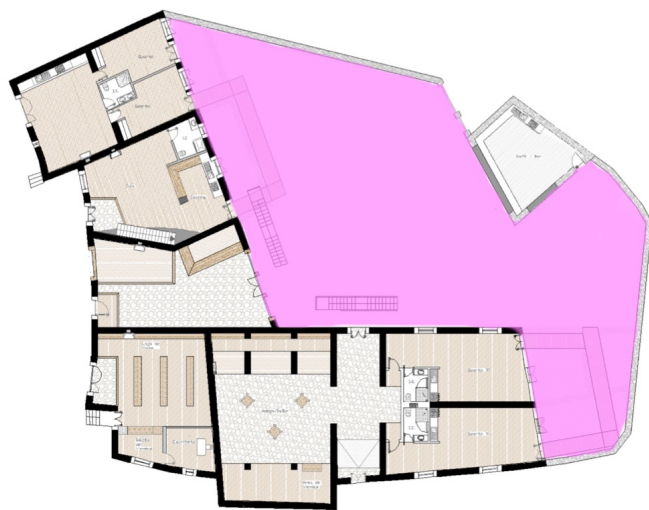


Fig. 40 Marcação da área referente ao Logradouro(Planta piso 0).
Fonte: Autor

Capítulo 3º | PROJECTO DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS RURAIS EM XISTO, NO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO: O Caso de Quintanilha



3.1. Memória justificativa do conceito

3.1.1 Introdução

Partindo do dinamismo instigado pelo PAH e pelo PAX, procura-se então com o desenvolver do projecto de arquitectura capaz de corresponder coerentemente àquelas que são as necessidades da população da Aldeia de Quintanilha, com o fim de melhorar a actual situação da mesma, utilizando para o efeito as ferramentas adquiridas até então.

3.1.2 Princípios e Critérios de Conservação, Reabilitação e Restauro de Edifícios Históricos

Por vezes os termos “conservação”, “manutenção”, “reabilitação” e “restauro”, são utilizados de uma forma quase que aleatória, caracterizando intervenções que nem sempre lhes correspondem. Importa então distinguir tais conceitos básicos, que se revelam essenciais á boa percepção do conteúdo de forma correcta no desenvolvimento do trabalho.

Em intervenções sobre edifícios antigos de elevada importância cultural há que ter em conta aspectos essenciais que garantam o sucesso das mesmas, como a “autenticidade”, a “compatibilidade”, e a “reversibilidade” nas intervenções nestes realizadas.

Entende-se por “conservação”, o conjunto de operações realizadas num edifício, de forma a manter a construção tal como ela é hoje, ainda que, havendo necessidade, sejam aceites pequenas intervenções com vista a melhorar o comportamento estrutural do edifício.

Entende-se por “manutenção”, o conjunto de operações desenvolvidas de forma a manter ou recolocar o edifício num estado em que possa desempenhar as funções para as quais está incumbido.

Entende-se por “reabilitação”, o conjunto de operações que visam adequar uma construção a um novo uso ou função, sem alterar as fracções da construção que caracterizam o edifício e as quais possuem um maior valor histórico.

Entende-se por “restauro”, o conjunto de operações com vista á recuperação da forma original de uma construção o “recurso estilístico” recorre à remoção de obras adicionais e à substituição de obras de origem em falta preservando todos os elementos recuperáveis e reconstituindo a traça original do edifício.

O conceito de “autenticidade”, é inseparável das operações de restauro ou reabilitação impondo regras com as quais jamais seja posta em causa a identidade e veracidade do edifício original.

O conceito de “compatibilidade”, está implícito em todas as operações que são pensadas de modo a que haja harmonia entre a estrutura inicial e a intervenção feita, quer nas características mecânicas e químicas dos materiais empregues, quer do ponto de vista arquitectónico e tecnológico.

O conceito de “reversibilidade”, integra-se em todas as operações que nos permitem recuar se uma decisão diferente for tomada sobre a traça original do edifício, sem pôr qualquer fracção ou elemento do mesmo em risco.⁵

3.1.3 A arquitectura Local

As construções da aldeia de Quintanilha pelo observado no local, recorrem a materiais locais, como o xisto, a ardósia, o granito, embora pontualmente e a madeira, e ainda a técnicas construtivas tradicionais que foram passadas de geração em geração.

No que trata das coberturas e dos beirais, estes são em ardósia, revestidas em xisto e os vãos constituídos por largos blocos de xisto, granito ou madeira, sendo estas as combinações que se encontram nas construções da aldeia.

No que trata dos interiores, a madeira é um material abundantemente utilizado, muitas das vezes com funções estruturais (vigamento e consequentemente soalho).

A caracterização dos elementos construtivos de Quintanilha que abaixo se segue, constitui um instrumento de grande importância para estabelecer um diagnóstico correto das patologias construtivas existentes e definir metodologias adequadas de intervenção perante a materialidade e as necessidades actuais.

⁵ Freitas, V. Manual de Apoio ao Projeto de Reabilitação de Edifícios Antigos. Ordem dos Engenheiros - Região Norte, Porto, 2012.

Caracterização dos Elementos Construtivos e Respectiva Materialidade Existentes na Aldeia de Quintanilha

Alvenarias Estruturais

As alvenarias estruturais, também apelidadas de paredes-mestras, são definidas por Appleton (2003) como paredes que apresentam resistência, tanto a cargas verticais como a horizontais, constituindo para isso elementos pesados e rígidos, compostos por materiais heterogéneos e com baixa ou nula resistência à tração, com considerável resistência à compressão e pouca resistência ao corte.

A sua acentuada largura e peso criam um efeito estabilizador devido à compressão gerada pelo peso próprio ao qual se associa um menor risco de instabilidade por encurvadura. Neste sistema, maior peso e maior largura das paredes levam ao crescimento do seu núcleo central, o que, segundo o mesmo autor, aumenta a resistência às forças de derrubamento e, consequentemente, menor risco de tensões de tração nas suas secções, resultando em fendas menores. Appleton (2003) indica esta conjugação entre peso e secção menos esbelta como fundamental neste sistema estrutural, com implicações diretas em termos de qualidade ambiental interior, pois fornecem proteção acrescida contra as ações atmosféricas, constituindo uma barreira aos ventos e às variações de temperatura. A sua elevada massa e composição heterogénea constitui um labirinto para as humidades que procuram penetrar para o interior das edificações.

De certa forma, a grande concentração de massa permite a estas alvenarias uma elevada capacidade de retenção de água, impedindo o seu surgimento no interior, acumulando-a e aprisionando-a durante todo o Inverno e devolvendo-a ao exterior por secagem durante o Verão (se este for quente o suficiente para esse efeito). Quando esta relação de equilíbrio se quebra e se atinge o limite de saturação das paredes, surgem inevitavelmente humidades, salitres e fungos no interior da construção.

Em termos térmicos e durante o inverno, a elevada concentração de massa transforma estes elementos estruturais em verdadeiros acumuladores de calor, quando expostos a uma fonte de calor intenso como o fogo da cozinha, lareiras ou até insolação muito intensa. A massa das alvenarias, quando a uma temperatura inferior à do ar envolvente, absorve dele calor até atingir uma temperatura de equilíbrio, sendo que quando o ar envolvente atinge uma temperatura inferior à da massa, o processo de absorção inverte-se passando a massa a irradiar calor para o ar envolvente aquecendo-o. É um processo lento, com resultados aquém dos atuais padrões de conforto, que só depois de um período inicial de aquecimento, é que os seus efeitos se fazem sentir. Durante o verão, o processo inverte-se, sendo que a elevada massa funciona como uma barreira à penetração do calor exterior, tornando o ambiente interior mais fresco.

Segundo Roque (2002), as paredes em alvenaria estrutural, devido à sua constituição interna, caracterizam-se também por uma grande capacidade de acomodação de vibrações, mas que simultaneamente induz algum risco estrutural em caso de ações sísmicas, dada a sua menor coesão e consequente risco de colapso local (fendas). Contudo, esta capacidade de desmonte

torna-se fundamental para garantir a manutenção das alvenarias, permitindo simples operações de substituição de unidades degradadas ou de correção de eventuais anomalias.

Fundações

Pelas observações efetuadas na área de estudo, predominam as fundações diretas, superficiais e contínuas. Estas resultam de um prolongamento da espessura da própria parede, sendo executadas no mesmo tipo de pedra e, frequentemente no caso dos muros de delimitação e edifícios de menor qualidade como os apoios agrícolas, prolongando-se cerca de 10 cm no solo.

No caso de edifícios e muros de maior porte, elas alargam cerca de 10 cm para cada lado, de modo a aumentar a área de contacto da fundação, e prolongam-se até cerca de 50 cm de profundidade. Segundo Freitas (2012), este tipo de fundação permite uma distribuição mais uniforme das cargas, reduzindo as tensões que atuam sobre o terreno e, em casos de edifícios de menor envergadura ou importância, evitar uma dispendiosa fundação até terreno firme.

Registram-se na área de estudo casos de fundações que atingem solo firme, dado que grande parte do subsolo existente é composto por grandes lajes maciças de xisto. Sendo frequente o aproveitamento de maciços pré-existent.

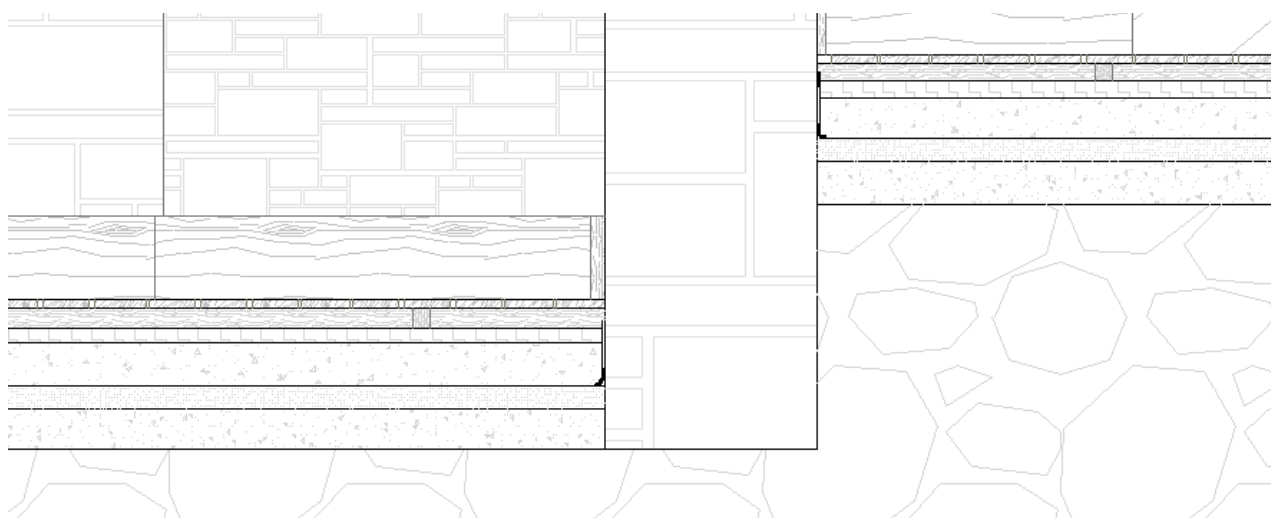


Fig. 41. Pormenor construtivo em corte de Fundação Directa
Fonte: Autor

Paredes Mestras

Pelo observado na área de estudo, conclui-se que o conjunto edificado se caracteriza como pertencente à tipologia de construção arruada em banda, e, as paredes-mestras dividem-se em paredes de fachadas frontal, mearas, que se prolongam até ao cume do telhado, funcionando como elemento estrutural de ambos os edifícios, sendo que se mantêm sempre como sendo divisórias, e divisórias interiores. Apresentam uma secção entre os 50 cm a 70 cm de espessura.

Paredes em alvenaria estrutural

Os planos verticais analisados na área de estudo são, em regra, alvenarias estruturais em xisto, nos casos de casas arruadas em banda com duas frentes, em que os sobrados apenas se apoiam nas paredes meeiras, o que, segundo Freitas (2012), permite fachadas sem o efeito estrutural das cargas verticais dos sobrados, apenas suportando as cargas verticais das coberturas, funcionando estas últimas em conjunto com as paredes meeiras como elementos de travamento.

As alvenarias estruturais destes conjuntos funcionam como travamentos dispostos entre fachadas opostas, e como suporte aos sobrados, sem continuidade para o piso superior, exceto em casos em que as fachadas foram interiorizadas devido a ampliações.

Não foram observadas quer no interior como no exterior, para além de casos muito isolados, paredes estruturais em elementos madeira.

Ligações entre planos verticais

O correto funcionamento estrutural dos edifícios observados é conseguido pelo travamento entre planos verticais, conseguido pela sobreposição dos seus pontos de contacto (cunhais ou interseções), recorrendo a unidades de alvenaria de maiores dimensões ou em cantaria de xisto ou de granito.

Pelas observações efetuadas, a solução mais recorrente para reforço das ligações nos cunhais passava pela sua execução em alvenaria de cantaria que, nos edifícios de maior qualidade, seriam em granito, e nos restantes em xisto, ou simplesmente em unidades de xisto aparelhadas de maiores dimensões.

As unidades eram assentes de modo a formarem uma cadeia em ângulo que se estendia da base até à cobertura. A fundação sob o cunhal era também reforçada através do aumento das dimensões neste ponto, ou quando possível, feita sobre uma maciço pré-existente.

Vãos

Segundo Appleton (2003), os vãos constituem uma quebra na continuidade estrutural das fachadas e são uma zona de grande concentração de esforços sensíveis a grandes vibrações e sismos.

Pelas observações feitas no local, de modo a criar um vão e a reforçar a alvenaria estrutural neste ponto de fragilidade, recorria-se frequentemente ao seu reforço com pedras de cantaria, frequentemente lavrados em granito ou xisto de maior resistência, sob a forma de lancis de padieira, de ombreiras, de soleira, de peitoris, à exceção das padieiras, que de modo a facilitar a execução, eram divididas numa cantaria para a moldura e outra a guarnição. Os lancis de sacada são sempre em granito, inicialmente encastrados e apoiados em cachorros, mas acabando por evoluir para o apoio simples por encastramento em toda a secção da alvenaria.

As cantarias eram fixadas à alvenaria estrutural por encastramento, atravessando toda a sua secção, e travadouros ao nível das ombreiras, e até meados do séc XIX, as cantarias eram mais rudes e em pico médio, de arestas menos perfeitas, e complanares com as restantes

alvenarias, gerando vãos de proporção mais quadrada (1,2 m x 1,2 m), como se pode observar no local.



Fig. 42. Levantamento de vãos típicos (portas) realizado no local por meio de esquisso.
Fonte: Autor

Os vãos de portas e janelas encontram-se reduzidos aos estritamente necessários, tornando dessa forma a habitação funcional, sendo eles, a porta carral, de acesso ao piso térreo, as portas de acesso ao piso superior, dois normalmente, o janelão da cozinha e, mais esporadicamente pequenos vãos distribuídos sem qualquer ordem aparente. Nas janelas, portas e algumas varandas orientadas para o arruamento principal, faz-se uso quase exclusivo da madeira de castanho.⁶

⁶ In. Afonso, J. Martins, F. Meneses, C. (2014).

Elementos Horizontais

Sobrados

Na área de estudo, estes são compostos por uma estrutura simples de paus rolados, que Freitas (2012) define como simples troncos descascados (15 a 25 cm de diâmetro), por vezes reforçados por barrotes ou simples aplicação de tarugos, e cadeias que, segundo Teixeira (2004), permitiam gerar descontinuidades na estrutura de modo a permitir, por exemplo, a passagem de escadas.

Segundo o mesmo autor, estes vigamentos estariam limitados pela maior dimensão de vão permitida pelas espécies da região (aproximadamente 7 m).

Contudo, pelas observações no local, observou-se que tal dimensão poderia ser multiplicada, lançando novos vigamentos a partir das divisórias em alvenaria criando sobrados de maiores dimensões. De salientar que o seu revestimento superior, em todos os casos observados, se fazia em régua de madeira justapostas ou em sistema de macho e fêmea, exceto nos casos em que a cozinha se encontra no piso superior e era necessário suportar o peso da pedra do lar.

Nestes casos, recorria-se à execução de um maciço de suporte em alvenaria ao nível do piso térreo, ou ao reforço dos vigamentos do sobrado com dupla viga e ou tarugo, pequena peça de madeira que serve para solidarizar vigas paralelas.

No caso dos varandins, estes ou se apoiam sobre o prolongamento da estrutura dos sobrados ou sobre alvenarias estruturais do piso térreo, adquirindo a leitura volumétrica de recuo do piso superior em relação ao térreo.

Coberturas

As situações de duas águas são frequentes em casas elementares de reduzidas dimensões, ou em casas arruadas em banda, como é o caso, sendo as de uma água exclusivamente observadas em telheiros ou situações muito pontuais como ampliações de reduzidas dimensões.

São compostas por pedra, grandes lajes de Ardósia e pregadas a um madeiramento do telhado sendo estas entrelaçadas até ao cume da cobertura. Quanto aos materiais estruturais, os castanheiros e os carvalhos disponibilizaram a madeira necessária para as traves, caibros e largas tábuas que sustentavam as pesadas coberturas.

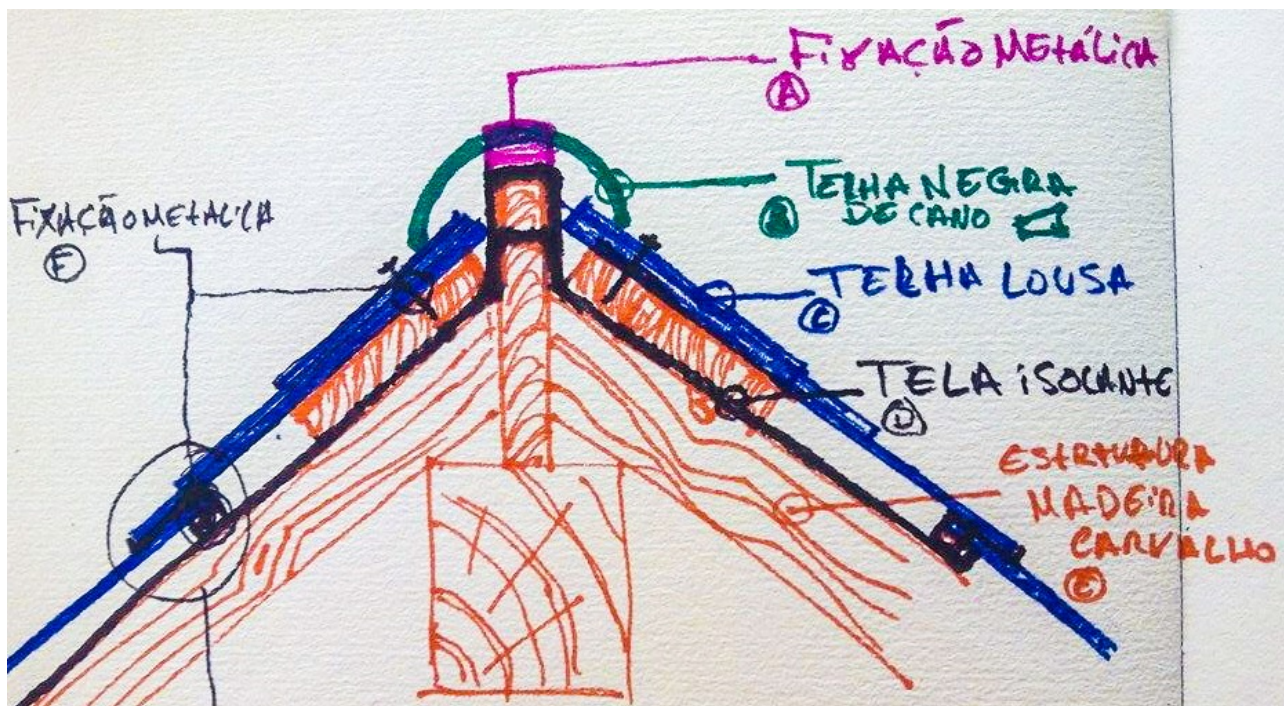


Fig. 43. Esquisso em corte de Cobertura em Louisa de acordo com as técnicas e materiais actuais.
Fonte: Autor

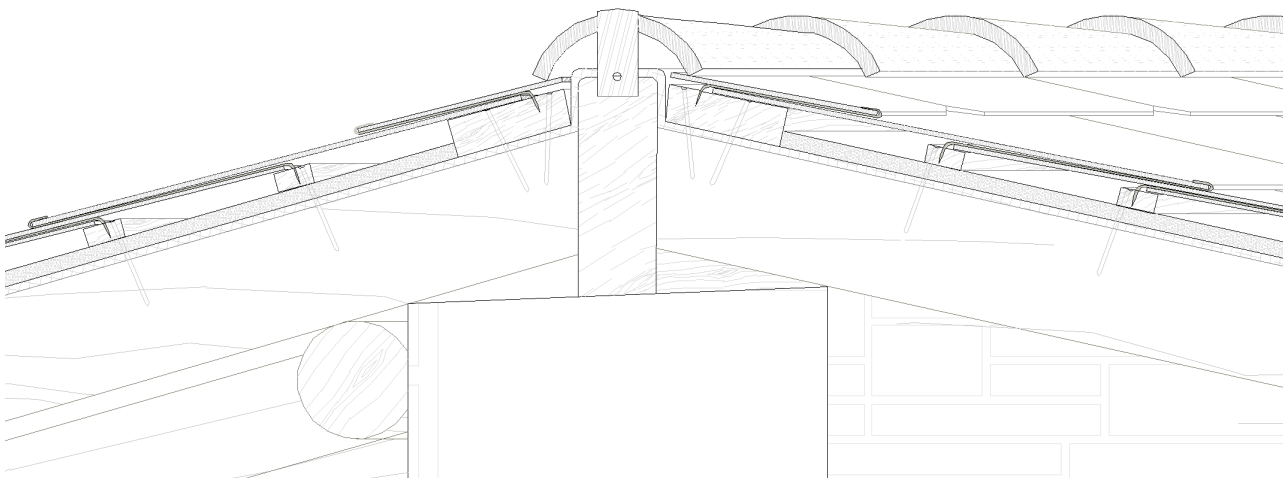


Fig. 44. Pormenor construtivo de Cobertura em Louisa de acordo com as técnicas e materiais actuais.
Fonte: Autor

Conexão Entre Elementos Verticais e Horizontais

Pelo que foi possível observar no local, a ligação entre sobrados e alvenarias estruturais pode ocorrer por apoio simples e ou por encastramento. No caso de apoio simples, a estrutura de paus rolados do sobrado apoiava-se sobre um ressalto perimetral nas paredes de alvenaria estrutural ou nas divisórias, previamente capeados por pequenas lajes de de xisto de modo a criar uma superfície regular que permitia evitar concentrações indesejáveis de compressões nas alvenarias.

Contudo, a solução mais frequentemente observada foi a de encastramento que passava pela execução prévia de orifícios nos paramentos das alvenarias de modo a receber a entrega das vigas do soalho e que, segundo Teixeira (2004), corresponderia a cerca de 2/3 da espessura da alvenaria, sendo o espaço remanescente preenchido por unidades pequenas de xisto.

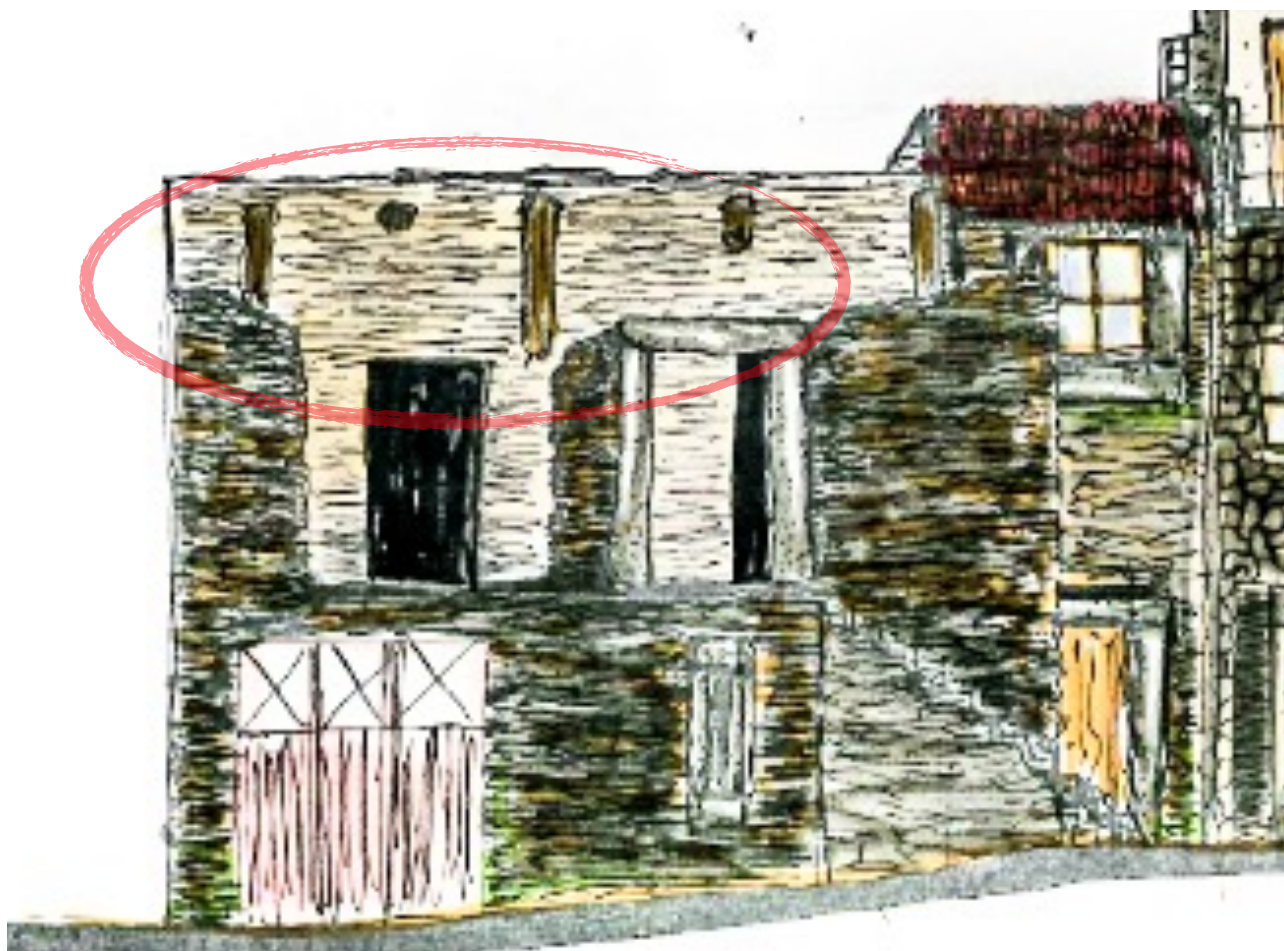


Fig. 45. Esquisso representativo de encastramento, realizado no local.
Fonte: Autor

Segundo o mesmo autor, as preocupações relativas às humidades nestes pontos levaria a que os topos das vigas fossem pintados com óleos, zarcão ou alcatrão para prevenir o seu apodrecimento. Neste sistema, o tarugamento dos sobrados era fundamental para a sua solidificação e proteção contra empenos, evitando possíveis tensões sobre as alvenarias.

Em termos de coberturas, apesar da dificuldade em realizar observações, tendo em conta a dificuldade acrescida em aceder a estes pontos específicos, de acordo com o referido por Appleton (2003), as ligações dos seus elementos estruturais às alvenarias processar-se-iam do mesmo modo como nos sobrados, sendo o encastramento, abaixo representado na figura 46, e o apoio sobre frechal, viga em que se pregam os caibros à beira do telhado, as soluções mais recorrentes. O apoio das linhas sobre alvenarias estruturais intermédias ou pilares é muito raro.

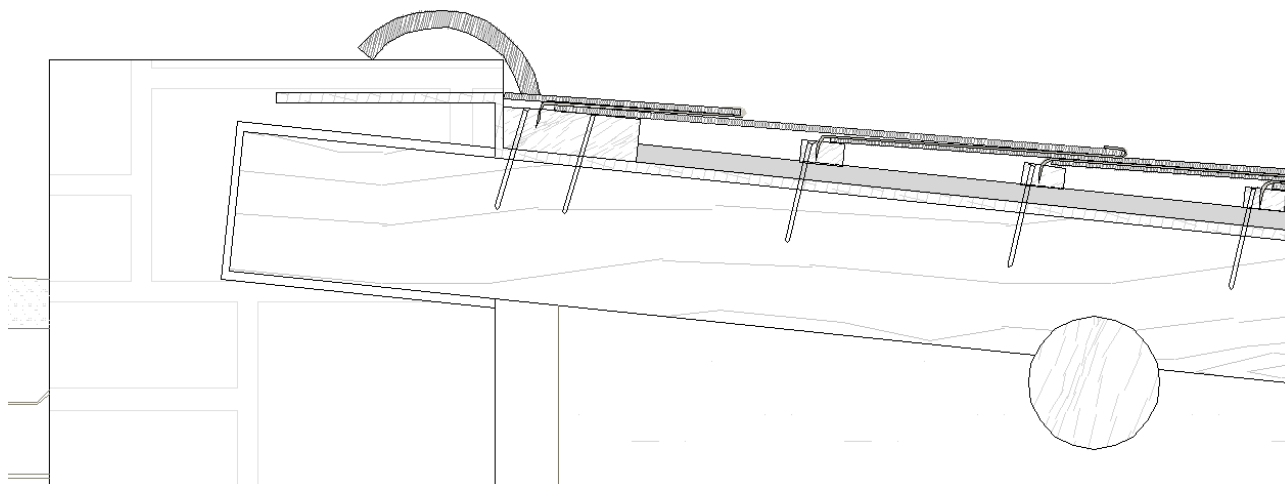


Fig. 46. Pormenor construtivo de encastramento de acordo com as técnicas e materiais actuais.
Fonte: Autor

Elementos Não Estruturais

Escadas

As escadas são compostas por degraus em lajes de xisto. Regra geral, ou são encastrados lateralmente nas paredes do edifício e apoiados sobre um maciço de alvenaria regra geral em xisto, quando paralelas à fachada, ou são autoportantes na totalidade e apoiadas sobre muretes ou num maciço em xisto.

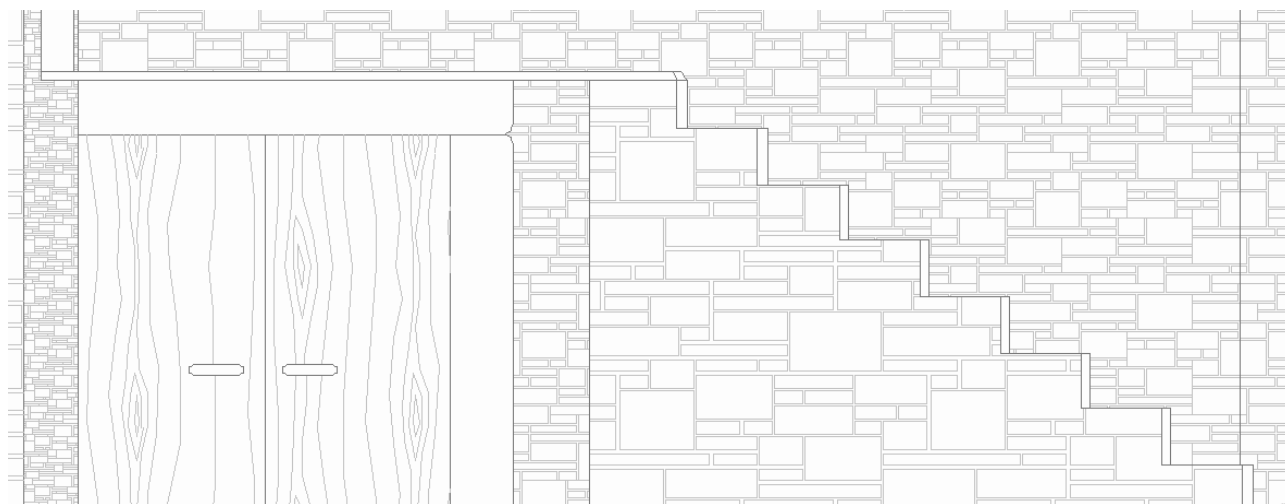


Fig. 47. Vista lateral de uma escada em com degraus em laje de xisto assentes em alvenaria de pedra maciça.
Fonte: Autor

O patim superior era constituído por uma ou duas lajes de grandes dimensões (cerca de 1,2 m x 0,6 m x 0,2 m cada), rematava a chegada da escada ao piso superior e quando esta não era paralela à fachada servia também de apoio ao sobrado do varandim.

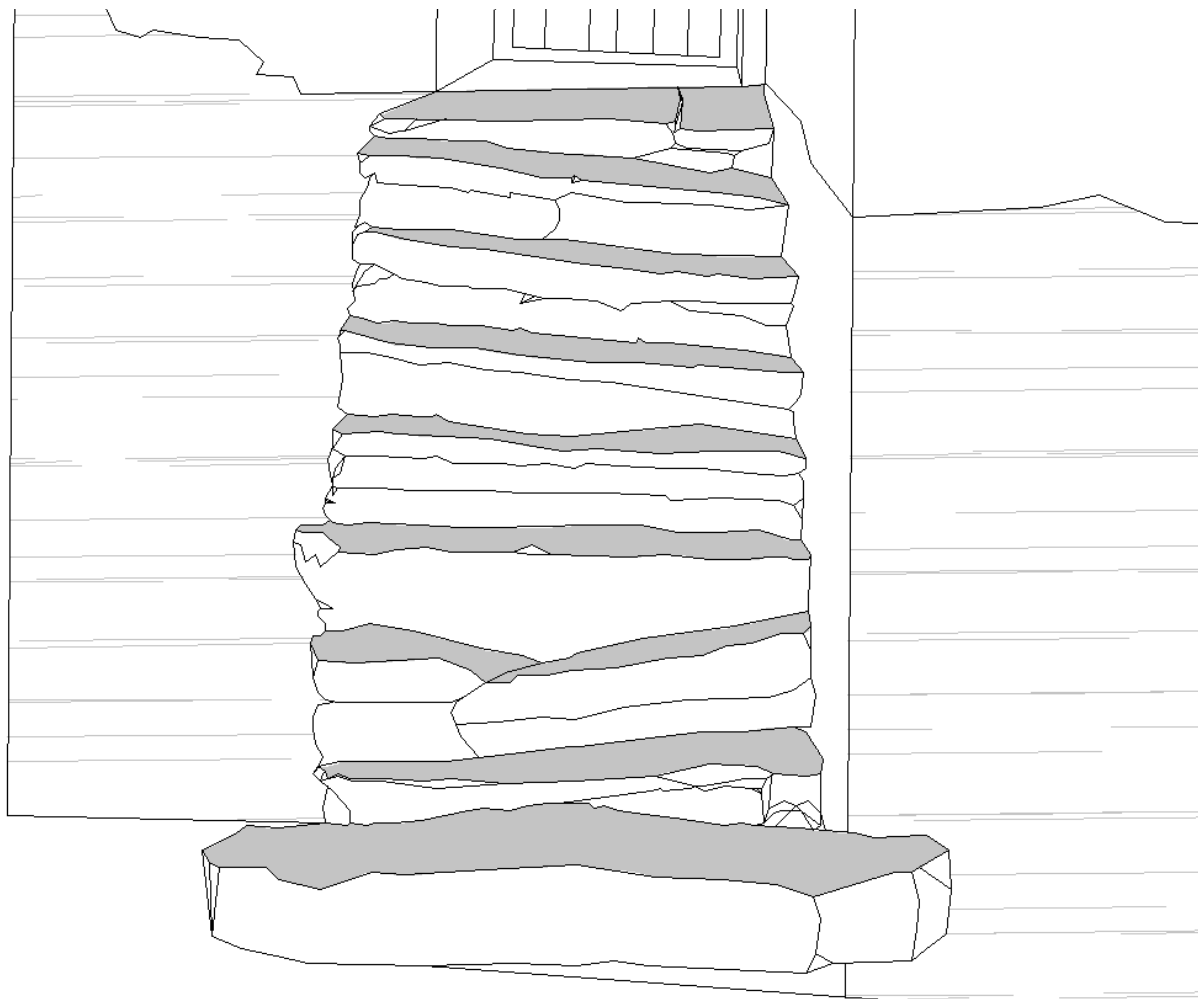


Fig. 48. Vista frontal de uma escada em com degraus em laje de xisto assentes em alvenaria de pedra maciça.
Fonte: Autor

Paredes divisórias em madeira

Na área de estudo, as divisórias interiores do primeiro piso, eram executadas em tabique simples, que segundo Freitas (2012), se classificam como de tabique simples, ou tabique suspenso ou aliviado, e que se apoiam diretamente sobre o sobrado, sem a necessidade de manter continuidade com as paredes de alvenaria do piso térreo. Estes tipos de divisórias são muito raras ao nível de pisos térreos agrícolas, dada a sua relativa fragilidade a impactos e humidades, surgem ainda referencias a paredes em terra designadas localmente por paredes de taipa, compostas por uma estrutura interior semelhante às de tabique, mas recobertas recorrendo à técnica do taipal por terra ou saibro compactados.

Geralmente executadas em materiais mais leves são compostas sobretudo ou por taipais de madeira ou por tabique sendo que um elemento construtivo de tabique, como por exemplo uma parede, é construído através do pregar de fasquio (ripas de madeira, geralmente finas, colocadas horizontalmente) sobre tábuas de madeira colocadas na vertical, sendo o conjunto revestido em ambas as faces, por um material à base de terra.

3.1.4 Objectivos do projecto arquitectónico

- Respeitar a arquitetura vernacular;
- Impor a imagem arquitectónica corrente (arruamentos e construções), sobretudo nas construções feitas nas ultimas décadas e que descaracterizaram a imagem da aldeia;
- Manter as formas e as dimensões do edificado actual sempre sem esquecer a traça do original Levantamento executado pelo autor da tese);
- Recuperar os sistemas e materiais construtivos tradicionais;
- Procurar integrar toda a abordagem conceptual e arquitectónica, na paisagem, respeitando assim as pré-existências, construindo e reconstruindo com os materiais locais e com pequenos apontamentos contemporâneos;
- O pensar de espaços destinados a Turismo de Habitação, de albergue e de vertente Cultural, Loja de Xisto / recepção multi usos / Adega Salão;
- Adaptar e converter os espaços existentes para Turismo de Habitação e para Albergue, sem esquecer a questão das acessibilidades;
- Recuperar as atividades rurais, a atividade agropecuária, a atividade florestal e as atividades ligadas ao artesanato e à divulgação dos produtos locais de qualidade por meio da intervenção do PAX e das Lojas de Xisto;

3.1.5 Conceito e princípios gerais de intervenção da proposta

A intervenção no património arquitectónico das habitações inseridas numa aldeia rural requerem uma abordagem multidisciplinar, pois a preservação do seu valor e a autenticidade não pode ser baseada em critérios fixos, pois o respeito a cada cultura requer também que a sua herança física seja considerada dentro do contexto cultural ao qual pertence, existe uma combinação de diversos materiais (xisto, ardósia e madeira) que importam preservar e que formam a história e identidade da aldeia. Interessa assim manter a imagem arquitectónica do edificado, adaptando-o contudo aos novos usos e funcionalidades, incluindo ainda novos espaços e construções que venham garantir ao edificado a adaptação a esses novos usos.

Torna-se então necessário criar Princípios Gerais de Intervenção que sejam úteis em futuras construções e que reflitam uma coerência arquitectónica global para que se consiga assim criar nestas aldeias uma maior organização e harmonia em relação com a envolvente, de modo a torná-las atrativas para os moradores e os visitantes externos ocasionais.

Aquando de uma intervenção nos sistemas construtivos deve adotar-se uma metodologia do tipo "conservadora" que se deverá preocupar com a duração no tempo e com o melhoramento das características estáticas e funcionais dos sistemas construtivos, caracterizada por intervenções que procuram a recuperação da eficiência de todos os componentes.

Procura-se, com essas ações de intervenção, dotar o conjunto edificado de condições de segurança, durabilidade, funcionalidade e conforto; corrigir problemas estruturais e de interação entre elementos construtivos, atualizar ou melhorar as condições de utilização ou de adaptação a novas funções compatíveis e pensar as acessibilidades.

O conhecimento e o respeito pelo objeto alvo da intervenção são fundamentais e intervieram por isso na decisão dos procedimentos e técnicas a utilizar no projeto de reabilitação. Esta intervenção deverá então decorrer após a realização de um conjunto de ações que justifiquem, de forma sustentada, a necessidade e a dimensão da respectiva intervenção, cumprindo os seguintes princípios gerais:

- Nenhuma ação deve ser empreendida sem se demonstrar que é de facto indispensável;
- Uma possível alteração de uso do edifício deve ter em consideração as exigências de conservação e de segurança, adoptando para isso soluções com o mínimo grau de intrusão;
- Deve existir compatibilidade entre os materiais, permitindo que haja uma sã convivência entre o novo e o antigo, prevenindo assim a degradação dos materiais e o aparecimento de novos danos ou anomalias;
- As medidas de conservação devem ser reversíveis, não comprometendo futuras ações de utilização, ou de reposição de espaços e/ou materiais e deixar em aberto a possibilidade de no futuro se poderem aplicar outras técnicas de intervenção mais eficazes e/ou duradouras;
- O respeito pelo edifício, pela sua história e pelas técnicas construtivas originais utilizadas na sua concepção, deverá estar sempre presente em qualquer projeto de reabilitação.⁷

⁷ In. Freitas, V. (2012).

3.1.7 Pontos Gerais da Intervenção de Reabilitação Arquitectónica

Intervenção em alvenarias estruturais

- A intervenção ao nível das alvenarias estruturais implica primeiro trabalhos de reforço estrutural preventivo, seguidos por trabalhos de tratamento das unidades de alvenaria com destaque para os trabalhos específicos para o tratamento das humidades existentes.
- Reforço estrutural de planos verticais;
- Restruturação geral de juntas com argamassa de cal ou produto equivalente, incluindo a substituição das unidades de alvenaria não consolidáveis;

Tratamento de unidades de alvenaria

- Limpeza generalizada, incluindo a remoção de todos os elementos metálicos, madeiras, aplicações de betão e demais lixos que se encontrem presentes, recorrendo à aplicação de produtos de limpeza apropriados, preferencialmente em gel e aplicados ao pincel, compatíveis quimicamente com os xistos presentes;
- Remoção generalizada de todos os rebocos interiores e exteriores, incluindo a limpeza das alvenarias.
- Fechamento de fendas e consolidação superficial pela aplicação de consolidantes apropriados, em unidades de alvenarias danificadas, incluindo a colagem dos elementos partidos com produtos específicos;
- Tratamento das humidades presentes nas alvenarias estruturais.

Intervenção nos sobrados de madeira

- A intervenção ao nível dos sobrados implica trabalhos de reforço, de demolição com destruição de elementos com podridão, de modo a impedir contágios aos madeiras sãs, assim como a execução de novos elementos recorrendo à reciclagem das madeiras removidas conjugadas como novas madeiras. Estas deverão ser da mesma espécie das existentes, de modo a garantir o máximo de singularidade material possível. Na eventual necessidade de se executar novos encaixes, estes devem ser do tipo dos existentes nas estruturas vernaculares da obra.
- Demolição dos sobrados irrecuperáveis nas áreas designadas;
- Aplicação de proteção ao fogo, aquando da execução dos vigamentos e tarugos, como do soalho de revestimento.

Reforço e recuperação gerais

- Remoção dos elementos com irreversíveis sinais de podridão e fluência e substituição por novos, incluindo a remoção de escadas interiores que possam existir, prevendo o tratamento com produtos de preservação e proteção contra o fogo dos elementos a manter;
- Reforço das ligações entre soalho e alvenarias, sempre que estas apresentarem sinais de degradação;
- Consolidação da estrutura aplicando tarugos generalizados, em particular nos pontos de maiores cargas concentradas, tais como por baixo das novas divisórias do primeiro piso;
- Insonorização e consolidação da estrutura pela aplicação de uma camada de isolante acústico, e de uma camada de soalho;

Intervenção nas coberturas de madeira

- As preocupações relativas à reabilitação, execução e tratamento das madeiras dos sobrados, aplicam-se do mesmo modo ao nível das madeiras das coberturas. Salienta-se o facto de se proceder à execução de uma rede de recolha de águas pluviais e o retelhamento com aplicação da típica telha lousa em todas as coberturas;
- Remoção dos elementos com visíveis sinais de podridão;
- Reconstrução do telhado sobre todo o conjunto edificado, recorrendo a painéis sandwiche em madeira com isolamento térmico, prevendo a aplicação de barreira para-vapor e de telha Lousa com Applique Tradicional;
- Reforço das ligações entre os elementos estruturais da cobertura e as paredes de alvenaria;
- Solidificação da estrutura pela aplicação de novos barrotes e ripados;

Intervenção em pavimentos

- Construção de um pavimento em lajeado de xisto junto aos vestíbulos de entrada, e em madeira nos restantes pavimentos do piso térreo, prevendo a sua execução sobre uma estrutura de madeira sobreposta a uma caixa de brita sobre a qual se aplicará um geotêxtil e uma camada de impermeabilização, seguido de uma betonilha de regularização sobre a qual se executará o assentamento do respetivo pavimento.

3.2 Projecto

3.2.1 Conjunto habitacional para turismo de habitação

Divididos pelos lotes, A1, A3 e A4 criaram-se 4 espaços destinados a Habitação de Turismo que juntos perfazem uma área de 440,2m².

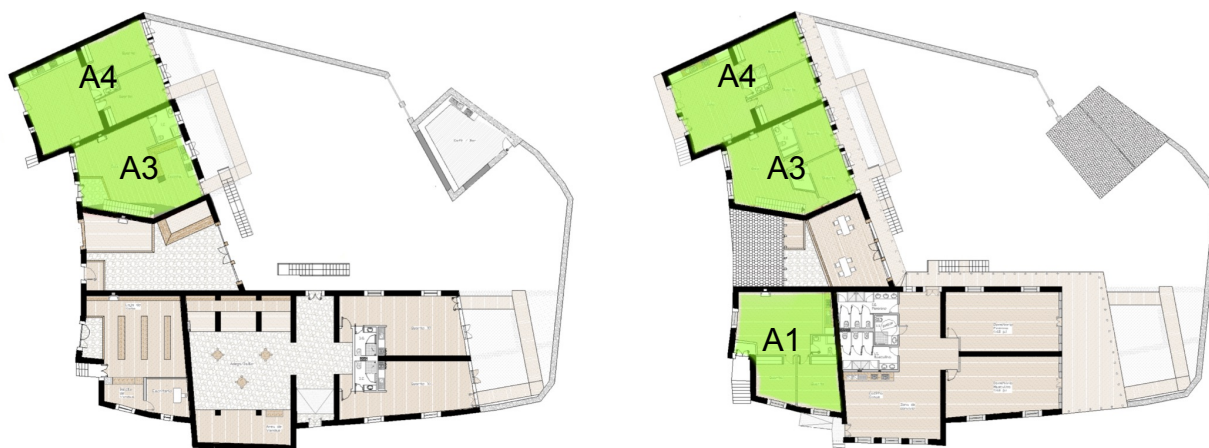


Fig. 49. Marcação das áreas projectadas para Turismo de habitação (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1).
Fonte: Autor

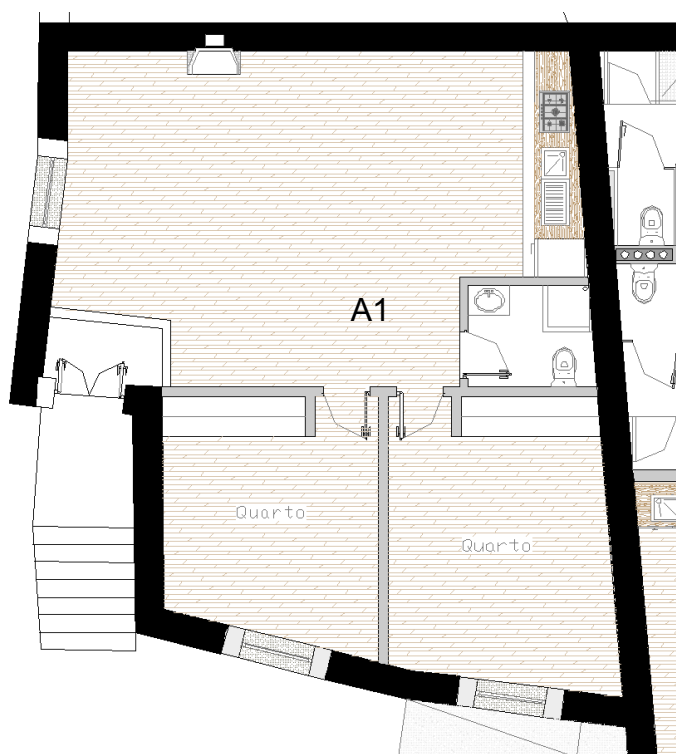


Fig. 50. Proposta de projecto para Turismo de habitação referente ao lote A1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 1).
Fonte: Autor

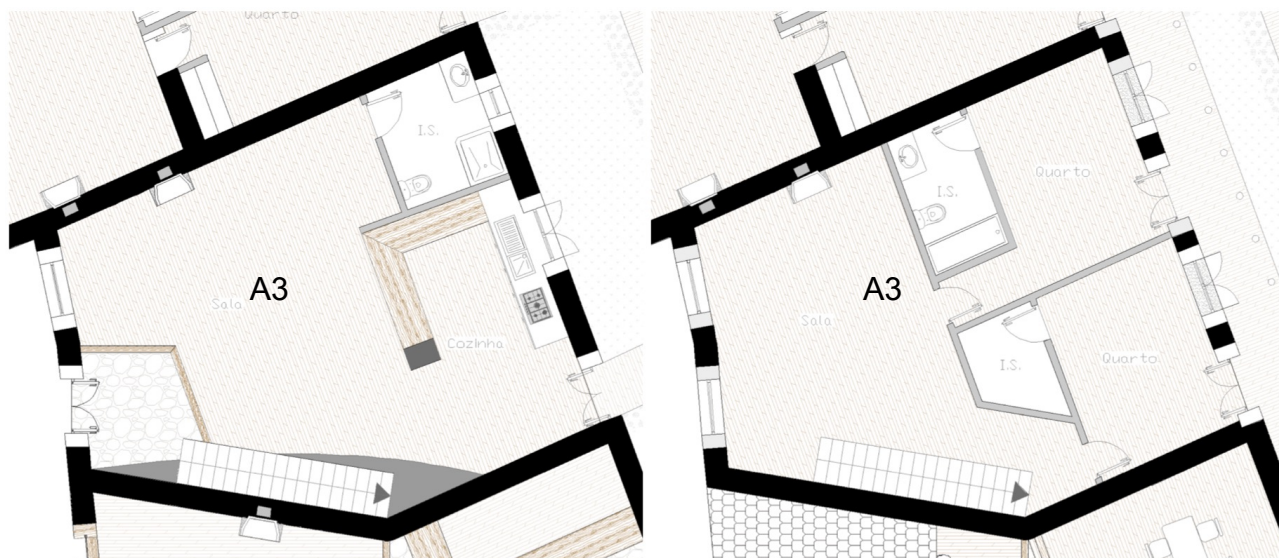


Fig. 51. Proposta de projecto para Turismo de habitação referente ao lote A3 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)
Fonte: Autor

Lote A3 - Lote destinado a Turismo de habitação composto por 1 Cozinha, 2 Salas, 3 I.S., 2 Quartos e uma Parcela “privada” de Logradouro.

Área Total- 162m²

Tipologia- T2

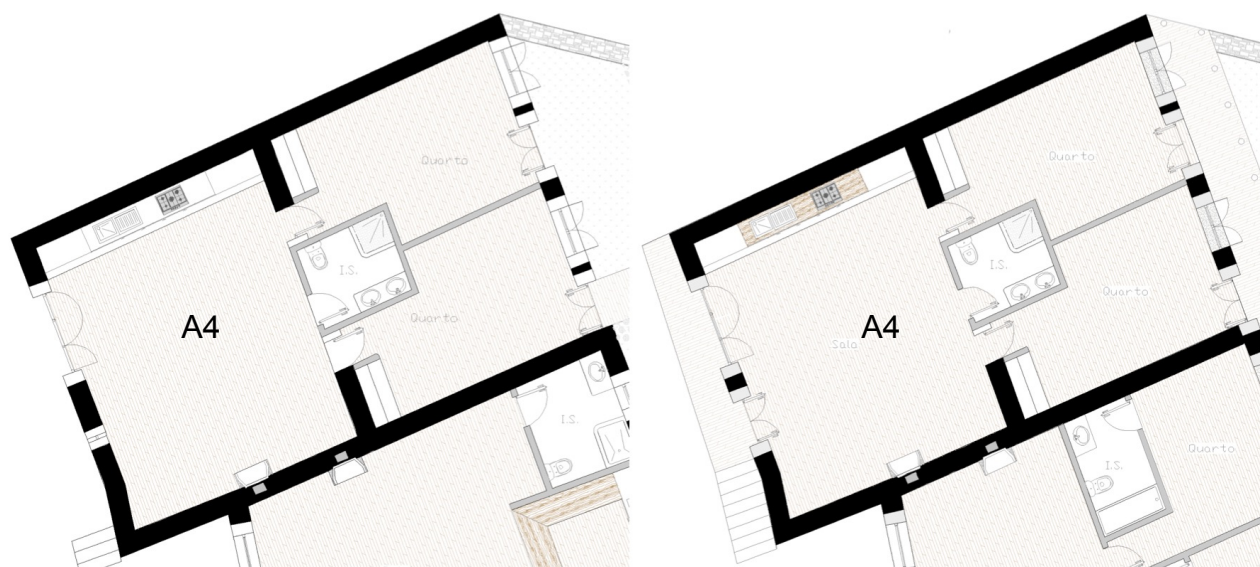


Fig. 52. Proposta de projecto para Turismo de habitação referente ao lote A4 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)
Fonte: Autor

3.2.2 Albergue

Para o lote B1 ao nível de parte do piso 0 e piso 1 na totalidade, projectou-se o espaço destinado a Albergue, que com uma área total de 359m², foi, pensado para albergar até 30 ocupantes, inclusivo ocupantes com necessidades especiais.

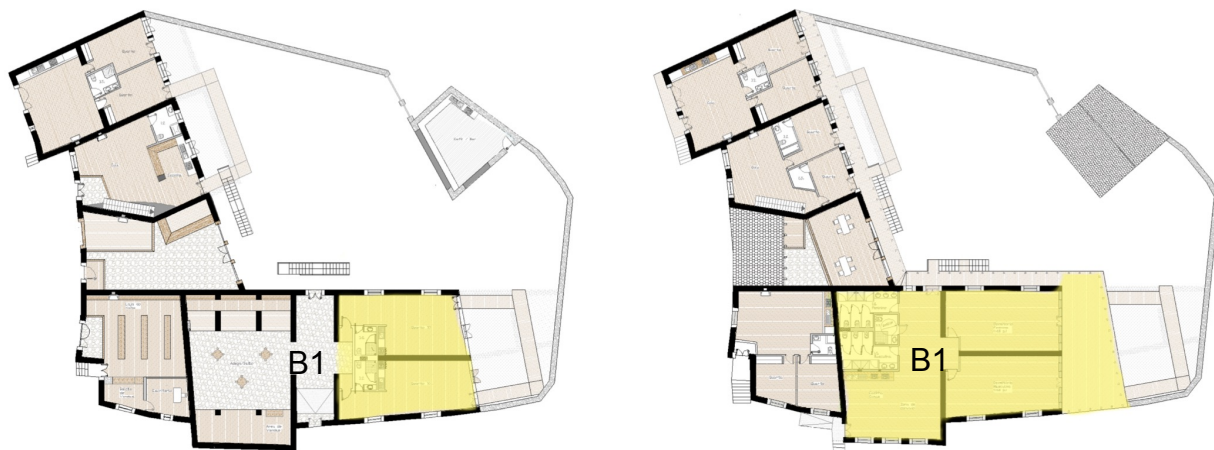


Fig. 53. Marcação das áreas projectadas para Albergue (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)
Fonte: Autor

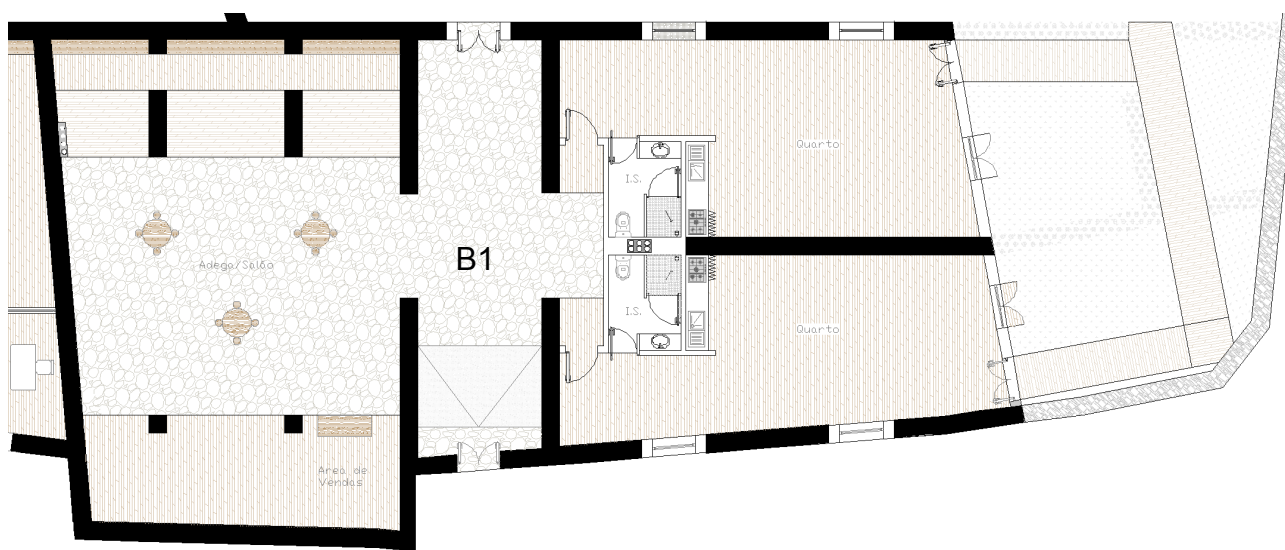


Fig. 54. Proposta de projecto para Albergue referente ao lote B1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)
Fonte: Autor

Lote B1 - Ocupando apenas parte da área do piso 0, é composto por 2 apartamentos capacitados de acolher até 6 pessoas no total, 3 por apartamento, constituídos de igual forma, 1 I.S., 1 Kitnet, 1 Salão/Quarto.

Possuem ambos uma parcela “privada” de logradouro, como se pode observar na imagem 54.

Área- 114m² (ap. 57m² por apartamento)

Tipologia- T0



Fig. 55. Proposta de projecto para Albergue referente ao lote B1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edifício (Planta piso 1)

Fonte: Autor

Lote B1 - Ocupando na integra toda a área do piso 1 e sendo capaz de albergar até 24 ocupantes, é projectado de acordo a corresponder às exigências impostas por questões de Mobilidade condicionada.

É composto por: Rampa de acesso; Cozinha Comum; Zona de Convívio; Dormitório Feminino Comum (máximo 12 ocupantes); Dormitório Masculino Comum (máximo 12 ocupantes); I.S. Feminina Comum; I.S Masculino Comum; I.S. Acessível; Área exterior de convívio acessível.

Área- 245m²

Área Dormitório Feminino- 55,30m²

Área Dormitório Masculino- 52,65m²

3.2.3 Recepção

Para o lote A2 projectou-se uma área de Recepção e de Atelier Livre com uma área total de 127,80m².

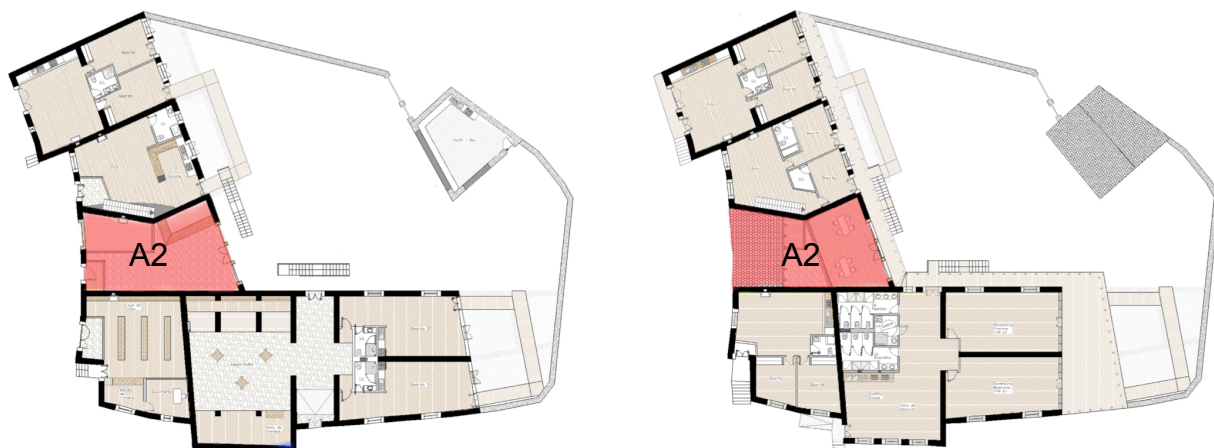


Fig. 56. Marcação das áreas projectadas para Recepção (Esquerda Planta piso 0, Direita Planta piso 1)
Fonte: Autor

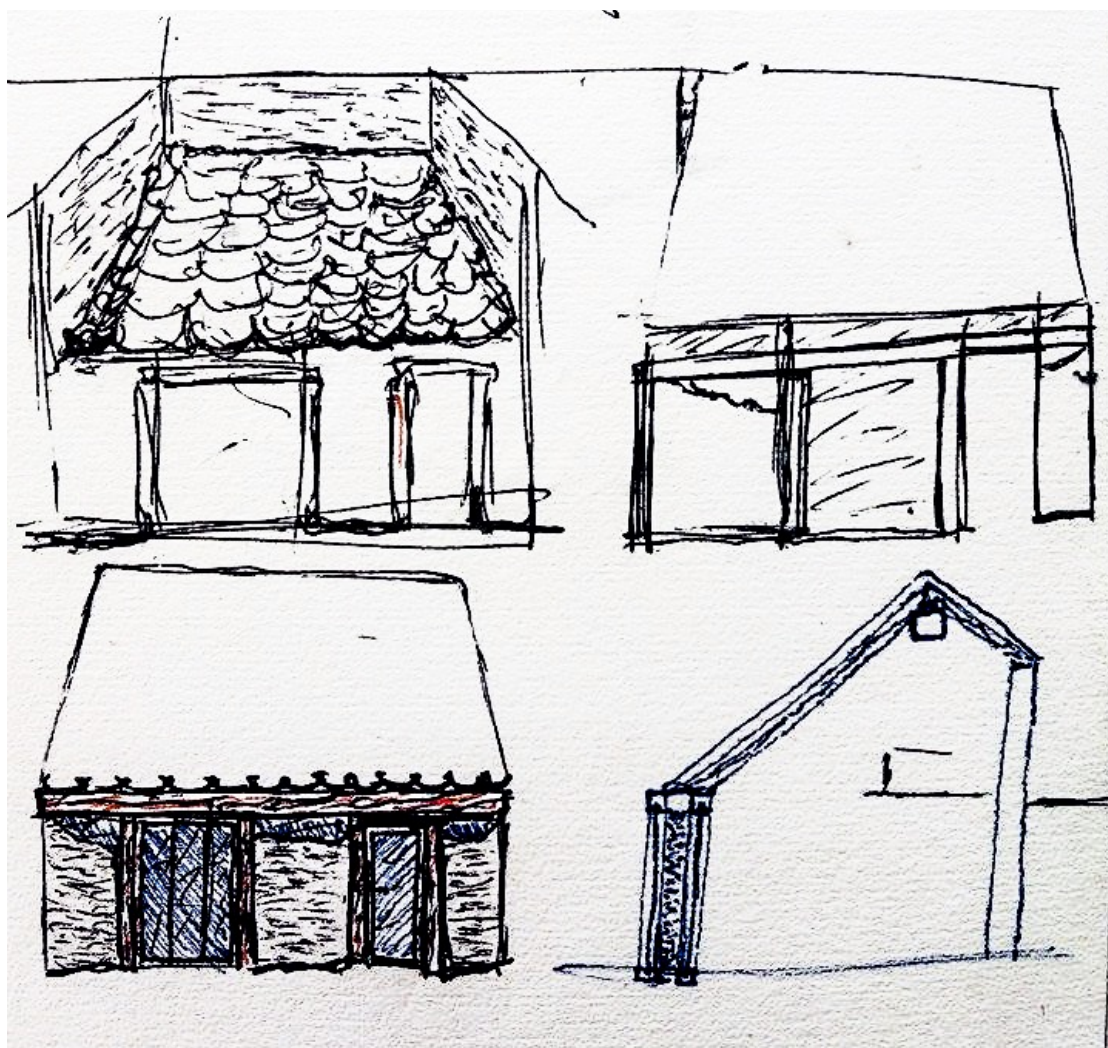


Fig. 57. Esquisso de estudo de fachada e de secção
Fonte: Autor

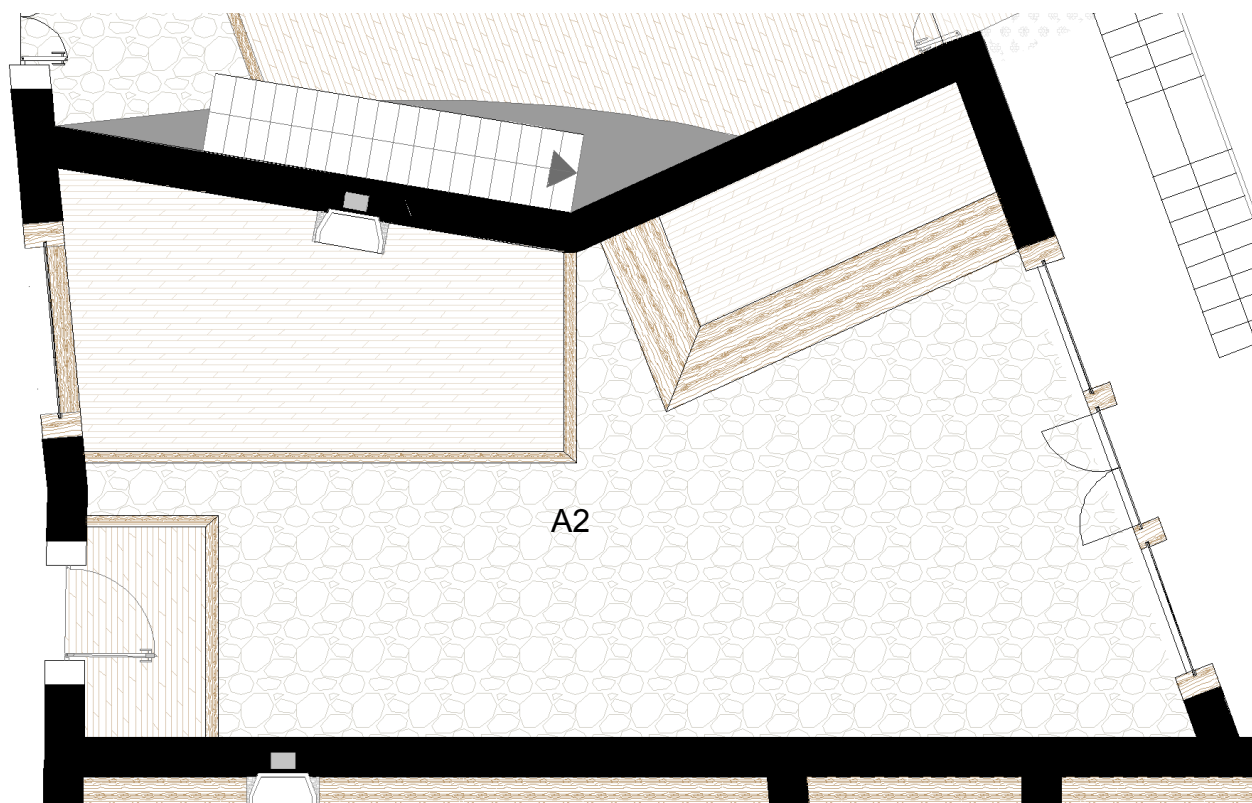


Fig. 58. Proposta de projecto para Recepção referente ao lote A2 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)
Fonte: Autor

Lote A2 - Lote destinado a de Recepção composto por 1 Zona de estar e por 1 Balcão de atendimento.

Área- 87,80m²

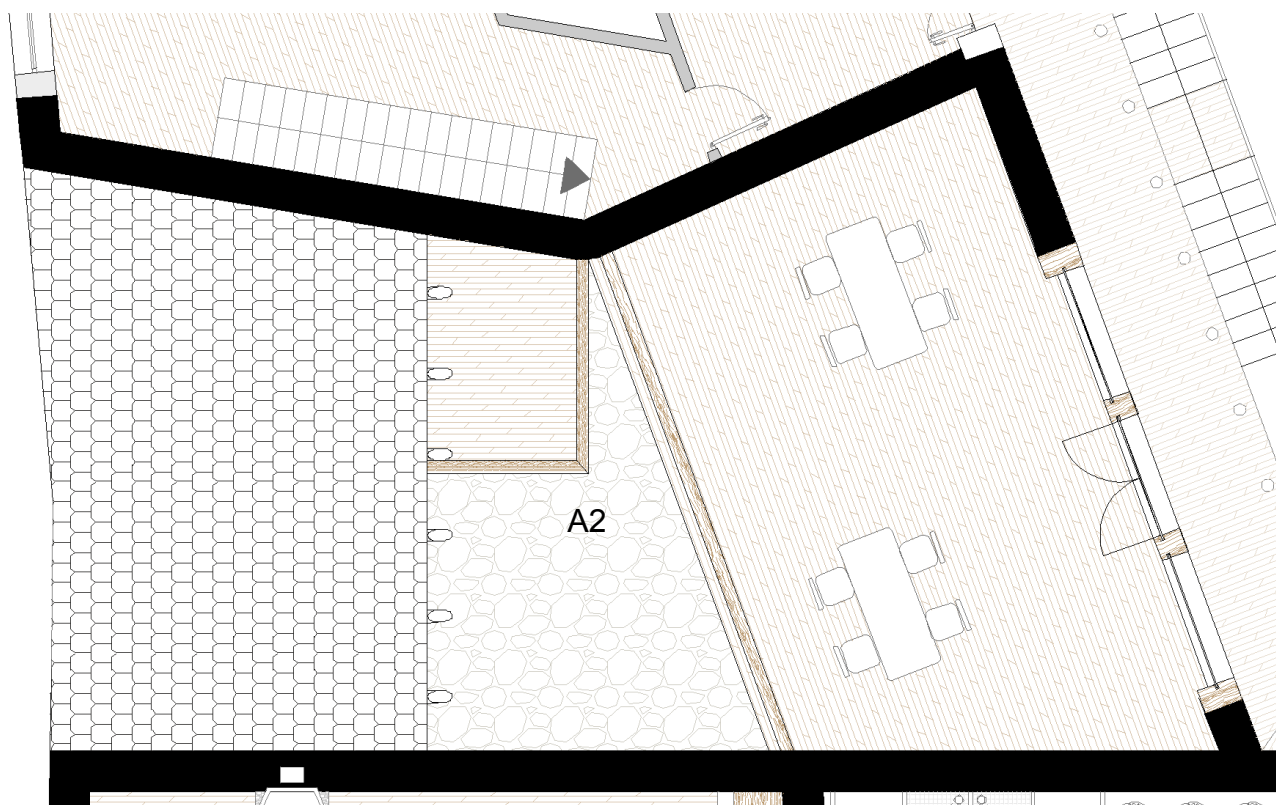


Fig. 59. Proposta de projecto para Recepção referente ao lote A2 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 1)
Fonte: Autor

Lote A2 - Lote destinado ao Atelier Livre composto por 1 Zona de estar e por 1 Balcão de atendimento.

Área- 40m2

3.2.4 Loja do Xisto

Localizando-se no piso 0 do lote A1, encontra-se a Loja de Xisto que ocupa uma área total de 87m²



Fig. 60. Marcação da área projectada para Loja do Xisto (Planta piso 0)
Fonte: Autor

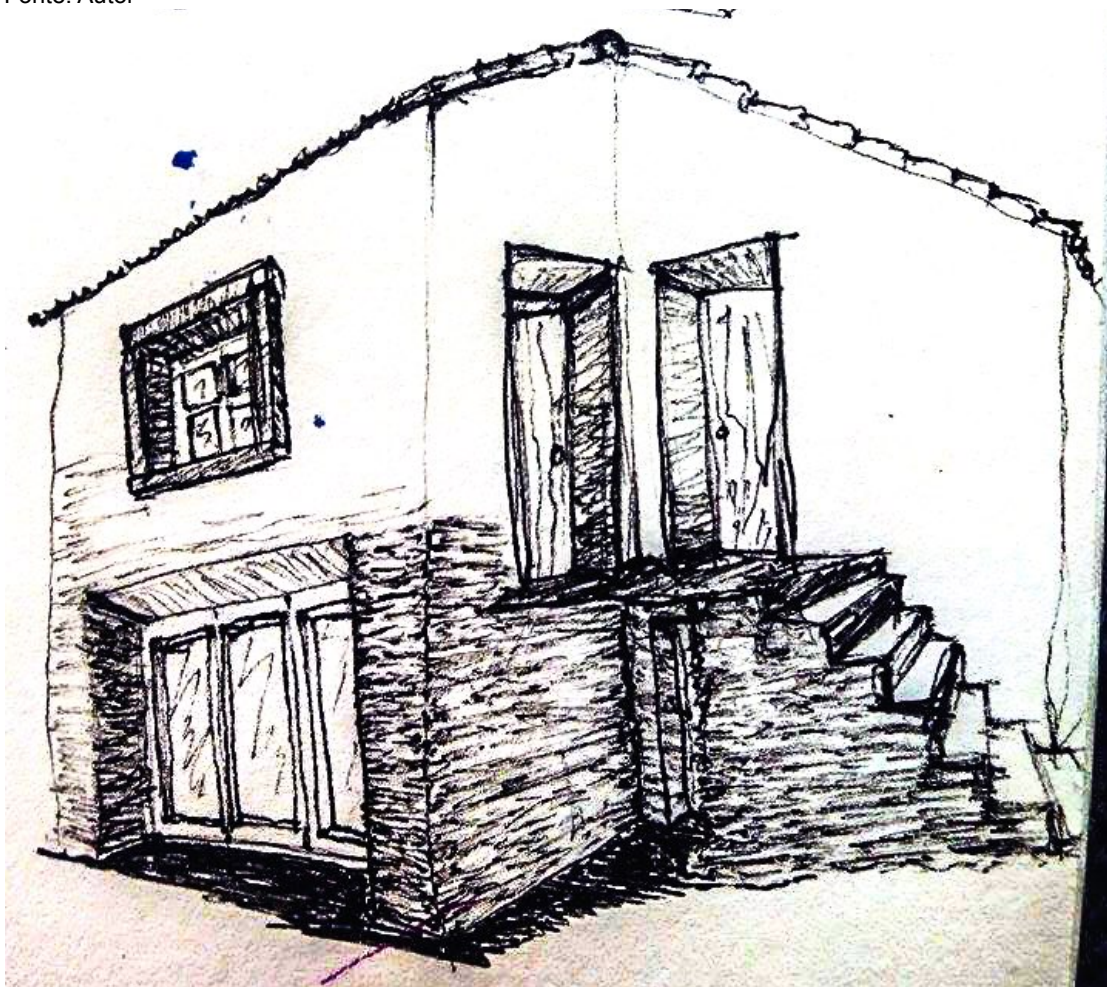


Fig. 61. Esquisso de estudo de fachada
Fonte: Autor

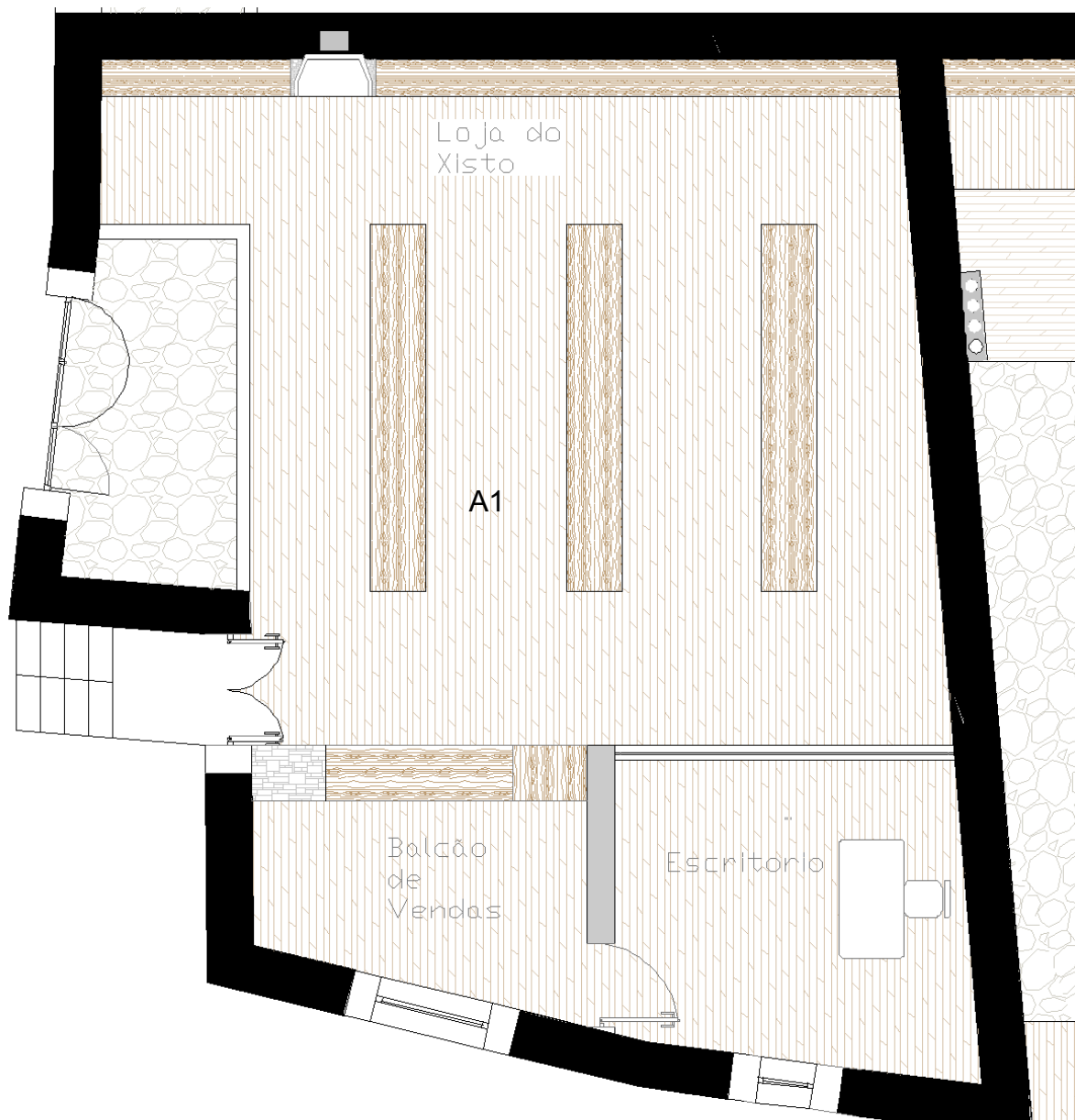


Fig. 62. Proposta de projecto para Loja do Xisto referente ao lote A1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)
Fonte: Autor

Lote A1 - O piso 0 do lote encontra-se destinado a de Loja do Xisto, composto por 1 zona de vendas, por 1 Balcão de atendimento e por 1 pequeno escritório.

Área- 87m2

3.2.5 Adega

Para o lote B1 ao nível de parte do piso 0 e parcialmente subterrada, projectou-se o espaço destinado a Adega, composta por espaços de climatização controlada para preservação de vinhos, salão de provas e balcão de vendas.

Área Total- 122,30m²



Fig. 63. Marcação da área projectada para Adega (Planta piso 0)
Fonte: Autor

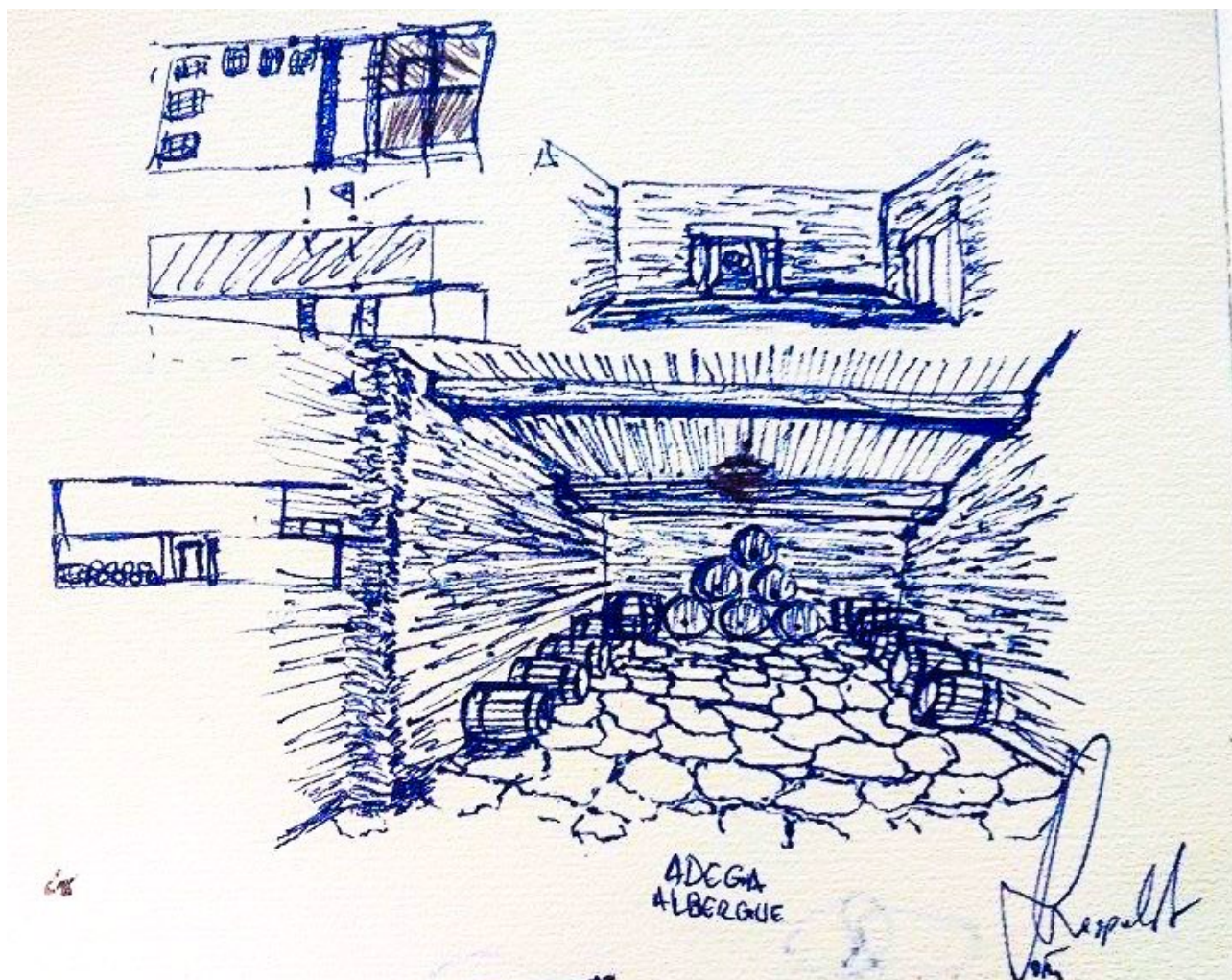


Fig. 64. Esquissos de estudos referentes á Adega
Fonte: Autor

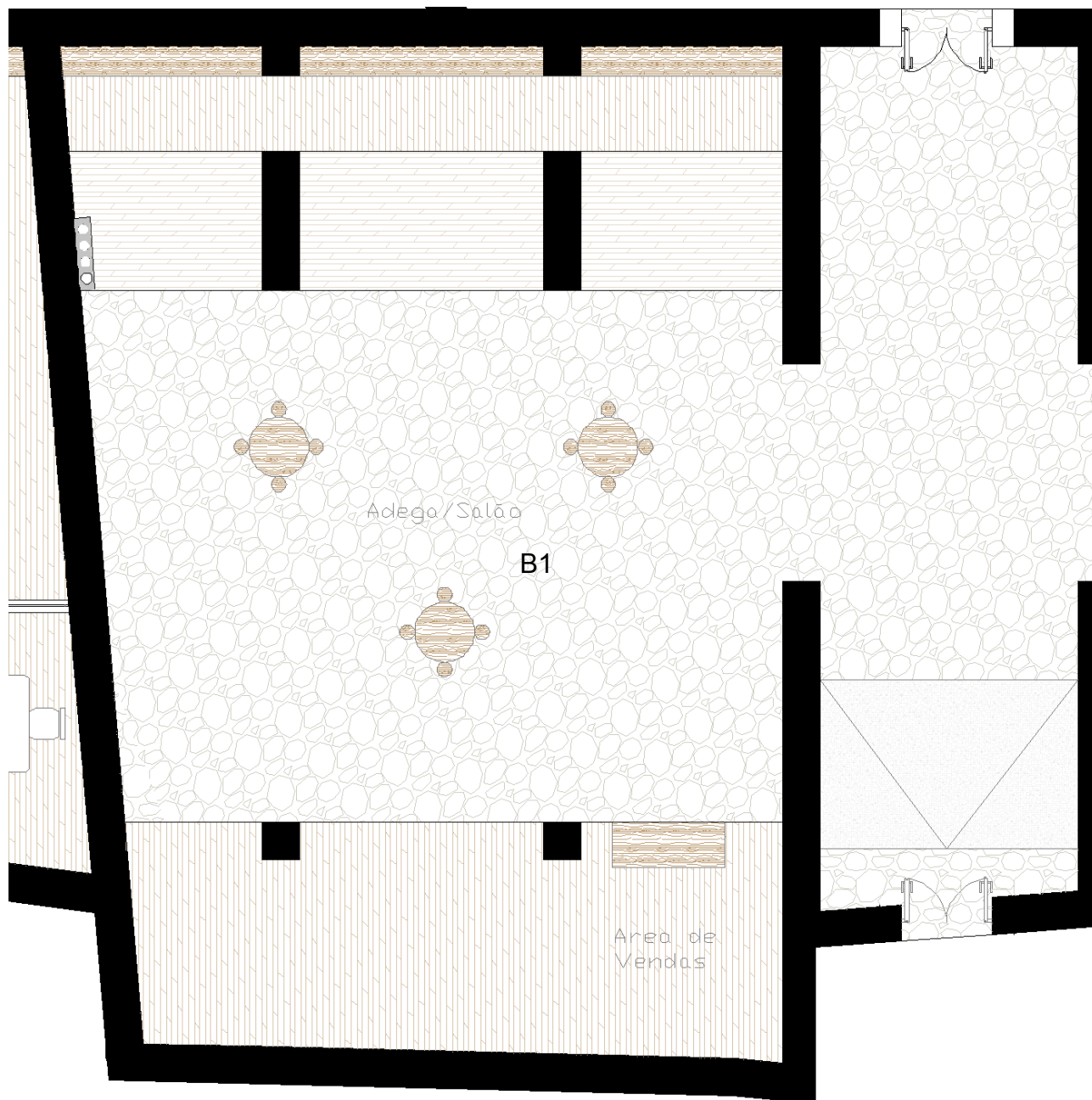


Fig. 65. Proposta de projecto para Adega referente a parte do lote B1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)
Fonte: Autor

3.2.6 Café/Bar

Para o Lote C1 propõe-se um café|bar inserido no Logradouro com a finalidade de complementar e servir o espaço publico do complexo.

Área- 45m²

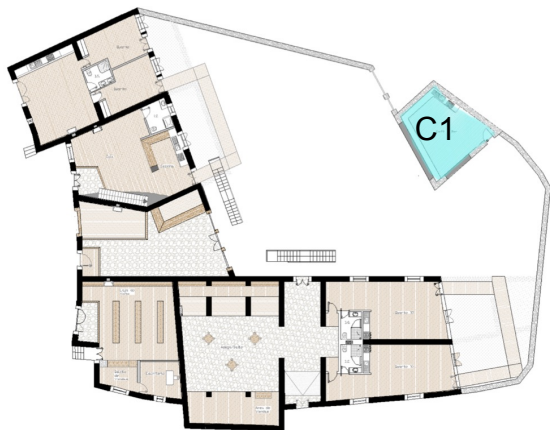


Fig. 66. Marcação da área projectada para Café|Bar (Planta piso 0)
Fonte: Autor

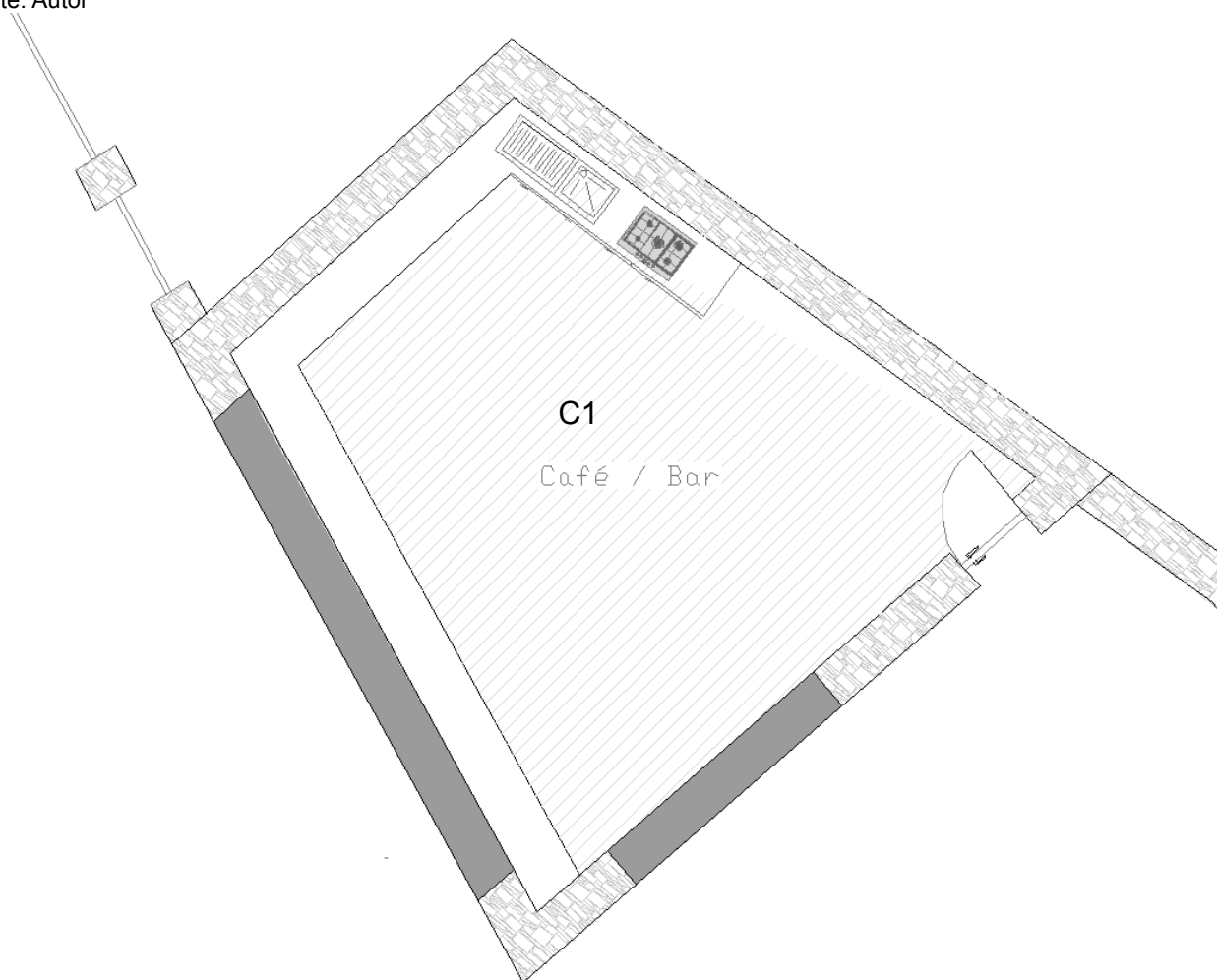


Fig. 67. Proposta de projecto para Café|bar referente ao do lote C1 do Fichamento de Caracterização Tipo-Morfológica de Edificado (Planta piso 0)
Fonte: Autor

3.2.7 Logradouro

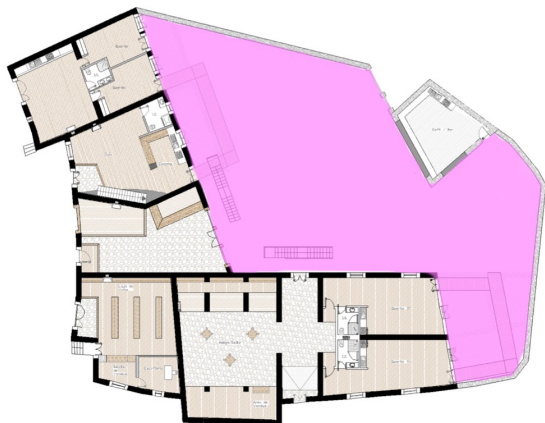


Fig. 68. Marcação da área referente ao Logradouro (Planta piso 0)
Fonte: Autor

Apesar de denominado de espaço “sobrante”, na presente proposta alcança um total de 645m². Projectou-se o logradouro, ponderando as ligações pessoais por meio de caminhos, de áreas de lazer e de arranjos exteriores. A colocação de castanheiros em pontos estratégicos permitem a existência de áreas em sombra no Verão e o facto de ser uma árvore de folha caduca permite a passagem da luz solar durante a estação de Inverno. De forma a complementar este espaço de relação, pensou-se o já referido Café|Bar .



Fig. 69. Esquisso em Vista Aérea da Proposta para a Área de Intervenção Com Destaque ao Logradouro
Fonte: Autor

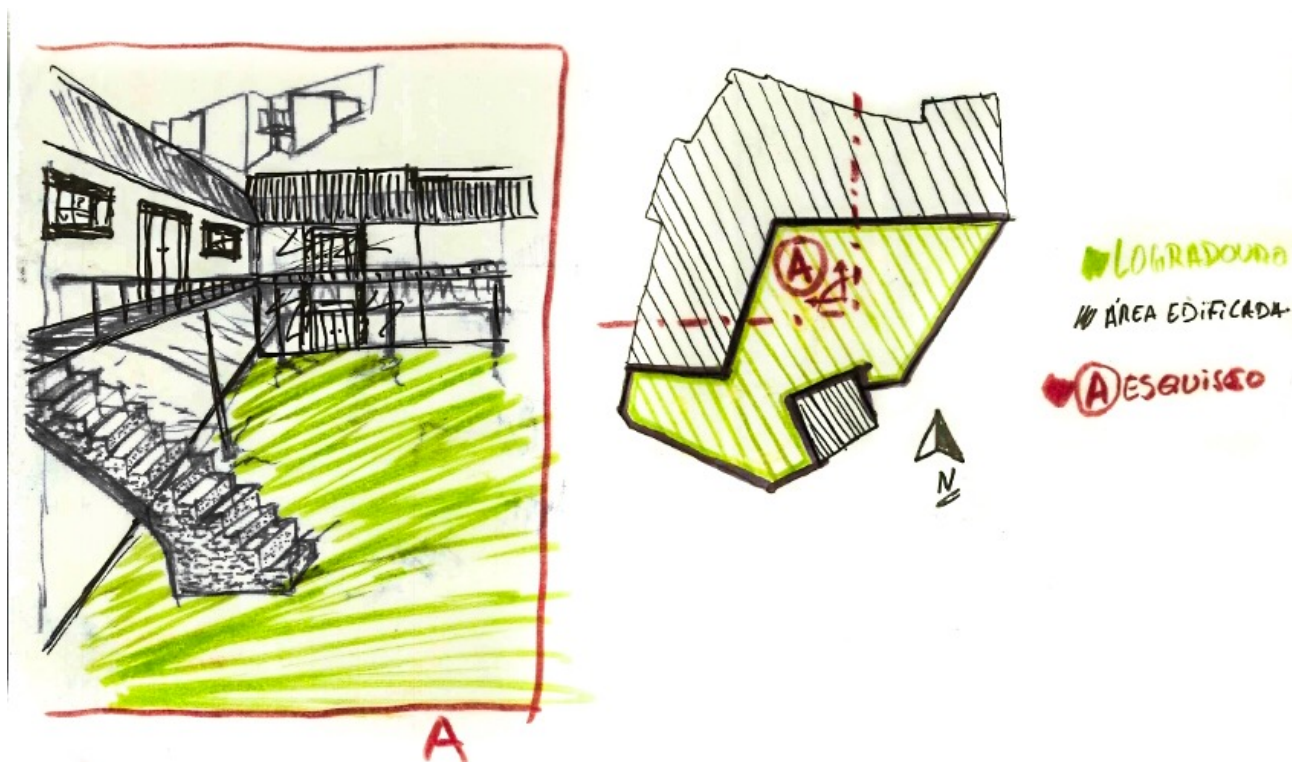


Fig. 70. Esquisto da Vista Noroeste do conjunto edificado face ao Logradouro
Fonte: Autor

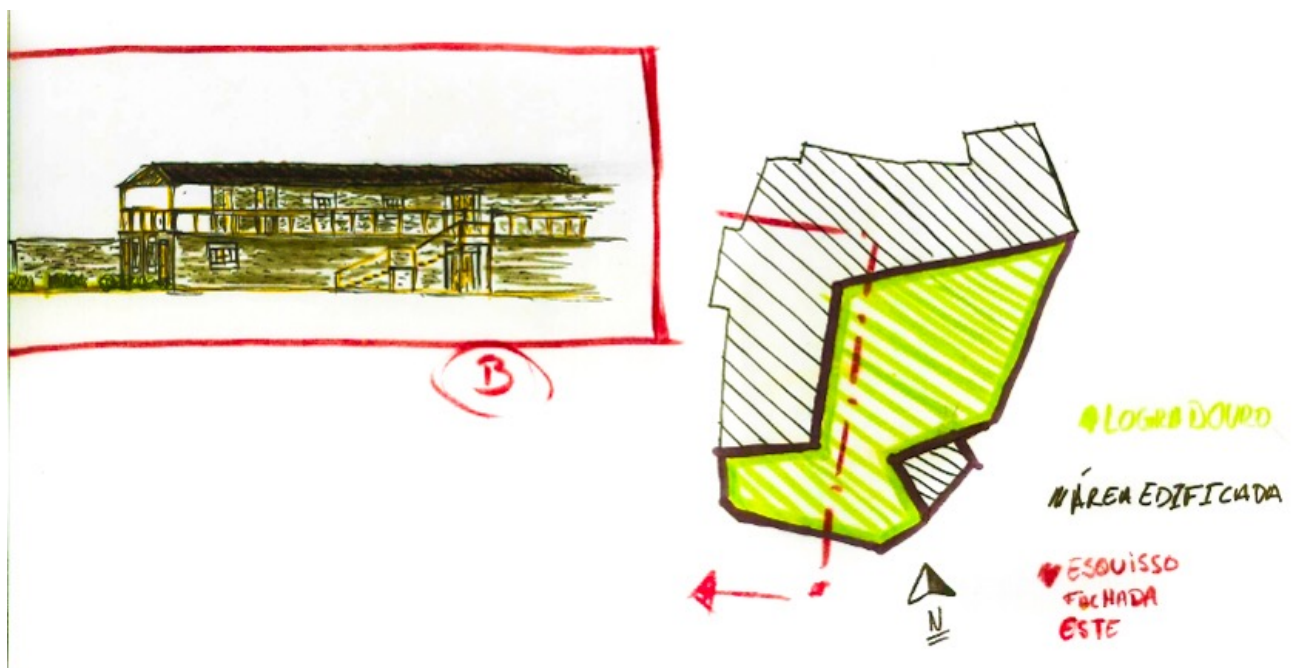


Fig. 71. Esquisto da Fachada Este face ao Logradouro
Fonte: Autor

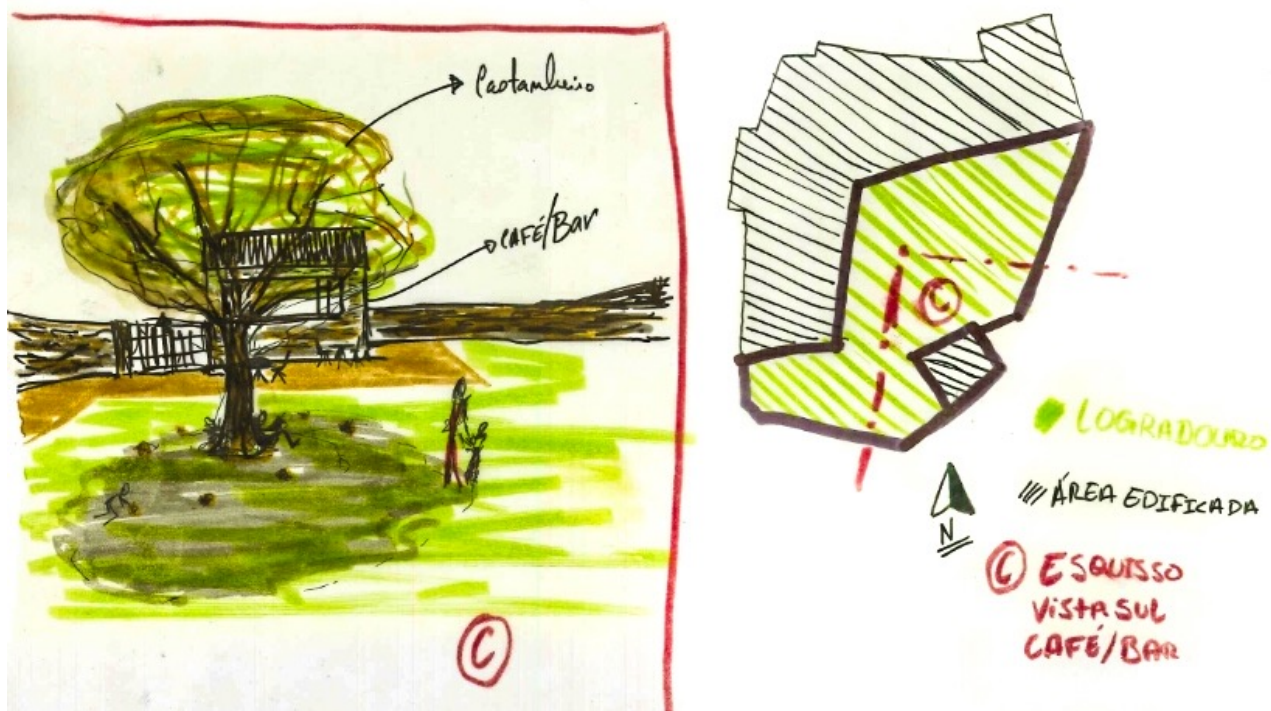


Fig. 72. Esquisso Logradouro Vista Sul
Fonte: Autor

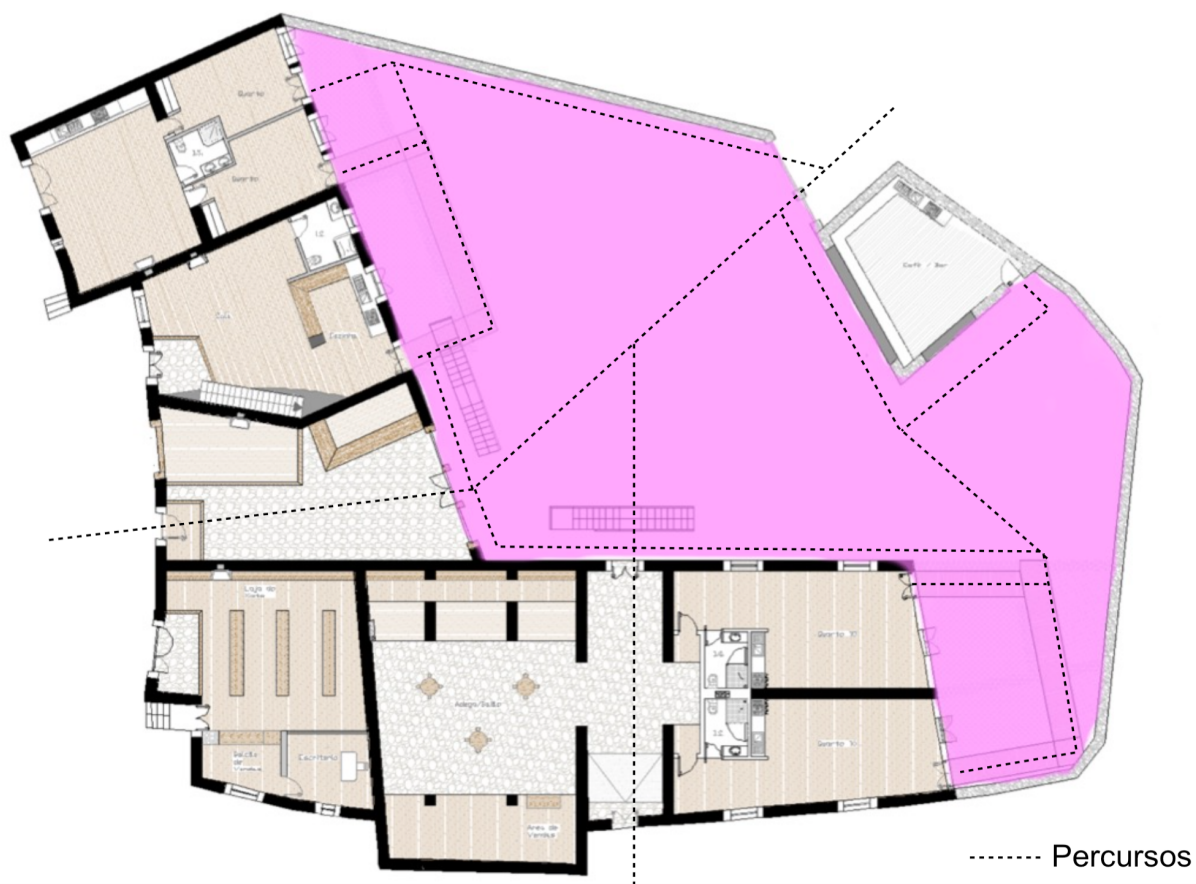


Fig. 73. Esquema de relações entre o Conjunto Edificado, (piso 0), e o Logradouro
Fonte: Autor

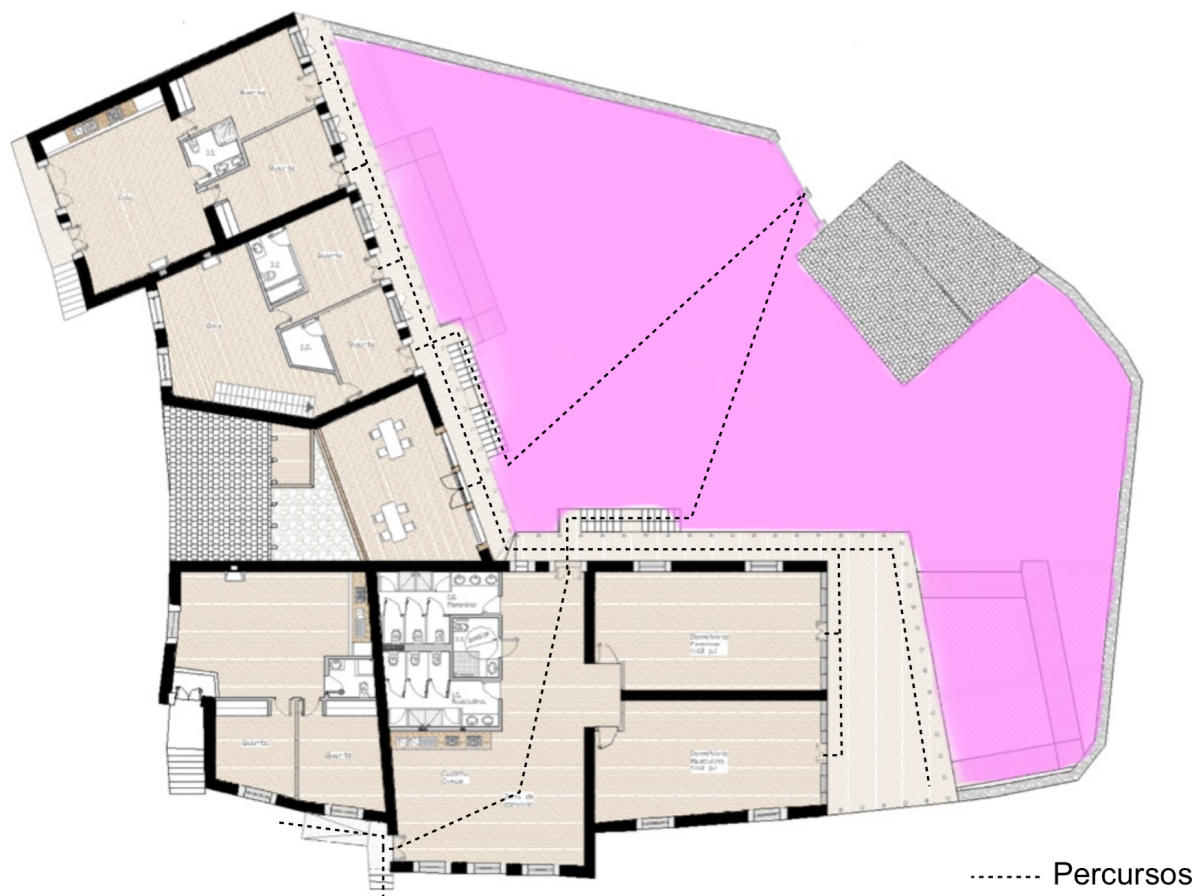


Fig. 74. Esquema de relações entre o Conjunto Edificado, (pisos 1), e o Logradouro
Fonte: Autor

Notas Finais

A proposta de projecto de reabilitação que se apresenta, ainda que sendo nada mais do que um mero exercício, retrata o exemplo de uma intervenção ciente das suas capacidades e limitações, que de acordo com o contexto em que se insere encontra na sua simplicidade a capacidade de se enquadrar hábil e subtilmente no âmbito geral da intervenção.

Ao perceber como respeitar a identidade do lugar e a memória do conjunto edificado sem que este perdesse a sua essência, torna possível a criação de novas actividades e de novos usos que o tornarão em simultâneo espaço de vivência e local de reminiscência da tradição e da historicidade do lugar.

O dinamismo das relações entre o conjunto edificado é conseguido através do aproveitamento do Logradouro como espaço de excelência, de união, reflexão e de integração. O Logradouro é o local que por si só se encontra capacitado de criar pontes dinâmicas entre todo o aglomerado habitacional, por mais díspar que seja a utilização tipo de cada um dos espaços, pelo que se transforma assim numa mais valia no contexto de toda a reabilitação, pelo relacionar do logradouro com o espaço edificado que lhe é circundante e vice versa, estes tornam-se um só, servindo, defendendo e enaltecendo-se mutuamente.

O reabilitar do objecto arquitectónico, é também o reabilitar das vivências do lugar.

Bibliografia

- ADXTUR. EEC Rede das Aldeias do Xisto. Provere, Janeiro de 2009.
- Afonso, João. Martins, Fernando; Meneses, Cristina. *Arquitectura Popular em Portugal*. Edição Ordem dos Arquitectos. Lisboa, Outubro de 2014.
- Appleton, João (2003). *Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção*. Amadora: Orion.
- Appleton, João. *Reabilitação de Edifícios Antigos e Sustentabilidade*. VI ENEEC 2010
- Associação de Desenvolvimento Turístico das Aldeias Históricas de Portugal. Rede das Aldeias
- CAPITEL, Antón –*La Arquitectura Del Pátio*, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 2005.
- Carvalho, J.; Pinto, J.; Varum, H.; Jesus, A.; Lousada, J.; Morais, J. (2008). *Construções em tabique na região de Trás-os-Montes e Alto Douro*. CINPAR 2008 – 4th International Conference on Structural Defects and Repair. Civil Engineering Department – University of Aveiro. Portugal. 25-28 June. Editores: Humberto Varum, Francisco Carvalho, Aníbal Costa, Alexandre Bertini, Petr Stepánek.
- CCRC – Comissão de Coordenação da Região Centro. *Programa das Aldeias Históricas de Portugal, Beira Interior*. 2a edição, Setembro de 1999.
- CCRC - Comissão de Coordenação da Região Centro. *Programa Operacional da Região Centro 2000/2006*. Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, 2001.
- Cóias, Vitor. *Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos*, Editora, GECORPA
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDRAlg) (2008). *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão*. Faro: Edições Afrontamento.
- Cruz, Carla. Redentor, Armando. *Montesinho: notas histórico-geográficas*. In *Montesinho num olhar à arquitectura popular*. Editora, Aresta. Torres Vedras: Parque Natural de Montesinho, 2000.
- Freitas, V. P. (2012). *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Porto: Ordem dos Engenheiros da Região Norte.
- Guerra, Carlos. *O homem faz as casas, as casas fazem o homem Manual de recuperação e construção*, Publicação Parque Natural de Montesinho, 2ª edição, Bragança, Agosto de 1993.

-Históricas de Portugal - Estratégia de Eficiência Colectiva e Plano de Acção. Provere, Janeiro de 2009.

-Moreira, M., Camarinhas, C., Paulo, L. Património Rural em Portugal - Um contributo para o desenvolvimento sustentado do interior português. Projeto de Investigação, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Junho de 2004.

-Roque, J. (2002). *Strengthening and structural rehabilitation of old masonry walls (in Portuguese) / Reforço e reabilitação estrutural de paredes antigas de alvenaria*. Visualizado em 22 de Maio de 2012, disponível em http://www.civil.uminho.pt/masonry/publications/2002_roque.pdf

-Sangué, Marcel; Beaulieu, Jean. La Couverture En Ardoise, Edição por, Chambre Syndicale des Ardoisières de L'Ouest. 1969

-Teixeira, J. J. (2004). Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Obtido em 15 de Julho de 2012, de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/39475/2/2444.pdf>

Dissertações Consultadas

-Ferreira, P. *Programa de recuperação de aldeias históricas em Portugal - Um balanço*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Junho de 2011.

Ferreira, P. Programa de recuperação de aldeias históricas em Portugal - Um balanço. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Junho de 2011.

-Freitas, V. *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Ordem dos Engenheiros - Região Norte, Porto, 2012.

-Mateus, R. Avaliação da Sustentabilidade da Construção - propostas para o desenvolvimento de edifícios mais sustentáveis. Universidade do Minho, Guimarães, 2009.

-Moreira, I. Aldeias de Xisto - Projecto para reabilitação da aldeia da Cerdeira. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Julho de 2011.

-Paulo, L. A reabilitação do património como factor de desenvolvimento local - o modelo de aldeia sustentável. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

Apêndices

A1 - Fichas técnicas de Caracterização Tipo- Morfológica de Edificado

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes - ISMAT

CURSO DE ARQUITECTURA

**BRAGANÇA,
PARQUE NATURAL DE MONTESINHO,
QUINTANILHA**

**PLANO DE PORMENOR DE SALVAGUARDA
DE HABITAÇÕES RURAIS EM XISTO**

**FICHA DE CARACTERIZAÇÃO TIPO-MORFOLÓGICA -
EDIFICADO**



**RUA :
PROPRIETÁRIO :
Nº DE POLÍCIA :
CÓDIGO : A1**

I. RELAÇÃO COM A MATRIZ DA HABITAÇÃO TRADICIONAL DE XISTO

	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO
VOLUMETRIA			

ALÇADO	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO

II.

1. VOLUMETRIA

	PLANO DA RUA	RECUADOS	ÁGUAS FURTADAS
1.1 Nº DE PISOS			
1.2 Nº DE FRENTES LIVRES			

2. ALÇADO

	MÉTRICA		ELEMENTOS SALIENTES					
	ORIGINAL	PARCIAL	VARANDA (A)	PALA (B)	TOLDO (C)	ESCADAS (D)	AR C. (E)	OUTROS (F)
1º PISO								
2º PISO								
3º PISO								
4º PISO								

3. CONSTRUÇÃO

	ALVENARIA PEDRA (A)	ALVENARIA TIJOLO (B)	MISTO (C)	OUTRO (D)
3.1 SISTEMA CONSTRUTIVO				

	REBOCO (A)	PEDRA (B)	ADOBE (C)	CERÂMICO (D)
3.2 REVESTIMENTOS				

	INCLINADA (A)	Nº DE ÁGUAS (B)	PLANA (C)	TERRAÇO (D)	REMATE (D)	
3.3.1 TIPO DE COBERTURA					PLATIBANDA	BEIRADO

	GUARNIÇÃO		CAIXILHO JANELA			GUARDA		
	MADEIRA	PEDRA	MADEIRA	ALUMÍNIO	FERRO	MADEIRA	PEDRA	OUTRO
3.4.1 VÃOS								

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.5 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO					

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.6 ÉPOCA DE REABILITAÇÃO					

	BOM	MÉDIO	MAU	RUÍNA
3.7 ESTADO DE CONSERVAÇÃO				

	REVESTIMENTO	COBERTURA	ESSTRUTURA	VÃOS
3.8 LOCALIZAÇÃO PATOLOGIAS				

4. USOS

	TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	Nº POLICIA	Nº PISOS	CAMAS
HABITAÇÃO					
SERVIÇOS					
ARMAZÉNS					
ADEGA					
LOJA ANIMAIS					
PALHEIRO					
RELIGIOSO					
ALBERGARIA					
MISTO HABITAÇÃO/ ADEGA					

5. REGISTO OBSERVAÇÕES

OUTROS ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS
OUTROS APONTAMENTOS REFERENTES AO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO: ALDEIA DE QUINTANILHA

6. REGISTO FOTOGRÁFICO







Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes - ISMAT

CURSO DE ARQUITECTURA

**BRAGANÇA,
PARQUE NATURAL DE MONTESINHO,
QUINTANILHA**

**PLANO DE PORMENOR DE SALVAGUARDA
DE HABITAÇÕES RURAIS EM XISTO**

**FICHA DE CARACTERIZAÇÃO TIPO-
MORFOLÓGICA - EDIFICADO**



**RUA :
PROPRIETÁRIO :
Nº DE POLÍCIA :
CÓDIGO : A2**

II. RELAÇÃO COM A MATRIZ DA HABITAÇÃO TRADICIONAL DE XISTO

	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO
VOLUMETRIA			

ALÇADO	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO

II.

1. VOLUMETRIA

	PLANO DA RUA	RECUADOS	ÁGUAS FURTADAS
1.1 Nº DE PISOS			
1.2 Nº DE FRENTES LIVRES			

2. ALÇADO

	MÉTRICA		ELEMENTOS SALIENTES					
	ORIGINAL	PARCIAL	VARANDA (A)	PALA (B)	TOLDO (C)	ESCADAS (D)	AR C. (E)	OUTROS (F)
1º PISO								
2º PISO								
3º PISO								
4º PISO								

3. CONSTRUÇÃO

	ALVENARIA PEDRA (A)	ALVENARIA TIJOLO (B)	MISTO (C)	OUTRO (D)
3.1 SISTEMA CONSTRUTIVO				

	REBOCO (A)	PEDRA (B)	ADOBE (C)	CERÂMICO (D)
3.2 REVESTIMENTOS				

	INCLINADA (A)	Nº DE ÁGUAS (B)	PLANA (C)	TERRAÇO (D)	REMATE (D)	
3.3.1 TIPO DE COBERTURA					PLATIBANDA	BEIRADO

	GUARNIÇÃO		CAIXILHO JANELA			GUARDA		
	MADEIRA	PEDRA	MADEIRA	ALUMÍNIO	FERRO	MADEIRA	PEDRA	OUTRO
3.4.1 VÃOS								

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.5 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO					

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.6 ÉPOCA DE REABILITAÇÃO					

	BOM	MÉDIO	MAU	RUÍNA
3.7 ESTADO DE CONSERVAÇÃO				

	REVESTIMENTO	COBERTURA	ESSTRUTURA	VÃOS
3.8 LOCALIZAÇÃO PATOLOGIAS				

4. USOS

	TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	Nº POLICIA	Nº PISOS	CAMAS
HABITAÇÃO					
SERVIÇOS					
ARMAZÉNS					
ADEGA					
LOJA ANIMAIS					
PALHEIRO					
RELIGIOSO					
ALBERGARIA					
MISTO HABITAÇÃO/ ADEGA					

5. REGISTO OBSERVAÇÕES

OUTROS ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS
OUTROS APONTAMENTOS REFERENTES AO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO: ALDEIA DE QUINTANILHA

6. REGISTO FOTOGRÁFICO





Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes - ISMAT

CURSO DE ARQUITECTURA

BRAGANÇA,
PARQUE NATURAL DE MONTESINHO,
QUINTANILHA

PLANO DE PORMENOR DE SALVAGUARDA
DE HABITAÇÕES RURAIS EM XISTO

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO TIPO-MORFOLÓGICA - EDIFICADO

RUA :
PROPRIETÁRIO :
Nº DE POLÍCIA :
CÓDIGO : A3



III. RELAÇÃO COM A MATRIZ DA HABITAÇÃO TRADICIONAL DE XISTO

	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO
VOLUMETRIA			

ALÇADO	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO

II.

1. VOLUMETRIA

	PLANO DA RUA	RECUADOS	ÁGUAS FURTADAS
1.1 Nº DE PISOS			
1.2 Nº DE FRENTES LIVRES			

2. ALÇADO

	MÉTRICA		ELEMENTOS SALIENTES					
	ORIGINAL	PARCIAL	VARANDA (A)	PALA (B)	TOLDO (C)	ESCADAS (D)	AR C. (E)	OUTROS (F)
1º PISO								
2º PISO								
3º PISO								
4º PISO								

3. CONSTRUÇÃO

	ALVENARIA PEDRA (A)	ALVENARIA TIJOLO (B)	MISTO (C)	OUTRO (D)
3.1 SISTEMA CONSTRUTIVO				

	REBOCO (A)	PEDRA (B)	ADOBE (C)	CERÂMICO (D)
3.2 REVESTIMENTOS				

	INCLINADA (A)	Nº DE ÁGUAS (B)	PLANA (C)	TERRAÇO (D)	REMATE (D)	
3.3.1 TIPO DE COBERTURA					PLATIBANDA	BEIRADO

	GUARNIÇÃO		CAIXILHO JANELA			GUARDA		
	MADEIRA	PEDRA	MADEIRA	ALUMÍNIO	FERRO	MADEIRA	PEDRA	OUTRO
3.4.1 VÃOS								

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.5 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO					

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.6 ÉPOCA DE REABILITAÇÃO					

	BOM	MÉDIO	MAU	RUÍNA
3.7 ESTADO DE CONSERVAÇÃO				

	REVESTIMENTO	COBERTURA	ESSTRUTURA	VÃOS
3.8 LOCALIZAÇÃO PATOLOGIAS				

4. USOS

	TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	Nº POLICIA	Nº PISOS	CAMAS
HABITAÇÃO					
SERVIÇOS					
ARMAZÉNS					
ADEGA					
LOJA ANIMAIS					
PALHEIRO					
RELIGIOSO					
ALBERGARIA					
MISTO HABITAÇÃO/ ADEGA					

5. REGISTO OBSERVAÇÕES

OUTROS ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS
OUTROS APONTAMENTOS REFERENTES AO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO: ALDEIA DE QUINTANILHA

6. REGISTO FOTOGRÁFICO





CURSO DE ARQUITECTURA

**BRAGANÇA,
PARQUE NATURAL DE MONTESINHO,
QUINTANILHA**

**PLANO DE PORMENOR DE SALVAGUARDA
DE HABITAÇÕES RURAIS EM XISTO**

**FICHA DE CARACTERIZAÇÃO TIPO-
MORFOLÓGICA - EDIFICADO**



**RUA :
PROPRIETÁRIO :
Nº DE POLÍCIA :
CÓDIGO : A4**

IV. RELAÇÃO COM A MATRIZ DA HABITAÇÃO TRADICIONAL DE XISTO

	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO
VOLUMETRIA			

ALÇADO	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO

II.

1. VOLUMETRIA

	PLANO DA RUA	RECUADOS	ÁGUAS FURTADAS
1.1 Nº DE PISOS			
1.2 Nº DE FRENTES LIVRES			

2. ALÇADO

	MÉTRICA		ELEMENTOS SALIENTES					
	ORIGINAL	PARCIAL	VARANDA (A)	PALA (B)	TOLDO (C)	ESCADAS (D)	AR C. (E)	OUTROS (F)
1º PISO								
2º PISO								
3º PISO								
4º PISO								

3. CONSTRUÇÃO

	ALVENARIA PEDRA (A)	ALVENARIA TIJOLO (B)	MISTO (C)	OUTRO (D)
3.1 SISTEMA CONSTRUTIVO				

	REBOCO (A)	PEDRA (B)	ADOBE (C)	CERÂMICO (D)
3.2 REVESTIMENTOS				

	INCLINADA (A)	Nº DE ÁGUAS (B)	PLANA (C)	TERRAÇO (D)	REMATE (D)	
3.3.1 TIPO DE COBERTURA					PLATIBANDA	BEIRADO

	GUARNIÇÃO		CAIXILHO JANELA			GUARDA		
	MADEIRA	PEDRA	MADEIRA	ALUMÍNIO	FERRO	MADEIRA	PEDRA	OUTRO
3.4.1 VÃOS								

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.5 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO					

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.6 ÉPOCA DE REABILITAÇÃO					

	BOM	MÉDIO	MAU	RUÍNA
3.7 ESTADO DE CONSERVAÇÃO				

	REVESTIMENTO	COBERTURA	ESSTRUTURA	VÃOS
3.8 LOCALIZAÇÃO PATOLOGIAS				

4. USOS

	TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	Nº POLICIA	Nº PISOS	CAMAS
HABITAÇÃO					
SERVIÇOS					
ARMAZÉNS					
ADEGA					
LOJA ANIMAIS					
PALHEIRO					
RELIGIOSO					
ALBERGARIA					
MISTO HABITAÇÃO/ ADEGA					

5. REGISTO OBSERVAÇÕES

OUTROS ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS
OUTROS APONTAMENTOS REFERENTES AO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO: ALDEIA DE QUINTANILHA

6. REGISTO FOTOGRÁFICO







Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes -
ISMAT

CURSO DE ARQUITECTURA

**BRAGANÇA,
PARQUE NATURAL DE MONTESINHO,
QUINTANILHA**



**PLANO DE PORMENOR DE SALVAGUARDA
DE HABITAÇÕES RURAIS EM XISTO**

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO TIPO-MORFOLÓGICA - EDIFICADO

RUA :
PROPRIETÁRIO :
Nº DE POLICIA :
CÓDIGO : B1

V. RELAÇÃO COM A MATRIZ DA HABITAÇÃO TRADICIONAL DE XISTO

	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO
VOLUMETRIA			

ALÇADO	NÃO ADULTERADA	ADULTERADA	SEM RELAÇÃO

II.

1. VOLUMETRIA

	PLANO DA RUA	RECUADOS	ÁGUAS FURTADAS
1.1 Nº DE PISOS			
1.2 Nº DE FRENTES LIVRES			

2. ALÇADO

	MÉTRICA		ELEMENTOS SALIENTES					
	ORIGINAL	PARCIAL	VARANDA (A)	PALA (B)	TOLDO (C)	ESCADAS (D)	AR C. (E)	OUTROS (F)
1º PISO								
2º PISO								
3º PISO								
4º PISO								

3. CONSTRUÇÃO

	ALVENARIA PEDRA (A)	ALVENARIA TIJOLO (B)	MISTO (C)	OUTRO (D)
3.1 SISTEMA CONSTRUTIVO				

	REBOCO (A)	PEDRA (B)	ADOBE (C)	CERÂMICO (D)
3.2 REVESTIMENTOS				

	INCLINADA (A)	Nº DE ÁGUAS (B)	PLANA (C)	TERRAÇO (D)	REMATE (D)	
3.3.1 TIPO DE COBERTURA					PLATIBANDA	BEIRADO

	GUARNIÇÃO		CAIXILHO JANELA			GUARDA		
	MADEIRA	PEDRA	MADEIRA	ALUMÍNIO	FERRO	MADEIRA	PEDRA	OUTRO
3.4.1 VÃOS								

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.5 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO					

	SÉC.XVIII	SÉC. XIX	1ª SÉC. XX	2ª SÉC. XX	1ª SÉC.XXI
3.6 ÉPOCA DE REABILITAÇÃO					

	BOM	MÉDIO	MAU	RUÍNA
3.7 ESTADO DE CONSERVAÇÃO				

	REVESTIMENTO	COBERTURA	ESSTRUTURA	VÃOS
3.8 LOCALIZAÇÃO PATOLOGIAS				

4. USOS

	TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	Nº POLICIA	Nº PISOS	CAMAS
HABITAÇÃO					
SERVIÇOS					
ARMAZÉNS					
ADEGA					
LOJA ANIMAIS					
PALHEIRO					
RELIGIOSO					
ALBERGARIA					
MISTO HABITAÇÃO/ ADEGA					

5. REGISTO OBSERVAÇÕES

OUTROS ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS
OUTROS APONTAMENTOS REFERENTES AO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO: ALDEIA DE QUINTANILHA

6. REGISTO FOTOGRÁFICO







A1 - Ortofotomapas cedidos pelo Município de Bragança.

A2 - Documento comprovante da parceria Autor / Município de Bragança.